

Brian L. Weiss
Muitas Vidas, Muitos Mestres



Para Carole, minha esposa,
Cujo amor me fortaleceu e me apoiou
Por mais tempo do que aquele que consigo recordar. Estaremos juntos até ao fim
dos tempos.

Os meus agradecimentos vão em primeiro lugar para os meus filhos, Jordan e Amy, que me perdoaram por lhes roubar tanto tempo para poder escrever este livro.

Agradeço também a Nicole Paskow pela transcrição das gravações efetuadas nas sessões de terapia.

As sugestões editoriais de Julie Rubin, depois de ter lido o primeiro rascunho deste livro, tiveram para mim imenso valor.

Os meus agradecimentos do fundo do coração para Barbara Guess, a minha editora na Simon & Schuster, pelos seus conhecimentos e pela sua coragem.

A minha mais profunda estima vai também para todos os outros que de qualquer modo me ajudaram a tornar este livro possível.

Prefácio

Sei que existe uma razão para todas as coisas. É possível que no momento em que ocorre um determinado acontecimento não tenhamos nem o discernimento nem a visão antecipada para compreendermos a razão, mas com tempo e paciência tudo se virá a esclarecer.

Foi assim que tudo se passou com Catherine. Encontrei-a pela primeira vez em 1980 quando ela tinha vinte e sete anos. Viera ao meu consultório procurando ajuda para a ansiedade, ataques de pânico e angústia que a dominavam. Embora esses sintomas se verificassem desde a sua infância, haviam-se tornado muito mais graves num passado recente. À medida que os dias iam passando sentia-se cada vez mais paralisada e menos capaz de agir. Estava aterrorizada e compreensivelmente deprimida.

Em contraste com o caos que nessa altura se verificava na vida dela, a minha corria da melhor maneira possível. Tinha um casamento estável, dois filhos ainda muito novos e uma carreira florescente.

Desde o princípio que a minha vida sempre pareceu seguir um percurso sem obstáculos. Crescera num lar onde predominava o afeto. O sucesso académico viera facilmente e no segundo ano da universidade tomei a decisão de vir a ser psiquiatra. Em 1966 licenciiei-me Phi Beta Kappa¹, magna cum laude, na Universidade de Columbia em New York. Segui então para a Escola de Medicina da Universidade de Yale e recebi o meu diploma de M.D.² em 1970. Depois de um internato no Centro de Medicina de Bellevue da Universidade de New York, regressei a Yale para completar a minha especialização em Psiquiatria. Terminada esta aceitei um lugar de professor na Universidade de Pittsburgh. Dois anos mais tarde mudei-me para a faculdade da Universidade de Miami, onde assumi o cargo de Diretor do Departamento de Psicofarmacologia. Foi aí que consegui conquistar um nome a nível nacional nos campos da psiquiatria biológica e do abuso de substâncias. Depois de quatro anos na universidade fui promovido ao lugar de Professor Associado de Psiquiatria na Escola Médica, e fui nomeado Diretor de Psiquiatria num grande hospital de Miami que se encontrava ligado à universidade. Nessa altura já publicara trinta e sete artigos científicos e estudos sobre temas da minha especialidade.

Anos de um estudo disciplinado haviam-me permitido treinar a mente como cientista e como médico, conduzindo-me ao longo de estreitas veredas no conservadorismo da minha profissão. Desprezava tudo aquilo que não fosse passível de ser provado por métodos científicos tradicionais. Estava ao corrente de alguns estudos em parapsicologia que eram conduzidos em universidades de renome por todo o país, mas que não conseguiam despertar a minha atenção. Para mim parecia tudo demasiado rebuscado.

Foi nessa altura que encontrei Catherine. Durante dezoito meses utilizei métodos convencionais para a ajudar a ultrapassar os seus sintomas. Quando parecia que nada funcionava, tentei a hipnose. Numa série de estados de transe, Catherine recordou memórias de «vidas passadas», que provaram serem os fatores causais dos seus sintomas. Também demonstrava ser capaz de agir como receptor de informações de «entidades espirituais» altamente evoluídas, e através delas revelou muitos segredos de vida e de morte. Em meia dúzia de meses os seus sintomas desapareceram, e ela retomou a sua vida, mais feliz e mais em paz do que alguma vez estivera.

Não havia nada na minha formação que me tivesse preparado para uma situação destas. Sentia-me absolutamente assombrado com o desenrolar destes acontecimentos.

Não possuo qualquer explicação científica para aquilo que se passou. Ainda hoje existe um número infindo de coisas a respeito da mente humana que se encontra para lá da nossa compreensão. Talvez fosse possível, sob hipnose, que Catherine conseguisse concentrar-se na parte da sua mente subconsciente que armazenava memórias reais de vidas passadas, ou talvez tivesse deparado com aquilo que o psicanalista Carl Jung designava por inconsciente coletivo, a fonte de energia que nos rodeia e contém as memórias de toda a raça humana.

Os cientistas estão a começar a procurar essas respostas. Nós, como sociedade, temos muito a ganhar com a investigação sobre os mistérios da mente, da alma,

da continuação da vida para além da morte, e da influência das experiências de vidas passadas no nosso comportamento atual. É óbvio, como se compreende, que as ramificações são ilimitadas, em especial nos campos da medicina, psiquiatria, teologia e filosofia.

No entanto, a investigação cientificamente rigorosa neste campo ainda se encontra na sua infância. Têm sido dados grandes passos para desvendar a informação a este respeito, mas o processo é lento e depara com grande resistência por parte de cientistas e leigos com idéias análogas.

Ao longo de toda a história a humanidade sempre resistiu a mudanças e à aceitação de novas idéias. Os registros históricos estão repletos de exemplos. Quando Galileu descobriu as luas de Júpiter, os astrônomos da época recusaram aceitar ou até mesmo olhar para esses satélites, porque a existência dessas luas era motivo de conflito com as suas crenças aceites de antemão. O mesmo se passa agora com psiquiatras e outras terapeutas, que recusam examinar e avaliar as provas consideráveis que têm sido reunidas sobre a sobrevivência após a morte corporal e sobre as memórias de vidas passadas. Os seus olhos continuam obstinadamente fechados.

Este livro representa a minha modesta contribuição para a evolução da investigação no campo da parapsicologia, especialmente o ramo que lida com as nossas experiências antes do nascimento e depois da morte. Tudo aquilo que o leitor irá ler é verídico. Não acrescentei o que quer que fosse e eliminei apenas as partes que eram repetitivas. Modifiquei levemente a identidade de Catherine exclusivamente para garantir a sua confidencialidade.

Levou-me quatro anos a escrever tudo aquilo que se passou, quatro anos para assumir o risco profissional de revelar esta informação não ortodoxa.

Aconteceu-me de repente numa noite em que me encontrava debaixo do chuveiro - senti um impulso irreprimível de transcrever esta experiência para o papel. Tinha uma sensação muito forte de que era a altura exata, de que não devia reter a informação por mais tempo. As lições que eu tivera deviam ser partilhadas com os outros, já não podiam ser guardadas em privado. O conhecimento viera através de Catherine e agora teria que ser passado através de mim. Sabia que nenhuma consequência que eu viesse a enfrentar poderia ser mais devastadora do que o fato de não partilhar o conhecimento que adquirira sobre a imortalidade e o verdadeiro significado da vida.

Saí rapidamente do chuveiro e sentei-me à secretária com o monte de fitas gravadas durante as sessões com Catherine. Às primeiras horas da madrugada, recordei-me do meu velho avô de origem húngara que morrera quando eu ainda era um adolescente. Sempre que lhe dizia que sentia medo de correr um risco qualquer, encorajava-me carinhosamente repetindo a sua frase favorita em Inglês: «*Vat the hell*», dizia, «*vat the hell.*» (Deita para o Inferno.)

No primeiro dia em que Catherine foi ao meu consultório envergava um vestido de um carmesim muito vivo e folheava nervosamente uma revista enquanto aguardava na sala de espera. Via-se nitidamente que lhe faltava o ar. Passara os

vinte minutos anteriores a caminhar de um lado para o outro no corredor que ficava do lado de fora dos consultórios do Departamento de Psiquiatria, tentando convencer-se a não desistir da consulta nem fugir a correr.

Fui à sala de espera para a cumprimentar e apertei-lhe a mão. Notei que tinha a mão fria e úmida, o que confirmava a sua ansiedade. Na realidade demorara dois meses a reunir coragem para marcar uma consulta comigo, mesmo depois de ter sido calorosamente aconselhada por dois médicos de clínica geral em quem confiava. Finalmente, ali estava ela.

Catherine é uma mulher extraordinariamente atraente, de cabelos louros que lhe descem até aos ombros e olhos cor de avelã. Trabalhava nessa altura como técnica de laboratório no hospital onde eu era Chefe de Psiquiatria, e tinha um rendimento extra a desenhar modelos de fatos de banho.

Conduzi-a para o meu consultório, esqueci-me do sofá e convidei-a a sentar-se numa ampla cadeira de couro. Ficamos sentados um em frente do outro, com a minha secretária semicircular a separar-nos. Catherine recostou-se na cadeira, silenciosa, não sabendo por onde é que havia de começar. Esperei, preferindo que ela escolhesse a abertura, mas depois de alguns minutos comecei a fazer-lhe perguntas sobre o seu passado. Nessa primeira visita começamos a deslindar quem era ela e porque é que viera consultar-me.

Respondendo às minhas perguntas, Catherine revelou a história da sua vida. Era a filha do meio, criada numa família católica conservadora de uma pequena cidade do Massachussets. O seu irmão, nascido três anos antes dela, era muito atlético, e gozava de uma liberdade que a ela nunca era permitida. A sua irmã mais nova era a favorita tanto do pai como da mãe.

Quando começamos a falar sobre os seus sintomas, ficou nitidamente mais tensa e nervosa. O discurso era rápido, e inclinava-se para a frente, apoiando os cotovelos na secretária. A sua vida sempre fora sobrecarregada com receios. Tinha medo da água, tinha medo de sufocar ao ponto de não conseguir tomar comprimidos, tinha medo de andar de avião, tinha medo do escuro, e sentia-se aterrorizada com a idéia de morrer. Num passado recente os seus temores haviam começado a piorar. Para se sentir segura era freqüente dormir no hall de entrada do seu apartamento. Tinha que suportar duas ou três horas de insônia antes de ser capaz de adormecer. E depois de cair no sono, este era leve e entrecortado, acordando freqüentemente. Os pesadelos e crises de sonambulismo que haviam atormentado a sua infância estavam a regressar. À medida que os seus medos e sintomas a paralisavam cada vez mais, ia-se tornando mais deprimida.

Enquanto Catherine continuava a falar, conseguia aperceber-me de como ela sofria. Ao longo dos anos ajudara muitos pacientes como Catherine a enfrentarem a agonia dos seus medos, e sentia que também era capaz de a ajudar. Decidi que era preciso mergulhar na sua infância, procurando os motivos originais dos seus problemas. Este tipo de visão interior ajuda normalmente a aliviar a ansiedade. Se necessário, e se ela conseguisse engolir comprimidos, tencionava propor-lhe que tomasse um ansiolítico leve para que se sentisse melhor. Para os sintomas de Catherine era um tratamento padrão de acordo com os manuais, e nunca hesitei em prescrever

tranquilizantes, ou mesmo medicamentos antidepressivos, no tratamento de medos e ansiedades graves de natureza crônica. Presentemente uso esses medicamentos com muito maior moderação e só temporariamente, embora procure sempre evitá-los. Não existe medicamento que seja capaz de alcançar as verdadeiras raízes desses sintomas. As minhas experiências com Catherine e outros pacientes como ela provaram-me isto sem margem para dúvidas. Agora sei que podemos ter verdadeiras curas e não apenas a supressão ou o mascarar de sintomas.

Durante a primeira sessão procurei gentilmente fazer com que ela recuasse até à sua primeira infância. Tendo verificado que Catherine só conseguia recordar um número extraordinariamente reduzido dos acontecimentos dos seus primeiros anos de vida, anotei mentalmente que a hipnoterapia talvez viesse a constituir um atalho permitindo ultrapassar esta resistência. Não se conseguia lembrar de quaisquer momentos especialmente traumáticos da sua infância que pudessem explicar a epidemia de medos da sua vida.

Enquanto ela fazia os maiores esforços procurando recordar-se, iam surgindo fragmentos isolados de fatos passados. Numa altura em que tinha cerca de cinco anos de idade, entrara em pânico quando alguém a empurrara para a prancha de uma piscina. No entanto afirmou que, mesmo antes do incidente, nunca se sentira confortável dentro de água. Quando Catherine tinha onze anos a mãe dela caiu numa depressão profunda. O estranho corte da mãe em relação a toda a família implicava a necessidade de visitas a um psiquiatra com subseqüentes tratamentos por eletrochoque. Esses tratamentos haviam feito com que a mãe sentisse dificuldades em recordar-se das coisas. Sentia-se aterrorizada com o que se tinha passado com a mãe, mas quando esta melhorou e voltou a ser de novo «ela», Catherine afirmou que os seus medos se haviam dissipado. O pai apresentava uma longa história de abuso de álcool e havia alturas em que o irmão de Catherine tinha que ir buscar o pai ao bar local. O aumento progressivo de consumo de álcool levou a que o pai começasse a ter brigas freqüentes com a mãe, o que fazia com que pouco a pouco se tornassem sorumbáticos e afastados um do outro. No entanto Catherine encarava estes acontecimentos como um padrão familiar que aceitava de antemão.

Fora de casa as coisas corriam melhor. No liceu tinha um namorado, e relacionava-se facilmente com as colegas, a maior parte das quais já conhecia há vários anos. Mesmo assim continuava a sentir dificuldade em acreditar nas pessoas, em especial nas que não pertenciam ao seu pequeno círculo de amigos.

A sua religião era simples e incontestada. Fora criada na crença da ideologia e práticas tradicionais católicas, e nunca chegara a duvidar da verdade e fundamentos da sua fé. Acreditava que todo aquele que fosse bom católico e vivesse corretamente, observando a fé e os seus rituais, seria recompensado indo para o céu; no caso contrário seria condenado ao purgatório ou ao inferno. Um Deus patriarcal e o Seu Filho tomavam estas decisões finais. Vim a saber mais tarde que Catherine não acreditava na reencarnação; de fato, sabia muito pouco sobre este conceito, embora tivesse lido alguma coisa a respeito dos Hindus. A reencarnação era uma idéia contrária à sua educação e compreensão. Nunca lera obras sobre questões metafísicas ou do oculto, não tendo demonstrado qualquer interesse por elas. Sentia-se segura das suas crenças.

Depois do liceu Catherine completou um programa técnico de dois anos, tendo recebido no final um diploma de técnica de laboratório. Armada com uma profissão e encorajada pela deslocação do irmão para Tampa, Catherine conseguiu um emprego em Miami num grande hospital escola filiado na Escola de Medicina da Universidade de Miami. Mudou-se para Miami na primavera de 1974, quando tinha vinte e um anos.

A vida de Catherine numa pequena cidade correria mais facilmente do que tudo aquilo que agora se via obrigada a enfrentar em Miami, mas mesmo assim sentia-se feliz por se ter escapado aos problemas familiares.

Durante o seu primeiro ano em Miami, Catherine conheceu Stuart. Casado, judeu e com dois filhos, era completamente diferente de qualquer outro homem com quem alguma vez tivesse saído. Era um médico de sucesso, forte e agressivo. Verificava-se entre eles uma atração irresistível, mas o seu relacionamento era agressivo e tempestuoso. Havia qualquer coisa nele que lhe despertava uma paixão intensa e que a dominava, como se fosse vítima de um encantamento. Na altura em que Catherine iniciou a terapia, a sua relação com Stuart já ia no sexto ano e a chama continuava viva, ou até talvez mesmo mais intensa. Catherine não conseguia resistir a Stuart embora este a tratasse incorretamente, e ao mesmo tempo sentia-se furiosa com as suas mentiras, promessas quebradas e manipulações.

Meses antes da minha consulta Catherine tivera necessidade de cirurgia das cordas vocais por causa de um nódulo benigno. Sentira-se ansiosa antes da cirurgia, mas estava absolutamente aterrorizada quando acordou da anestesia. Passaram-se horas até que as enfermeiras conseguissem acalmá-la. Depois da convalescença no hospital foi procurar o Dr. Edward Pole. Ed era um pediatra de temperamento amável que Catherine conhecera quando trabalhava no hospital. Havia sentido uma afinidade instantânea e tinham desenvolvido uma amizade íntima. Catherine falou abertamente com Edward, contando-lhe tudo o que se passava com os seus medos, com o seu relacionamento com Stuart, e que sentia que estava a perder o domínio sobre a sua vida. Ed insistiu com ela para que marcasse uma consulta comigo e só comigo, recusando qualquer dos meus colegas psiquiatras. Quando Ed me telefonou a contar-me o que se passara, explicou que, por uma razão que não conseguia entender, estava convencido de que só eu seria capaz de compreender verdadeiramente a Catherine, mesmo considerando que os outros psiquiatras também tinham excelentes credenciais e eram terapeutas altamente especializados. No entanto Catherine não me telefonou.

Passaram-se oito semanas. A azáfama do meu trabalho como Diretor do Departamento de Psiquiatria fizera-me esquecer a chamada telefônica de Ed. Os medos e fobias de Catherine pioraram. O Dr. Frank Acker, Diretor da Cirurgia, conhecera acidentalmente Catherine há vários anos e era freqüente tagarelarem alegremente quando ele ia ao laboratório onde ela trabalhava. Notara o seu recente aspecto de infelicidade e sentira a sua tensão. Por diversas vezes tentara dizer-lhe qualquer coisa, mas hesitara. Uma certa tarde Frank seguia de carro para um hospital mais pequeno e que ficava afastado, onde ia dar uma conferência. No caminho viu Catherine, de automóvel a caminho de casa, que ficava próxima deste hospital, e impulsivamente fez-lhe sinal para estacionar na berma da estrada.

«Quero que vá consultar o Dr. Weiss agora», gritou-lhe através da janela. «Não há desculpas.» Embora fosse habitual os cirurgiões agirem de modo impulsivo, até o próprio Frank se sentia surpreendido pelo modo autoritário como agira.

Os ataques de pânico e de ansiedade de Catherine estavam a aumentar de frequência e de duração. Começou a ter dois pesadelos que se repetiam. Num deles uma ponte desmoronava-se quando passava de automóvel. O carro mergulhava na água que corria em baixo e ela não se conseguia libertar, afogando-se lentamente. No segundo pesadelo estava presa numa sala escura como breu, tropeçando e caindo sobre as coisas, incapaz de encontrar o caminho da saída. Finalmente veio consultar-me.

Na altura da minha primeira sessão com Catherine não fazia a menor idéia de que a minha vida se iria virar do avesso, de que a aterrorizada e confusa mulher que se encontrava do outro lado da secretária viria a ser o agente catalítico, e de que eu nunca mais voltaria a ser o mesmo.

Passaram-se dezoito meses de psicoterapia intensiva, com Catherine a vir à consulta uma ou duas vezes por semana. Era uma boa paciente, faladora, capaz de expor visões interiores e extremamente desejosa de se curar.

Durante esse período exploramos os seus sentimentos, pensamentos e sonhos. O seu reconhecimento de padrões repetidos de comportamento possibilitou-lhe uma visão interior e compreensão. Recordava muitos mais detalhes significativos do seu passado, tais como as ausências de casa do pai como tripulante de um navio mercante e as suas ocasionais explosões violentas depois de ter bebido demasiado. Compreendia muito melhor a sua relação turbulenta com Stuart, e era capaz de exprimir a irritação de um modo mais apropriado. Senti que naquela altura já deveria ter melhorado muito. Os pacientes melhoram quase sempre quando recordam influências desagradáveis do seu passado, quando aprendem a reconhecer e a corrigir padrões de comportamento inadequados e quando desenvolvem uma visão interior que lhes permite analisar os seus problemas sob uma perspectiva mais ampla e mais independente. Mas Catherine não tinha melhorado.

A ansiedade e os ataques de pânico ainda a torturavam. Continuava a ter os pesadelos atrozes e ainda se sentia aterrorizada com o escuro, com a água e com o receio de poder ser fechada. O sono dela continuava a ser fragmentado e pouco reparador. Sentia palpitações no coração. Continuava a recusar todo e qualquer medicamento, com medo de sufocar com os comprimidos. Tive a sensação de que chegara a um muro e que fizesse aquilo que fizesse este continuaria tão alto que nenhum de nós seria capaz de o ultrapassar. Mas com o meu sentimento de frustração surgiu-me igualmente um sentimento de determinação. Sabia que ia ajudar Catherine, mesmo não tendo uma idéia exata de como o ia fazer.

E foi então que aconteceu uma coisa estranha. Embora tivesse um medo enorme de voar e tivesse que se fortalecer com diversas bebidas quando se encontrava num avião, Catherine acompanhou Stuart a uma conferência médica em Chicago, na Primavera de 1982. Enquanto aí estavam convenceu-o a ir visitar uma exposição egípcia no Museu de Arte, onde se juntaram a uma visita guiada.

Catherine sempre se interessara por antigos artefatos egípcios e por reproduções de relíquias dessa época. Dificilmente se poderia afirmar que era uma estudiosa, nunca se tendo interessado por esse período da história, mas os artigos pareciam-lhe de certo modo familiares.

Quando o guia começou a descrever alguns dos artefatos que se encontravam na exposição, deu por si a corrigi-lo... e tinha razão! O guia estava surpreso; Catherine estava estupefata. Como é que ela sabia todas aquelas coisas? Por que e que ela sentia de uma forma tão intensa que tinha razão, por que é que se sentia tão segura de si, a ponto de ter corrigido o guia em público? Talvez as recordações da sua infância tivessem sido esquecidas.

Na consulta seguinte contou-me o que se passara. Meses antes sugerira a Catherine um tratamento por hipnose, mas ela tivera medo e resistira. Desta vez, e depois da experiência na exposição egípcia, concordou com relutância.

A hipnose constitui uma ferramenta excelente para ajudar um paciente a recordar incidentes há muito esquecidos. Não existe nada de misterioso a seu respeito. Trata-se apenas de um estado de concentração focada. Sob as instruções de um hipnotizador com experiência, o corpo do paciente descontrai-se, o que permite que a memória se avive. Já hipnotizei centenas de pacientes e sempre considerei esta técnica de grande ajuda para reduzir a ansiedade, eliminar fobias, mudar maus hábitos e ajudar a recordar assuntos recalcados. Por vezes tenho tido sucesso em fazer retroceder pacientes à sua primeira infância, mesmo a alturas em que tinham apenas dois ou três anos, conseguindo assim descobrir memórias de traumas há muito esquecidos que estavam a destruir as suas vidas. Tinha confiança em que a hipnose podia ajudar Catherine.

Pedi a Catherine que se deitasse no sofá, com os olhos semicerrados e a cabeça apoiada numa pequena almofada. Inicialmente concentramo-nos na sua respiração. Em cada expiração libertava a tensão e a ansiedade que tinha armazenadas; com cada inalação descontraiam-se ainda mais. Ao fim de alguns minutos deste procedimento disse-lhe para visualizar os seus músculos a descontraiam-se progressivamente, começando pelos músculos do rosto e do maxilar, em seguida o pescoço e os ombros, os braços, costas e músculos do estômago, e finalmente as pernas. Sentia todo o corpo a afundar-se cada vez mais no sofá.

Em seguida dei-lhe instruções para visualizar uma luz branca brilhante no cimo da cabeça, dentro do corpo. Mais tarde, depois de ter conseguido que a luz se difundisse lentamente por todo o corpo, descontraiu completamente todos os músculos, todos os nervos, todos os órgãos - o corpo inteiro - levando-a a um estado cada vez mais profundo de descontração e de paz. Sentia-se gradualmente mais e mais sonolenta, cada vez mais calma e em paz à medida que o tempo decorria. De vez em quando, e segundo as minhas instruções, a luz além de lhe preencher o corpo também a envolvia.

Contei lentamente em sentido inverso, de dez para um. A cada número entrava num estado de descontração ainda mais profundo. O seu estado de transe tornou-se mais intenso. Era capaz de se concentrar na minha voz e excluir todos os ruídos do ambiente em que nos encontrávamos. Quando cheguei a um, encontrava-se num

estado de hipnose moderadamente profundo. O procedimento completo durara cerca de vinte minutos.

Depois de algum tempo comecei a fazer a regressão, pedindo-lhe para recordar fatos de épocas cada vez mais distantes.

Era capaz de falar e de responder às minhas perguntas enquanto se mantinha num profundo estado de hipnose. Recordava-se de uma experiência traumática no dentista, que tivera com a idade de seis anos. Recordava-se nitidamente de uma experiência aterradora com a idade de cinco anos quando fora empurrada de uma prancha para a piscina. Nessa altura engasgara-se e sufocara, tendo engolido alguma água, e enquanto falava a esse respeito começou a engasgar-se no meu consultório. Recordei-lhe que a experiência já passara, que não se encontrava dentro de água. A sensação de asfixia passou e continuou com uma respiração normal. Permanecia ainda num transe profundo.

Com três anos ocorrera o pior de todos os acontecimentos. Recordou-se de ter acordado no quarto às escuras e de ter consciência de que o pai se encontrava no quarto. Nessa altura tresandava a álcool e agora durante a sessão voltava a sentir o cheiro. Tocou-lhe e afagou-a, mesmo «em baixo». Ela estava aterrorizada e começou a chorar, o que fez com que ele lhe tapasse a boca com a mão áspera. Não conseguia respirar. No meu consultório, no sofá, vinte e cinco anos depois, Catherine começou a soluçar. Fiquei convencido de que agora tínhamos conseguido a informação, a chave que permitia desvendar o mistério. Tinha a certeza de que o seu estado iria melhorar rapidamente e de uma forma notável. Recordei-lhe suavemente que a experiência terminara, que já não estava no quarto, mas a repousar calmamente, ainda em transe. Os soluços terminaram. Fiz com que ela se deslocasse no tempo até à sua idade atual. Despertei-a depois de lhe ter dado instruções pós-hipnóticas para recordar tudo aquilo que me dissera. Passamos o resto da sessão a discutir a súbita recordação nítida que ela tivera do trauma a respeito do incidente ocorrido com o pai. Tentei ajudá-la a aceitar e a integrar o seu «novo» conhecimento. Compreendia agora o seu relacionamento com o pai, as reações que ele tinha para com ela, a sua reserva, e o medo que ela tinha dele. Ainda tremia quando saiu do consultório, mas eu tinha a certeza de que a compreensão que ela adquirira compensava o desconforto momentâneo.

Absorvido pelo drama de descobrir as suas dolorosas recordações profundamente recalçadas, esquecera-me completamente de analisar uma possível ligação de infância com o conhecimento dos artefatos egípcios. Mas pelo menos começava a compreender melhor o seu passado. Recordara diversos acontecimentos aterradores e pela minha parte esperava uma melhoria significativa dos seus sintomas.

Apesar desta nova compreensão, na semana seguinte informou-me de que os seus sintomas permaneciam intactos, tão graves como anteriormente. Fiquei surpreendido, não conseguindo compreender o que é que estava errado. Seria possível que tivesse acontecido alguma coisa antes dos três anos? Havíamos descoberto razões mais do que suficientes para justificarem o seu medo de sufocar, da água, do escuro, de ficar fechada, e mesmo assim os medos e sintomas agudos e a ansiedade incontável continuavam a devastar os seus períodos de vigília. Os

seus pesadelos eram tão aterradores como antes. Decidi fazer uma regressão levando-a mais atrás.

Enquanto estava hipnotizada, Catherine falava num murmúrio lento e pausado. Foi assim que pude escrever aquilo que ela dizia palavra por palavra e citei Catherine diretamente. (Os pontos representam pausas no seu discurso e não eliminação de palavras nem qualquer apresentação especial da minha parte. No entanto não incluo parte do material, nos casos em que este se torna repetitivo.)

Lentamente, reconduzi Catherine à idade dos dois anos, mas esta não se recordava de nada que fosse significativo. Dei-lhe instruções firmes e claras: «Regresse ao tempo onde têm origem os seus sintomas.» Não estava de modo nenhum preparado para o que surgiu a seguir.

«Vejo degraus brancos que conduzem a um edifício, um grande edifício branco com pilares, aberto na frente. Não há portas, eu uso um vestido comprido... um vestido solto feito de um material grosseiro. Uso tranças e o meu cabelo é comprido e louro.»

Sentia-me confuso. Não tinha a certeza do que estava a acontecer. Perguntei-lhe em que ano estava, como é que se chamava. «Aronda... Tenho dezoito anos. Vejo um mercado diante do edifício. Há cestos... Carregam-se os cestos ao ombro. Vivemos num vale... Não há água. O ano é o de 1863 a.C. A zona é árida, quente e arenosa. Há um poço, não existem rios. A água chega ao vale vinda das montanhas.»

Depois de me ter relatado mais detalhes topográficos digo-lhe para avançar no tempo mais alguns anos e para me contar o que viu.

«Há árvores e uma estrada em lajes de pedra. Vejo uma fogueira onde estão a cozinhar. O meu cabelo é louro. Uso um vestido castanho comprido, de tecido grosseiro, e sandálias. Tenho vinte e cinco anos. Tenho uma filha que se chama Cleastra... Ela é a Raquel. [No tempo atual Raquel é a sua sobrinha; sempre tiveram um relacionamento muito chegado.] Está muito calor.»

Sentia-me alarmado. Tinha um nó no estômago e o gabinete parecia gelado. As suas visualizações e evocações pareciam absolutamente precisas. Não aparentava de modo nenhum que estivesse a fazer tentativas. Nomes, datas, vestuário, árvores - tudo visto com tanta nitidez! O que é que se estava a passar? Como é que a criança que na altura era sua filha podia agora ser sua sobrinha? Cada vez me sentia mais confuso. Já examinara milhares de pacientes psiquiátricos, muitos deles sob hipnose, e nunca me acontecera antes deparar com fantasias como esta - nem mesmo em sonhos. Dei-lhe instruções para avançar no tempo até à sua morte. Não me sentia seguro a respeito das perguntas que poderia fazer a alguém no meio de uma fantasia tão explícita (ou recordação?), mas procurava encontrar acontecimentos traumáticos que pudessem estar subjacentes a medos ou sintomas atual. Os acontecimentos na altura da morte podiam ser especialmente traumáticos. Aparentemente uma inundação ou uma maré gigantesca estava a devastar a aldeia. «Há ondas gigantes que derrubam as árvores. Não existe qualquer lugar para onde se possa fugir. Está frio; a água está gelada. Tenho que salvar a minha bebê, mas não consigo... a única coisa que consigo fazer é apertá-la muito contra mim; a

água sufoca-me. Não consigo respirar, não consigo engolir... água salgada. A minha bebê é-me arrancada dos braços.» Catherine arfava, tendo dificuldade em respirar. De repente o seu corpo descontraiu-se completamente e a respiração tornou-se profunda e regular.

«Vejo nuvens... A minha bebê está comigo. E outras pessoas da minha aldeia. Vejo o meu irmão.»

Estava a descansar; esta vida terrena tinha terminado. Ainda se encontrava num transe profundo. Sentia-me espantado! Vidas anteriores? Reencarnação? A minha mente clínica disse-me que ela não estava a fantasiar sobre este assunto, que não estava a representar. Os seus pensamentos, as suas expressões, a atenção dada a detalhes particulares, tudo era absolutamente diferente do seu estado consciente. Surgiu-me na mente uma gama completa de todos os diagnósticos psiquiátricos possíveis, mas o seu estado psiquiátrico e a sua estrutura de caráter não conseguiam explicar estas revelações. Esquizofrenia? Não, nunca apresentara qualquer sintoma de uma desordem cognitiva ou de pensamento. Nunca experimentara quaisquer alucinações auditivas em que ouvisse vozes, alucinações visuais ou visões no estado de vigília, ou qualquer outro tipo de episódios psicóticos. Não sofria de alucinações nem se encontrava ausente da realidade. Não apresentava personalidades múltiplas ou desdobradas. Havia apenas uma Catherine e a sua mente consciente tinha um conhecimento perfeito disso. Não apresentava quaisquer tendências sociopáticas ou anti-sociais. Não era uma atriz. Não consumia drogas nem ingeria substâncias alucinógenas. O seu uso de álcool era mínimo. Não tinha qualquer doença neurológica ou psicológica que pudesse explicar esta experiência nítida e imediata, enquanto se encontrava hipnotizada.

Tratava-se de um certo tipo de memórias, mas de onde? Sentia intimamente que tropeçara em qualquer coisa a respeito da qual sabia muito pouco - Reencarnação e recordações de vidas passadas. Não era possível, disse a mim próprio; a minha mente treinada cientificamente opunha-se a uma situação destas. E, no entanto, ali estava tudo a acontecer diante dos meus olhos. Não conseguia explicá-lo, mas também não era capaz de negar a realidade do que acontecia.

«Continue» disse-lhe eu, um pouco amedrontado, mas ao mesmo tempo fascinado com o que estava a acontecer. «Lembra-se de mais alguma coisa?» Recordava-se de fragmentos de outras duas vidas.

«Tenho um vestido de renda negra e também uso renda negra na cabeça. Tenho cabelo escuro, já grisalho. Vivo no ano de 1756. [d.C.] Sou espanhola. Chamo-me Louisa e tenho cinquenta e seis anos. Estou a dançar; mas também há mais pessoas a dançarem. [Pausa longa.] Estou doente; tenho febre, suores frios... Há muitas pessoas doentes; há gente que está a morrer... Os médicos não sabem que o problema é da água.» Fiz com que avançasse no tempo. «Estou a recuperar mas ainda me dói a cabeça; os olhos e a cabeça ainda me doem da febre, da água... Muitos morreram.»

Chegou a dizer-me, mais tarde, que nessa vida fora uma prostituta, mas que não dera essa informação porque se sentia envergonhada com a situação.

Aparentemente, e mesmo hipnotizada, Catherine podia censurar as informações que me ia transmitindo.

Uma vez que Catherine reconhecera a sobrinha numa outra vida, perguntei-lhe impulsivamente se eu me encontrava presente em alguma das suas outras vidas. Sentia-me curioso a respeito do meu papel nas suas recordações, se de fato chegara a ter algum. Respondeu rapidamente, o que contrastava com o discurso anterior, muito lento e ponderado.

«E o meu professor, e está sentado num banco. Ensina-nos a partir de livros. É um homem de idade com cabelos grisalhos. Usa uma veste branca [toga] com uma bordadura dourada... O seu nome é Diógenes. Ensina-nos símbolos, triângulos. É muito sábio, mas não consigo compreender. Estamos no ano de 1568 a.C.» (Isto terá acontecido cerca de 1200 anos antes da época do notável filósofo cínico grego Diógenes. O nome não era invulgar.)

A primeira sessão terminara. Mas estavam para vir outras ainda mais espantosas. Depois de Catherine ter saído, e durante os dias seguintes, ponderei os detalhes da regressão hipnótica. Era natural que eu refletisse a este respeito. Era praticamente impossível que os pormenores que emergiam de uma hora de terapia mesmo «normal» escapassem à minha obsessiva análise mental, e esta sessão dificilmente poderia ser considerada como «normal». Além disso, sentia-me muito céptico a respeito da vida depois da morte, reencarnação, experiências extracorporais e fenômenos análogos. Afinal de contas a minha parte lógica ruminava, dizendo-me que tudo isto talvez não passasse de uma simples fantasia. De fato, não tinha a menor possibilidade de comprovar qualquer das suas afirmações ou visualizações. Mas também tinha consciência, embora de uma forma muito mais tênue, de um pensamento posterior muito menos emocional. Mantém a mente aberta, dizia-me o pensamento; a verdadeira ciência começa com a observação. As suas «memórias» talvez não sejam fantasia ou imaginação. Poderá haver mais qualquer coisa do que chamar a atenção única e exclusivamente. Mantém uma mente aberta. Obtém mais elementos.

Tive um outro pensamento incomodo. Estaria Catherine, tão dada a ansiedades e medos, na disposição de se submeter a uma nova sessão de hipnotismo? Decidi não lhe telefonar. Aliás, o melhor era deixá-la também digerir a experiência. Pela minha parte iria esperar até à semana seguinte.

Uma semana mais tarde, Catherine entrou ruidosamente no meu consultório para uma nova sessão de hipnose. Linda antes de mais, estava mais radiante do que nunca. Anunciou alegremente que o medo de se afogar que sentira durante toda a sua vida tinha desaparecido. Os seus medos de sufocar tinham de certo modo diminuído. O seu sono deixara de ser interrompido pelo pesadelo de uma ponte que se desmoronava. Embora se lembrasse dos detalhes da sua evocação de vidas passadas, ainda não conseguira assimilar completamente tudo aquilo que acontecera.

Os conceitos de vidas passadas e de reencarnação eram estranhos à sua cosmologia, e no entanto as suas recordações eram tão intensas, as visões, sons e odores tão nítidos, o conhecimento de que se encontrava ali tão poderoso e

imediatamente, que sentia que realmente *devia* ter estado ali. Não tinha qualquer dúvida a este respeito; a experiência era absolutamente esmagadora. E no entanto sentia-se preocupada com o modo como tudo isto poderia encaixar na sua educação e nas suas crenças.

Durante a semana estivera a rever o meu manual de um curso de religiões comparadas, que frequentara durante o ano de calouro na Universidade de Columbia. De fato encontrei referências à reencarnação tanto no *Antigo* como no *Novo Testamento*. Em 325 d.C., o imperador romano Constantino, o Grande, juntamente com a sua mãe, Helena, mandou eliminar as referências à reencarnação que estavam contidas no *Novo Testamento*. O Segundo Concílio de Constantinopla, realizado em 553 d.C., confirmou esta atitude e considerou o conceito de reencarnação como uma heresia. Segundo parece, pensou-se que este conceito iria enfraquecer o poder crescente da Igreja, dando aos seres humanos demasiado tempo para buscarem a sua salvação. E, no entanto, as referências originais tinham existido; os primeiros padres da Igreja *tinham* aceite o conceito de reencarnação. Os gnósticos primitivos - Clemente de Alexandria, Orígenes, S. Jerônimo, e muitos outros - acreditavam que já tinham vivido antes e que voltariam a viver.

No entanto, e pelo que me dizia respeito, nunca acreditara na reencarnação. Na realidade, nunca desperdiçara muito tempo a pensar nisso. Embora a educação religiosa dos primeiros tempos da minha vida me tivesse ensinado vagamente sobre a existência da «alma» depois da morte, não estava convencido da veracidade deste conceito.

Era o mais velho de quatro irmãos, todos nascidos com um intervalo de três anos. Pertencíamos a uma sinagoga judaica conservadora de Red Bank, uma pequena cidade próxima da costa de New Jersey. Na minha família tinha as funções de apaziguador e de diplomata. O meu pai encontrava-se mais envolvido com os assuntos da religião do que qualquer dos outros membros da família. Encarava a religião muito a sério, como aliás o fazia em relação a todos os outros assuntos da vida. Os sucessos escolares dos seus filhos eram para ele as suas maiores alegrias. Ficava facilmente perturbado por qualquer discórdia no lar, e retirava-se de imediato deixando-me a mim o papel de mediano. Embora esta situação viesse a ser um excelente treino preparatório para uma carreira em psiquiatria, analisando tudo aquilo que se passou poderia dizer-se que a minha infância foi mais pesada e mais cheia de responsabilidades do que aquilo de que eu teria gostado. Saí dela como um jovem muito circunspeto, alguém que estava habituado a assumir uma dose muito grande de responsabilidade.

A minha mãe passava o tempo a manifestar o seu amor. Não existiam limites capazes de a deter. Sendo uma pessoa mais simples do que o meu pai, servia-se de sentimentos de culpa, de martírio, de dificuldades extremas e de identificação como sacrificada, como ferramentas para manipular os filhos, tudo isto de uma forma natural e sem segundas intenções. Apesar de tudo, raras vezes se mostrava triste e podíamos contar sempre com o seu amor e apoio.

O meu pai tinha um bom emprego como fotógrafo industrial, e embora a comida fosse sempre abundante, o dinheiro era muito escasso. O meu irmão mais novo, Peter, nasceu quando eu tinha nove anos. Era preciso distribuir seis pessoas pelo nosso pequeno apartamento térreo com dois quartos apenas.

A vida neste pequeno apartamento era agitada e ruidosa e eu procurava refúgio nos meus livros. Passava o tempo a ler salvo quando ia jogar *baseball* ou *basketball*, as minhas outras duas paixões de infância. Sabia que a educação era a única via que seria capaz de me conduzir para fora da pequena cidade, por muito agradável que ela fosse, e era sempre o primeiro ou segundo da minha turma.

Na altura em que recebi uma bolsa escolar para a Universidade de Columbia era um jovem circunspeto e estudioso. Os sucessos académicos continuavam a surgir facilmente. Especializei-me em Química e licenciiei-me com louvor. Decidi escolher a Psiquiatria porque era um campo onde se combinava o meu interesse pela ciência e o fascínio que sentia por tudo aquilo que se passava na mente humana. Além disso, uma carreira em Medicina ia permitir-me exprimir a minha preocupação e compaixão pelas outras pessoas. Entretanto conheci Carole durante umas férias de Verão num hotel das Montanhas Catskill, onde eu trabalhava como empregado e ela era uma das hóspedes. Sentimos os dois uma imediata atração um pelo outro e uma forte sensação de familiaridade e de bem-estar. Trocamos correspondência, saímos os dois, apaixonamo-nos, e ficamos noivos na altura em que eu frequentava o primeiro ano em Columbia. Ela era brilhante para além de ser bonita. Parecia que tudo se ajustava. Poucos jovens se preocupam com a vida e a morte e a vida depois da morte, especialmente quando as coisas correm sem problemas, e eu não era nenhuma exceção. Tornava-me lentamente num cientista, aprendendo a pensar em termos lógicos, desapaixonados, do género experimentar para provar.

Mais tarde, os anos da escola médica e de residente na Universidade de Yale vieram a cristalizar este método científico. A minha tese de investigação foi sobre a química do cérebro e o papel dos neurotransmissores, que são mensageiros químicos do tecido cerebral.

Passei a fazer parte da nova geração de psiquiatras biólogos, onde se fundiam as teorias e técnicas tradicionais com a nova ciência da química do cérebro. Escrevi muitos artigos científicos, tomei parte em conferências locais e nacionais e adquiri um nome importante dentro da minha área.

Tornara-me obsessivo, enérgico e inflexível, o que afinal de contas são características úteis para um médico. Sentia-me absolutamente preparado para tratar de qualquer pessoa que entrasse no meu consultório em busca de cura.

Foi nessa altura que Catherine se transformou em Aronda, uma jovem que vivera no ano 1863 a.C. Ou seria o contrário? E aqui estava ela de novo, mais feliz do que alguma vez a vira.

Senti-me mais uma vez preocupado, receando que Catherine tivesse medo de continuar. No entanto, preparou-se avidamente para a hipnose e entrou rapidamente em transe.

«Estou a atirar à água coroas de flores. É uma cerimônia. O meu cabelo é louro e está penteado em tranças. Uso um vestido castanho com enfeites dourados e sandálias. Houve alguém que morreu, alguém da Casa Real... a mãe. Sou uma serva da Casa Real, e trabalho com os mortos. Colocamos os corpos em água salgada durante trinta dias. Secam e os órgãos são retirados. Sinto o cheiro, o cheiro de cadáveres.»

Regressara espontaneamente ao tempo da vida de Aronda, mas a uma altura diferente, quando o seu trabalho era o de preparar os corpos depois da morte.»

«Num edifício separado», continuou Catherine, «vejo os corpos. Estamos a enrolar os cadáveres em ligaduras. A alma segue o seu caminho. Levam-se as coisas que nos pertencem, para estarmos preparados para a vida seguinte, mais importante.» Referia-se àquilo que parecia ser um conceito egípcio da morte e da vida depois da morte, diferente de qualquer das nossas crenças. Naquela religião uma pessoa podia levar o que quisesse com ela.

Deixou aquela vida e descansou. Fez uma pausa durante alguns minutos antes de entrar numa época aparentemente muito distante.

«Vejo gelo, pendente numa caverna... rochas...» Descreveu de uma forma vaga um lugar escuro e miserável e agora era visível que se sentia desconfortável. Descreveu mais tarde aquilo que vira a seu respeito. «Eu era feia, estava suja e cheirava mal.» Partiu para uma outra época.

«Vejo algumas construções e uma carroça com rodas de pedra. O meu cabelo é castanho e tenho um lenço na cabeça. A carroça está cheia de palha. Sinto-me feliz. O meu pai está ali... Está a abraçar-me. É... é Edward [o pediatra que insistiu com ela para que me viesse consultar]. É o meu pai. Vivemos num vale cheio de árvores. No pátio temos oliveiras e figueiras. Há pessoas que escrevem em papéis. Vejo sinais engraçados nos papéis que se parecem com letras. As pessoas escrevem durante todo o dia, fazendo uma biblioteca. Estamos no ano de 1536 a.C. A terra é árida. O nome do meu pai é Perseu.»

O ano não encaixava exatamente, mas eu tinha a certeza de que ela se encontrava na mesma vida de que falara na sessão da semana anterior. Fiz com que ela avançasse no tempo, mantendo-se nessa vida.

«O meu pai conhece-o [referia-se a mim]. Os dois falam de colheitas, de leis e de governo. Diz que é muito inteligente e que devo escutar os seus conselhos.» Faço com que ela avance mais uma vez no tempo. «Está deitado [o pai] num quarto sombrio. É velho e está doente. Sinto frio... Sinto-me tão vazia.» Continuou até à sua morte. «Agora sinto-me velha e fraca. A minha filha está aqui junto da minha cama. O meu marido já morreu. O marido da minha filha está aqui, juntamente com os filhos. Há muitas pessoas à minha volta.»

Desta vez a sua morte foi tranqüila. Estava a flutuar. A flutuar? Isto fez-me recordar os estudos do Dr. Raymond Moody sobre vítimas de experiências de quase morte. Os seus pacientes também se recordavam de flutuar e em seguida serem puxados de novo para os seus corpos. Lera o seu livro alguns anos antes e fazia agora uma anotação mental para voltar a lê-lo. Perguntei a mim mesmo se Catherine seria capaz de se lembrar de mais alguma coisa depois da sua morte, mas só conseguia dizer «Sinto-me a flutuar.» Despertei-a e terminei aquela sessão.

Com uma nova e insaciável sede de quaisquer artigos científicos que tivessem sido escritos sobre a reencarnação, fiz uma busca minuciosa das bibliotecas médicas. Estudei os trabalhos do médico Ian Stevenson, um Professor de Psiquiatria da Universidade de Virgínia que era muito respeitado, com abundantes publicações em

termos de literatura psiquiátrica. O Dr. Stevenson reuniu mais de dois mil relatos de memórias e experiências de crianças, do tipo reencarnação. Muitas delas demonstravam possuírem uma capacidade de falarem uma língua estrangeira que nunca tinham praticado ou estudado. Os relatos dos seus casos são cuidadosamente completos, bem investigados e verdadeiramente notáveis.

Li um excelente estudo genérico da autoria de Edgar Mitchell. Examinei com grande interesse os dados de PES³ da Universidade de Duke, e os escritos do Professor C. J. Ducasse da Universidade de Brown, e analisei com o maior interesse os estudos do Dr. Martin Ebon, da Dra. Helen Wambach, da Dra. Gertrude Schmeidler, do Dr. Frederick Lenz e da Dra. Edith Fiore. Quanto mais lia a este respeito, mais vontade sentia de ler. Lentamente comecei a convencer-me de que, embora me considerasse com uma boa preparação sobre qualquer dos aspectos da mente, a minha educação fora muito limitada. Há bibliotecas repletas deste tipo de investigação e literatura e poucas pessoas têm conhecimento disso. Muita desta investigação foi conduzida, verificada, e duplicada por clínicos e cientistas de grande nome. Seria possível que estivessem todos errados ou iludidos? As provas pareciam fornecer um suporte indiscutível, e no entanto eu ainda tinha dúvidas. Indiscutível ou não, pela minha parte ainda sentia dificuldade em acreditar.

Tanto Catherine como eu, cada um à sua maneira, tínhamos sido profundamente afetados pela experiência. Catherine melhorava a olhos vistos sob o ponto de vista emocional e eu conseguia expandir os horizontes da minha mente. Catherine fora atormentada pelos seus medos durante muitos anos e finalmente começava agora a sentir algum alívio. Quer se tratasse de recordações reais ou de nítidas fantasias, encontrara um meio de a ajudar e não era agora que ia desistir.

Pensei em tudo isto por breves momentos enquanto Catherine se afundava num estado de transe no início da sessão seguinte. Antes da entrada no estado hipnótico contara-me um sonho que tivera sobre um jogo realizado nuns velhos degraus de pedra, um jogo em que se usava um tabuleiro com orifícios. O sonho parecera-lhe extraordinariamente real. Nessa altura digo-lhe para regressar para lá dos limites normais de espaço e tempo, para regressar e tentar ver se o seu sonho tem raízes numa anterior reencarnação.

«Vejo degraus que conduzem a uma torre... que dá para a montanha mas também para o mar. Sou um rapaz... Tenho cabelo louro... um cabelo invulgar. As minhas roupas são curtas, em castanho e branco, feitas de peles de animais. Há alguns homens no cimo da torre, a observar... sentinelas. Estão sujos. Jogam um jogo, como as damas, que no entanto é diferente. O tabuleiro é redondo em vez de ser quadrado. Jogam com peças pontiagudas parecidas com adagas, que encaixam nos orifícios. Cada uma das peças tem esculpida no topo uma cabeça de animal. Território Kirustan [transcrição fonética]? Nos Países Baixos, por volta do ano de 1473.»

Perguntei-lhe o nome da localidade onde vivia e se conseguia ver ou ouvir um ano. «Estou agora num porto de mar; a terra desce na direção do mar. Há uma fortaleza... e água. Vejo uma cabana... a minha mãe a cozinhar num pote de barro. O meu nome é Johan.»

³ Project for Expanded Studies

Foi progredindo até à sua morte. Neste ponto das nossas sessões ainda procurava descobrir o simples acontecimento traumático avassalador que pudesse ter causado ou explicar os sintomas da sua vida atual. Mesmo que essas visualizações notavelmente explícitas fossem fantasias, e não estava muito seguro a este respeito, aquilo em que ela acreditava ou pensava continuava a poder justificar os seus sintomas. Afinal de contas, já vira muita gente traumatizada pelos seus sonhos. Havia quem não fosse capaz de ter a certeza se um determinado trauma de infância acontecera realmente ou se passara apenas em sonhos, mas de qualquer modo a recordação desse trauma continuava a persegui-los na sua vida de adultos.

Aquilo que ainda não fora capaz de apreciar na sua globalidade era o fato de que uma firme influência quase contínua de fatores subjetivos, tais como as críticas mordazes dos pais, poder causar traumas psicológicos ainda mais importantes do que um simples acontecimento traumático. Estas influências prejudiciais, por se diluírem no ambiente básico das nossas vidas, são ainda mais difíceis de recordar e de exorcizar. Uma criança que é criticada constantemente pode perder tanta confiança e auto-estima como aquela que recorda a humilhação que sofreu num determinado dia que para ela foi horrível. Uma criança cuja família empobreceu e que tem muito pouca comida no seu dia a dia pode eventualmente sofrer problemas psicológicos análogos aos de uma criança que experimentou um episódio importante de quase inanição accidental. Iria verificar dentro em breve que a influência de forças negativas quase que sistemática deve ser reconhecida e resolvida com tanto cuidado como aquele que se torna necessário no caso de acontecimentos traumáticos ocasionais de grande intensidade. Catherine começou a falar.

«Há barcos que parecem canoas, pintadas de cores brilhantes. Área de Providence. Temos armas, lanças, fundas, arcos e flechas, mas maiores do que o habitual. No barco há remos enormes, de formato estranho... toda a gente tem que remar. É possível que nos tenhamos perdido; está escuro. Não se vê uma única luz. Tenho medo. Conheço seguem outros barcos [aparentemente trata-se de uma incursão bélica]. Tenho medo dos animais. Dormimos em cima de peles de animais, sujas e que cheiram horrivelmente. Estamos a fazer um reconhecimento. Os meus sapatos são engraçados, parecem sacos... atados nos tornozelos... feitos de peles de animais. [Uma longa pausa.] Sinto o meu rosto muito quente por causa das chamas. A minha gente está a matar os outros, mas eu não. Tenho a minha faca na mão.»

De repente começa a gorgolejar e arquejar. Relata que um combatente inimigo a agarrou pelas costas, colocando-lhe um braço em volta do pescoço, e que lhe cortou a garganta. Viu o rosto do seu assassino antes de morrer. Era Stuart. Parecia diferente naquela altura, mas ela sabia que era ele. Johan morreu com vinte e um anos.

Em seguida encontrou-se a flutuar acima do seu corpo, observando a cena em baixo. Subiu até às nuvens, sentindo-se perplexa e confusa. Pouco depois sentiu que era puxada para um «minúsculo espaço acolhedor». Estava em vias de nascer de novo.

«Há alguém que me segura nos braços», murmurou lentamente e com um modo sonhador, «alguém que ajudou o nascimento. Usa uma bata verde com um avental branco. Tem uma touca branca, dobrada para trás nos cantos. A sala tem janelas esquisitas... com muitas secções. O edifício é em pedra. A minha mãe tem cabelos escuros, muito compridos. Quer pegar em mim. A camisa de noite da minha mãe é

estranha... muito áspera. Faz doer ao roçar no tecido. Sabe bem estar ao sol e estar quente de novo... E... é a mesma mãe que tenho agora! »

Durante a sessão anterior tinha-lhe dado instruções para observar atentamente as pessoas com interesse em cada uma dessas vidas, procurando identificá-las como pessoas significativas na sua vida atual como Catherine. De acordo com a opinião da maioria dos autores, há grupos de almas que tendem a reencarnar em conjunto repetidas vezes, cumprindo o seu karma (dívidas para com os outros e para consigo, lições a serem aprendidas) ao longo do período de muitas vidas.

Na minha tentativa de compreender este estranho e espetacular drama que se estava a desenrolar no meu tranqüilo consultório de luzes difusas, drama que era desconhecido para o resto do mundo, precisava de verificar esta informação. Senti necessidade de aplicar o método científico, que usara rigorosamente nas minhas investigações durante os últimos quinze anos, para conseguir avaliar este material absolutamente fora de normal que estava a obter dos lábios de Catherine.

De sessão para sessão Catherine estava a tornar-se cada vez mais psíquica. Tinha intuições sobre pessoas e acontecimentos que mais tarde se vinha a provar serem verdadeiras. Durante a hipnose, começara a antecipar-se às minhas perguntas, antes de eu ter a oportunidade de as fazer. A maior parte dos seus sonhos apresentavam uma tendência precognitiva ou de presságio.

Numa determinada altura em que os pais a vieram visitar, o pai exprimiu dúvidas muito sérias sobre tudo aquilo que se estava a passar. Para lhe provar que era verdade, Catherine levou-o às corridas. E foi aí que, para sua grande admiração, ela indicou antecipadamente o vencedor de cada uma das corridas. O pai estava absolutamente espantado. Quando ela verificou que conseguira provar o seu ponto de vista, juntou todo o dinheiro que ganhara nas apostas e deu-o ao primeiro mendigo que encontrou à saída das corridas. Sabia intuitivamente que os novos poderes espirituais que adquirira não deviam ser usados para obtenção de recompensas financeiras. Para ela tinham um significado muito mais elevado. Confessou-me que toda esta experiência lhe causava um certo receio, mas sentia-se tão contente com os progressos que fizera que estava ansiosa por continuar com as regressões. Pela minha parte sentia-me simultaneamente chocado e fascinado com as suas capacidades psíquicas, com uma menção especial para o caso das corridas. Tratava-se de uma prova tangível. Tinha o bilhete vencedor para cada uma das corridas. Não se tratava de qualquer coincidência. Algo de muito estranho se estava a passar nestas últimas semanas e esforcei-me por conservar a minha perspectiva. Não podia de modo nenhum negar as suas capacidades psíquicas. E se essas capacidades eram reais e capazes de produzirem provas tangíveis, não seria também possível que as suas descrições de acontecimentos de vidas passadas também fossem verídicos?

Regressava agora à vida em que acabara de nascer. Esta encarnação parecia ser mais recente, mas não conseguia identificar o ano. O nome dela era Elizabeth.

«Agora já sou mais velha, tenho um irmão e duas irmãs. Vejo a mesa da sala de jantar... O meu pai também está presente... é Edward [o pediatra, de regresso a desempenhar mais uma vez o papel de pai dela]. O meu pai e a minha mãe estão a discutir novamente. Para comer temos batatas e feijões. Ele está furioso porque a

comida está fria. Discutem durante muito tempo. Passa a vida a beber... Bate na minha mãe. [A voz de Catherine evidencia medo, e treme visivelmente.] Empurra as crianças. Não é como da outra vez, não é a mesma pessoa. Não gosto dele Quem me dera que se fosse embora.» Falava numa voz de criança.

As minhas perguntas durante estas sessões eram evidentemente muito diferentes das que utilizava normalmente em psicoterapia convencional. No caso de Catherine agia mais como um guia, tentando rever toda uma vida numa ou duas horas, procurando acontecimentos traumáticos e padrões prejudiciais que pudessem explicar os seus sintomas atual. A terapia convencional é conduzida a um ritmo muito mais pormenorizado e calmo. Cada uma das palavras escolhidas pelo paciente é analisada em busca de intenções e significados ocultos. Cada gesto facial, cada movimento corporal, cada inflexão da voz é considerada e avaliada. Cada reação emocional é cuidadosamente investigada. Os padrões de comportamento são meticulosamente reunidos. No entanto, no caso de Catherine, os anos podiam escoar-se em minutos. As sessões com Catherine eram como conduzir nas 500 milhas de Indianápolis a acelerar ao máximo... tentando ao mesmo tempo identificar rostos na multidão.

Voltei a prestar atenção a Catherine e pedi-lhe para avançar no tempo.

«Agora estou casada. A nossa casa tem um quarto grande. O meu marido tem cabelos louros. Não o conheço. [Ou seja, não apareceu a Catherine na sua vida presente.] Ainda não temos filhos... É muito gentil para comigo. Amamo-nos e somos felizes.» Aparentemente conseguira escapar-se da opressão na casa dos pais. Perguntei-lhe se conseguia identificar a área onde viviam.

«Brennington?» murmurou Catherine num tom hesitante. «Vejo livros com velhas capas engraçadas. O maior deles fecha com uma tira de couro. É a *Bíblia*. As letras são grandes e elegantes... a língua é o gaélico.»

Nesta altura pronunciou algumas palavras que não consegui identificar. Se eram em gaélico ou não, não faço a menor idéia. «Vivemos no interior, não estamos perto do mar. Condado... Brennington? Vejo uma quinta com porcos e cordeiros. E a nossa quinta.» Avançou no tempo. «Temos dois rapazes... O mais velho vai casar-se. Vejo a torre da igreja... um edifício muito antigo em pedra.» De repente magoa-se na cabeça e Catherine sente dores, ao mesmo tempo que põe a mão na têmpora esquerda. Contou que escorregara nos degraus de pedra, mas que já se recompusera. Morreu em casa, com uma idade muito avançada, na sua cama e com a família toda à volta.

Depois da sua morte sentiu-se mais uma vez a flutuar acima do corpo, mas desta vez não se sentia perplexa ou confusa. «Tenho consciência de uma luz brilhante. E maravilhosa; recebe-se energia desta luz.» Estava a descansar depois da morte num intervalo entre duas vidas. Passaram-se alguns minutos em silêncio. De repente começou a falar, mas já não era no murmúrio lento que sempre usara anteriormente. Agora a sua voz era rouca e em tom alto, não demonstrando a menor hesitação. «A nossa tarefa agora é a de aprendermos, a de nos tornarmos semelhantes a Deus através do conhecimento. Sabemos tão pouco. Está aqui para ser meu professor. Tenho tanto para aprender. Pelo conhecimento aproximamo-nos de Deus para depois podermos descansar. Em seguida regressamos para ensinar e ajudar os outros.»

Sentia-me incapaz de dizer o que quer que fosse. Aqui estava uma lição vinda depois da sua morte, surgida de um estado intermediário. Qual era a origem *deste* material? Não se parecia de modo nenhum com Catherine. Ela nunca falara desta maneira, usando estas palavras, esta fraseologia. Até o próprio tom de voz era completamente diferente.

Naquela altura não me lembrei de que, embora Catherine tivesse pronunciado as palavras, não fora ela que originara os pensamentos. Estava a transmitir aquilo que lhe fora dito a ela. Mais tarde veio a identificar os Mestres, almas altamente evoluídas e incorporais, como tendo sido a origem. Catherine não só era capaz de efetuar regressões a vidas passadas como agora também era capaz de canalizar conhecimento do além. Um conhecimento maravilhoso. Fiz um esforço para manter a minha objetividade.

Fora introduzida uma nova dimensão. Catherine nunca lera os estudos da Dra. Elisabeth Kübler-Ross ou do Dr. Raymond Moody que haviam escrito a respeito de experiências no limiar da morte. Nunca ouvira falar do Livro *Tibetano dos Mortos*. E no entanto relatava experiências semelhantes às que eram descritas nessas obras. Isto constituía um aspecto importante. Se ao menos houvesse mais fatos, mais detalhes tangíveis que eu pudesse verificar. O meu cepticismo oscilava, embora se mantivesse. Talvez ela tivesse lido um artigo qualquer numa revista sobre investigações a respeito de experiências no limiar da morte, ou tivesse assistido a uma entrevista num espetáculo de televisão. Embora ela negasse qualquer recordação consciente de um artigo ou espetáculo desse gênero, era possível que tivesse retido uma memória subconsciente. Mas ela foi muito além das obras referidas e transmitiu uma mensagem oriunda desse estado intermédio. Se ao menos eu tivesse mais fatos.

Depois de ter despertado, Catherine recordou os detalhes das vidas passadas, como sempre. No entanto, não conseguia recordar nada que tivesse acontecido depois da morte dela como Elisabeth. No futuro, nunca viria a recordar quaisquer detalhes dos estados intermédios. Só era capaz de se recordar das vidas passadas. «Pelo conhecimento aproximamo-nos de Deus.» Estávamos no nosso caminho.

«Vejo uma casa branca quadrada com um caminho de areia que vai dar à porta de entrada. Pessoas a cavalo deslocam-se de um lado para o outro.» Catherine falava novamente no seu habitual murmúrio sonhador. «Há árvores... uma plantação, uma casa grande com um agrupamento de casas pequenas, como se fossem casas de escravos. Está muito calor. É no Sul... Virgínia?» Julgou que o ano era de 1873. Era uma criança.

“Há cavalos e imensas culturas... milho, tabaco.» Ela e os outros servos comiam na cozinha de uma grande casa. Era negra e chamava-se Abby. Sentiu um mau presságio e o corpo ficou tenso. A casa grande estava em chamas, e ficou a vê-la consumir-se até aos alicerces. Fiz com que avançasse quinze anos no tempo até 1888.

«Uso um velho vestido, e estou a limpar um espelho no segundo andar de uma casa, uma casa em tijolos com janelas... com montes de vidros. O espelho é ondulado em vez de ser direito e tem saliências no fundo. O homem que é dono da

casa chama-se James Manson. Tem um casaco fora do vulgar, com três botões e uma grande gola negra. Usa barba... Não o reconheço [como alguém na vida presente de Catherine]. Trata-me bem. Vivo numa casa da propriedade. Faço a limpeza dos quartos. Existe uma escola na propriedade, mas não me deixam ir à escola. Também faço manteiga!”

Catherine murmurava lentamente, usando palavras muito simples e prestando grande atenção aos detalhes. Durante os cinco minutos seguintes ouvi uma descrição de como se faz manteiga. Os conhecimentos de Abby sobre o modo como se batia a manteiga também eram novos para Catherine. Fiz com que avançasse no tempo.

«Vivo com alguém, mas julgo que não somos casados. Dormimos na mesma cama... mas nem sempre vivemos juntos. Sinto-me bem em relação a ele, mas não existe nada de especial. Não vejo crianças. Há uma macieira e patos. Vejo outras pessoas à distância. Estou a apanhar maçãs. Há qualquer coisa que me faz arder os olhos.» Catherine fazia trejeitos com os olhos fechados. «É o fumo. O vento está a empurrá-lo para este lado... o fumo de madeira a arder. Estão a queimar barris de madeira.» Agora estava a tossir. «Isto acontece muitas vezes. Estão a colocar no interior dos barris... alcatrão... para os impermeabilizar.»

Depois da excitação que se verificara na sessão da semana anterior, estava ansioso por atingir mais uma vez o estado intermédio. Já havíamos passado cerca de noventa minutos a explorar a sua vida como criada. Aprendera imensas coisas sobre colchas, manteiga e barris; sentia necessidade de uma lição mais espiritual. Abandonando a minha paciência, fiz com que avançasse até à sua morte.

«Custa-me respirar. O meu peito dói-me muito.» Catherine arfava, evidenciando uma dor óbvia. «Dói-me o coração; está a bater muito depressa. Tenho tanto frio... sinto arrepios pelo corpo todo.» Catherine começou a tremer. «Há gente no quarto que me dá folhas para beber [um chá]. Sinto um cheiro esquisito. Estão a esfregar-me um linimento no peito. Febre... mas sinto muito frio.» Morreu tranquilamente. Flutuando até ao teto, conseguia ver o seu corpo na cama, uma pequena mulher engelhada nos seus sessenta anos. Reparou numa luz, sentindo-se atraída para ela. A luz tornava-se cada vez mais brilhante e luminosa. Esperamos em silêncio enquanto os minutos passavam lentamente. De um momento para o outro já estávamos noutra vida, milhares de anos antes de Abby.

Catherine murmurava lentamente. «Vejo uma quantidade enorme de alhos que se encontram pendurados numa sala ampla. Sinto o cheiro do alho. Acredita-se que pode matar muitos males do sangue e limpar o corpo, mas para isso terá que ser ingerido todos os dias. Também há alho lá fora, na parte de cima de um quintal. E há outras plantas... figos, tâmaras e mais plantas. Estas plantas são de grande ajuda. E a minha mãe que compra o alho e as outras ervas. Há alguém em casa que está doente. Vejo umas raízes estranhas. Por vezes basta colocá-las na boca, nas orelhas ou em outras aberturas. Basta deixá-las estar lá.

«Vejo um homem de idade que usa barba. É um dos curandeiros da aldeia. É ele que diz o que temos que fazer. Há um tipo qualquer de... peste... que está a matar as pessoas. Não estão a embalsamar porque têm medo da doença. As pessoas são

simplesmente enterradas. O povo não se sente contente com esta situação. Estão convencidos de que nestas condições a alma não consegue seguir o seu caminho [o que contraria os relatos *post mortem* de Catherine]. Mas já morreram tantos. O gado também está a morrer. Água... cheias... o povo está doente por causa das cheias [aparentemente só agora é que ela chegou a uma conclusão a respeito deste aspecto da epidemia]. Eu também estou doente por causa da água. Faz doer o estômago. A doença é nos intestinos e no estômago. Perde-se imensa água do corpo. Estou junto da água para acarretar mais, mas é isso que nos está a matar. Levo a água para casa. Vejo a minha mãe e os meus irmãos. O meu pai já morreu. Os meus irmãos estão muito doentes.»

Fiz uma pausa antes de a levar a progredir no tempo. Sentia-me fascinado com o modo como os seus conceitos de morte e de vida depois da morte se modificavam de vida para vida. E, no entanto, em todas as vezes a sua *experiência* de morte era absolutamente uniforme, perfeitamente similar. Uma parte consciente dela abandonava o corpo no momento da morte, flutuando acima dele, para em seguida ser atraída por uma luz maravilhosa, fonte de energia. Nessa altura esperava sempre por alguém que deveria chegar para a ajudar. A alma seguia automaticamente o seu caminho. Embalsamar os corpos, rituais fúnebres, ou qualquer outro procedimento depois da morte não tinham qualquer influência. Era automático, sem necessidade de qualquer preparação, como se fosse apenas uma questão de passar por uma porta que se encontra aberta.

«A terra é árida e seca... Não vejo montanhas à minha volta, apenas uma extensão enorme de terreno, muito plano e muito seco. Um dos meus irmãos morreu. Estou a sentir-me melhor, mas a dor ainda lá está.» No entanto, não viveu muito mais. «Estou deitada numa enxerga, com qualquer coisa a cobrir-me.» Estava muito doente e não havia alho ou quaisquer outras plantas que pudessem evitar a sua morte. Pouco depois estava a flutuar acima do corpo, atraída pela luz familiar. Esperou pacientemente que alguém viesse ter com ela.

Começou a rolar a cabeça lentamente como se estivesse a observar uma cena qualquer. Mais uma vez falava em voz alta e num tom rouco.

«Dizem-me que há muitos deuses, porque Deus está em cada um de nós.» Reconheci a voz do estado entre vidas, tanto pela sua rouquidão como pelo tom decididamente espiritual da mensagem. Aquilo que ela disse a seguir deixou-me sem fôlego, esvaziando-me os pulmões de ar.

«O teu pai está aqui, e o teu filho que é uma criança pequena. O teu pai diz que o reconhecerás porque o seu nome é Avrom, e a tua filha tem o seu nome. A sua morte também foi por causa do coração. O problema do coração do teu filho também era importante, porque estava ao contrário, como o de uma galinha. Por amor, fez um grande sacrifício por ti. A sua alma está muito avançada... A sua morte expiou as dívidas dos seus pais. Também quis mostrar-te até onde podia ir a medicina, que o seu alcance é muito limitado.»

Catherine parou de falar e eu fiquei sentado num silêncio mesclado de um temor respeitoso, enquanto a minha mente entorpecida tentava esclarecer o que se estava a passar. O consultório parecia-me gelado.

Catherine sabia muito pouco a respeito da minha vida pessoal. Na minha secretária tinha uma fotografia da minha filha em bebê, sorrindo alegremente com os dois dentinhos de baixo numa boca completamente vazia. A seguir tinha a fotografia do meu filho. Para além disto, Catherine não sabia virtualmente nada a respeito da minha família ou da minha história pessoal. Fora bem instruído em termos de técnicas tradicionais psicoterapêuticas. O terapeuta era suposto ser *tabula rasa*, um quadro em branco onde o paciente podia projetar os seus próprios sentimentos, pensamentos e atitudes. Estes podiam então serem analisados pelo terapeuta, alargando a arena da mente do paciente. Sempre mantivera esta distância terapêutica em relação a Catherine. Na realidade ela só me conhecia como psiquiatra, não sabendo nada do meu passado ou da minha vida privada. Nem sequer expusera os meus diplomas no consultório.

A maior tragédia fora o inesperado falecimento do nosso primeiro filho, Adam, que tinha apenas vinte e três dias quando morreu, nos princípios de 1971. Cerca de dez dias depois de o termos trazido do hospital para casa manifestara problemas respiratórios e crises de vômitos. O diagnóstico era extremamente difícil de fazer. «Drenagem venosa pulmonar totalmente anômala com um defeito do septo auricular» foi aquilo que nos disseram. «Verifica-se cerca de um caso em cada dez milhões de nascimentos.» As veias pulmonares, que supostamente deveriam transportar sangue oxigenado para o coração, estavam incorretamente posicionadas, entrando no coração pelo lado errado. Era como se o seu coração tivesse sido rodado, *voltado para trás*. Extremamente, extremamente raro.

Qualquer arriscada cirurgia de coração aberto não tinha a menor possibilidade de salvar Adam, que veio a morrer alguns dias depois. Chorei-lo durante meses, e todas as nossas esperanças e sonhos se despedaçaram. O nosso filho, Jordan, veio a nascer um ano depois, representando um bálsamo gratificante para as nossas feridas.

Na altura em que Adam morreu, hesitava a respeito da minha escolha inicial da psiquiatria como carreira definitiva. Sentia-me feliz no meu internato em medicina interna e acabavam de me oferecer um lugar como residente em medicina. Depois do falecimento de Adam tomei uma decisão definitiva, escolhendo a psiquiatria como profissão. Sentia uma ira indescritível, porque a medicina moderna, com todas as suas especializações e tecnologias, não fora capaz de salvar o meu filho, aquele pequenino e frágil bebê.

O meu pai sempre tivera uma saúde excelente, até que no início de 1979 e com sessenta e um anos, foi vítima de um grave ataque de coração. Conseguiu sobreviver ao ataque inicial, mas a parede do coração fora irremediavelmente danificada e veio a falecer três dias depois. Isto passou-se cerca de nove meses antes de Catherine ter surgido na primeira consulta.

O meu pai fora um homem religioso, mais ritualista do que espiritual. O seu nome hebraico, Avrom, ficava-lhe melhor do que o nome inglês, Alvin. Quatro meses depois da sua morte nasceu a nossa filha, Amy, assim chamada em sua homenagem.

No momento presente, em 1982, no meu consultório tranqüilo e na penumbra, precipitava-se sobre mim uma cascata ensurdecedora de verdades ocultas e secretas. Sentia-me a nadar num mar espiritual e adorava a água. Sentia os braços com pele de galinha. Catherine não tinha a menor possibilidade de saber estas informações. Nem tão pouco tivera a menor possibilidade de se informar a esse respeito. O nome *hebraico* do meu pai, o fato de ter tido um filho que morrera nos primeiros dias de vida com um problema de coração que só acontecem em um em cada dez milhões, as minhas dúvidas a respeito da medicina, a morte do meu pai e o nome da minha filha - era de mais, demasiado específico, demasiado verdadeiro. Esta simples técnica de laboratório constituía um meio de transmissão de conhecimento transcendental. E se ela conseguia revelar estas verdades, o que é que viria a seguir? Precisava de saber mais.

«Quem» perguntei atabalhoadamente, «quem é que está aí? Quem é que lhe diz essas coisas?»

«Os Mestres» disse-me num murmúrio, «foram os Espíritos Mestres que me disseram. Contaram-me que já vivi oitenta e seis vezes no estado físico.» A respiração de Catherine tornou-se mais pausada e deixou de rolar a cabeça de um lado para o outro. Estava a descansar. Queria continuar, mas as implicações daquilo que ela dissera estavam a distrair-me. Seria verdade que ela já tivera oitenta e seis vidas anteriores? E o que eram «os Mestres»,? Seria possível? Podiam as nossas vidas ser guiadas por espíritos que não têm corpo físico, mas que parecem possuir um grande saber? Poderemos dizer que tudo isto representa um conjunto de degraus no caminho para Deus? Seria tudo isto verdade? Cheguei à conclusão de que era difícil duvidar, atendendo àquilo que ela acabara de revelar; e no entanto ainda me custava a acreditar. Debatia-me com a influência de anos de uma programação alternativa. Mas, mentalmente, no coração e no meu íntimo sabia que ela tinha razão. Estava a revelar coisas que eram verdadeiras.

E a respeito do meu pai e do meu filho? Num certo sentido, ainda se encontravam vivos; na realidade nunca tinham chegado a morrer. Estavam a falar comigo, anos depois de terem sido enterrados, e provavam-no fornecendo informações específicas e absolutamente particulares. E uma vez que tudo aquilo era verdade, seria o meu filho tão avançado espiritualmente como Catherine dissera? Seria verdade que ele tinha concordado em nascer por nós e em morrer vinte e três dias depois para nos ajudar a pagar as nossas dívidas kármicas e, além disso, ensinar-me sobre medicina e humanidade e entusiasmar-me a regressar à psiquiatria? Sentia-me muito encorajado com todos estes pensamentos. No fundo do meu desalento sentia um grande sentimento de amor que se agitava, um forte sentimento de unidade e de ligação com os céus e com a terra. Sentira muito a falta do meu pai e do meu filho. Era bom ter de novo notícias deles.

A minha vida nunca mais voltaria a ser a mesma. Havia uma mão que descera até mim e que alterara irreversivelmente o curso da minha vida. Tudo aquilo que lera, tudo aquilo que fora feito com base numa cuidadosa pesquisa e numa indiferença céptica, ocupou de repente os respectivos lugares. As recordações de Catherine e as mensagens eram verdadeiras. A minha intuição sobre a exatidão das suas experiências havia sido correta. Tinha os fatos. Tinha as provas.

E, no entanto, mesmo naquele exato instante de alegria e de compreensão, mesmo naquele momento de experiência mística, a velha e familiar parte lógica da minha mente que habitualmente apresentava as dúvidas possíveis, apresentou uma objeção. Talvez se trate apenas de PES ou de qualquer capacidade psíquica. Não há dúvida, trata-se de uma capacidade, mas não representa qualquer prova de reencarnação ou de Espíritos Mestres. Contudo, desta vez, sabia algo mais. Os milhares de casos registrados na literatura científica, em especial os de crianças a falarem línguas estrangeiras que nunca tinham ouvido ou praticado, de sinais de nascimento no sítio de anteriores feridas mortais, das mesmas crianças saberem onde se encontram tesouros que foram escondidos ou enterrados a milhares de quilômetros de distância e há décadas ou séculos, tudo isso se refletia na mensagem de Catherine. Conhecia o caráter de Catherine e a sua mentalidade. Sabia aquilo que ela era e aquilo que não era. Não, desta vez a minha mente não conseguia enganar-me. As provas eram demasiado fortes e avassaladoras. Isto era real. Cada vez iria verificar mais aspectos à medida que as nossas sessões fossem progredindo.

Em diversas alturas nas semanas seguintes iria esquecer o poder e o impacto desta sessão. Noutras alturas iria cair na rotina da vida do dia a dia, preocupando-me com as coisas habituais. Nessa altura surgiam as dúvidas. Era como se a minha mente, quando não se encontrava concentrada, tivesse uma tendência para deslizar de volta aos velhos padrões, crenças e ceticismo. Mas nessa altura voltava a recordar-me - isto aconteceu de fato! Tinha uma noção muito concreta de como era difícil acreditar nestes conceitos sem ter tido uma experiência pessoal. A experiência torna-se necessária para acrescentar uma crença emocional à compreensão intelectual. Mas o impacto da experiência dilui-se sempre em certo grau.

Inicialmente não tinha noção das razões pelas quais estava a mudar tanto. Sabia que estava mais calmo e paciente, e os outros não se cansavam de me repetir como eu aparentava estar em paz, como eu parecia mais descontraído e feliz. Sentia mais esperança, mais alegria, um maior sentido de finalidade e uma maior satisfação na minha vida. De um momento para o outro compreendi que estava a perder o medo da morte. Não tinha medo da minha própria morte ou da não existência. Já não tinha tanto medo de perder os outros, embora soubesse de antemão que as saudades seriam imensas. Como é forte o medo da morte! As pessoas fazem coisas incríveis para evitar o medo: crises de meia-idade, relacionamento com pessoas mais novas, cirurgias estéticas, obsessão pela ginástica, acumulação de bens materiais, procriar para transmitir um nome, desenvolver esforços desesperados para aparentar ser cada vez mais novo, e muito mais coisas. Sentimos um pavor enorme das nossas mortes, por vezes tão intenso que esquecemos a finalidade das nossas próprias vidas.

Também me estava a tornar menos obcecado. Deixara de ter a necessidade de estar permanentemente a controlar-me. Embora estivesse a tentar tornar-me menos circunspeto, esta transformação tornava-se difícil para mim. Ainda tinha muito que aprender.

Não havia qualquer dúvida de que a minha mente se encontrava agora aberta à possibilidade, mesmo à probabilidade, de que as declarações de Catherine correspondessem à realidade. Não havia a menor possibilidade dos fatos incríveis

sobre o meu pai e o meu filho terem sido obtidos através dos sentidos normais. O conhecimento e capacidades dela demonstravam sem qualquer dúvida uma extraordinária capacidade psíquica. Fazia sentido acreditar naquilo que ela dizia, mas continuei cauteloso e céptico sobre aquilo que lia na literatura popular. Quem eram essas pessoas que descreviam fenômenos psíquicos, a vida depois da morte, e outros extraordinários acontecimentos paranormais? Estarão treinados no método científico de observação e certificação? Apesar da minha extraordinária e maravilhosa experiência com Catherine, sabia que a minha mente naturalmente crítica continuaria a analisar minuciosamente cada fato novo, todo e qualquer aspecto de informação. Não deixaria de verificar se encaixavam na moldura que estava a ser construída em cada sessão. Qualquer aspecto seria examinado de todos os ângulos, com um microscópio de cientista. E, no entanto, deixava de ter a menor possibilidade de negar que a moldura se encontrava de fato ali.

Ainda estávamos a meio da sessão. Catherine terminou o seu repouso e começou a falar de estátuas verdes diante de um templo. Pela minha parte despertei dos meus devaneios e escutei. Estava numa vida muito distante, algures na Ásia, mas eu ainda ouvia os Mestres. Incrível, pensei para comigo. Ela está a falar sobre vidas anteriores, sobre *reencarnação*, e no entanto comparando com as mensagens dos Mestres sente-se um anticlímax. Contudo já chegara à conclusão de que ela tinha que percorrer toda uma vida antes de chegar novamente ao estado intermédio. Não conseguia atingir diretamente esse estado. E, só ao atingi-lo, é que ela conseguia alcançar os Mestres.

«As estátuas verdes encontram-se diante do edifício de um grande templo» murmurou suavemente, «um edifício com agulhas e bolas castanhas. Há dezessete degraus até chegar à entrada e existe uma sala logo depois de se terem subido os degraus. Há incenso a arder. Ninguém se encontra calçado. As cabeças estão rapadas. Têm rostos redondos e olhos escuros. A pele é de um tom muito moreno. Eu estou presente. Feri-me num pé e fui ao templo pedir ajuda. O pé está inchado; não consigo apoiar-me nele. Tenho qualquer coisa espetada no pé. Colocam-me umas folhas no pé... folhas que não conheço... Tanis? [O tanino ou ácido tânico que existe naturalmente nas raízes, madeira, casca, folhas e frutos de muitas plantas sempre foi usado desde tempos muito antigos como medicamento pelas suas propriedades hemostáticas ou adstringentes.] Em primeiro lugar limpam-me o pé. Trata-se de um ritual perante os deuses. Tenho um veneno qualquer no pé. Pisei em qualquer coisa. O joelho está inchado. Sinto a perna inchada e está cheia de sulcos [envenenamento do sangue?]. Fazem um furo no pé e deitam qualquer coisa muito quente.» Catherine começou a contorcer-se com dores. Também se engasgava por causa de qualquer poção terrivelmente amarga que lhe estavam a dar para beber. A poção era feita de folhas amarelas. Curou-se, mas os ossos do pé e da perna nunca mais foram os mesmos. Fiz com que ela avançasse no tempo. Viu apenas uma vida infeliz e de extrema pobreza. Vivia com a família numa cabana com uma só dependência, onde nem sequer havia uma mesa. Comiam uma espécie de arroz, como cereal, mas estavam sempre com fome. Envelheceu rapidamente, nunca tendo conseguido escapar à pobreza ou à fome, até que finalmente morreu. Esperei, não me passando despercebido o extremo cansaço de Catherine. Mesmo assim, e antes de a conseguir despertar, disse-me que Robert Jarrod precisava da minha ajuda. Não fazia a menor idéia de quem era Robert Jarrod ou de como e que podia ajudá-lo. Não houve mais nada.

Depois de ter despertado do transe, Catherine recordou mais uma vez grande parte dos pormenores desta sua vida anterior que acabara de percorrer. Não tinha a menor recordação de todas as suas experiências depois da morte, nada a respeito dos estados intermediários, nada sobre os Mestres ou sobre o incrível saber que fora revelado. Fiz-lhe uma pergunta.

«Catherine, o que é que o termo "Mestres" significa para si?» Pensou que me estava a referir a um torneio de golfe! Notava-se que melhorava rapidamente, mas ainda tinha dificuldade em integrar o conceito de reencarnação na teologia em que acreditava. Foi por isso que decidi não ser ainda a altura para lhe contar o que se passara com os Mestres. Além disso, não fazia a menor idéia de como e que se poderia dizer a alguém que, em transe, era um médium com um talento incrível, capaz de canalizar um saber maravilhoso e transcendental oriundo dos Espíritos Mestres.

Catherine concordou em que a minha esposa poderia estar presente na sessão seguinte. Carole é técnica de psiquiatria social, com muita prática e altamente especializada, e eu queria a sua opinião sobre estes acontecimentos incríveis. Depois de lhe ter contado o que Catherine dissera sobre o meu pai e o nosso filho, Adam, estava ansiosa por ajudar. Não tinha o menor problema em tomar notas sobre as vidas passadas de Catherine, porque esta ia falando num murmúrio muito lento, mas os Mestres falavam muito mais depressa, e cheguei à conclusão de que o melhor era gravar tudo.

Uma semana mais tarde, Catherine apareceu no consultório para a sessão seguinte. *Continuava* a melhorar, os seus medos e ansiedades diminuía acentuadamente. As suas melhoras clínicas eram absolutamente definidas, mas pela minha parte ainda não tinha a certeza das razões por que tinha melhorado tanto. Recordara-se de se ter afogado como Aronda, de lhe terem cortado a garganta como Johan, de ter sido vítima de uma epidemia transmitida pela água como Louisa, e de muitos outros acontecimentos traumáticos aterradores. Também experimentara, até mais do que uma vez, vidas de extrema pobreza e servidão, e de abusos por parte da família. Estes últimos constituem exemplos dos mini traumas diários que lentamente se vão instalando nas nossas psiques. A recordação dos diversos tipos de vidas podia estar a contribuir para as suas melhoras. Mas existia uma outra possibilidade. Seria possível que a experiência espiritual estivesse a ajudar? Seria possível que o conhecimento de que a morte não é aquilo que parece pudesse contribuir para um sentimento de bem-estar, de diminuição de medos? Seria possível que todo o *processo*, e não apenas as recordações em si, constituísse parte da cura?

As capacidades psíquicas de Catherine estavam a aumentar, e estava a tomar-se cada vez mais intuitiva. Ainda continuava a ter problemas com Stuart, mas passara a ser capaz de lidar com ele de um modo mais eficiente. Os olhos cintilavam; a pele tinha um novo brilho. Tivera um sonho estranho durante a semana, segundo me contou, mas só conseguia recordar-se de um fragmento dele. Sonhara que tinha uma barbatana vermelha de peixe cravada na mão.

Entrou rapidamente em transe sem qualquer dificuldade, alcançando um estado profundo de hipnose em poucos minutos.

«Vejo uma série de falésias. Estou de pé no topo de uma falésia, olhando para baixo. Devo estar a tentar avistar embarcações - é aquilo que devo fazer... Visto qualquer coisa que é azul, um modelo de calças azuis... calças curtas com uns sapatos estranhos... sapatos negros... e com fivelas. Os sapatos têm fivelas, são uns sapatos engraçados... Vejo que não há embarcações no horizonte.» Catherine murmurava lentamente. Fiz com que avançasse no tempo para o acontecimento seguinte da sua vida que fosse significativo.

«Estamos a beber cerveja, uma cerveja muito forte. Está muito escuro. As canecas são grossas. São antigas e têm cintas metálicas. Há muitas pessoas e o local tem um cheiro insuportável. Há muito barulho. Toda a gente fala ao mesmo tempo, o ruído é insuportável.

Perguntei-lhe se ouvia alguém a chamar o nome dela. «Christian... chamo-me Christian.» Mais uma vez era um homem. «Estamos a comer um tipo qualquer de carne e a beber cerveja. É escura e muito amarga. Deitam-lhe sal.» Não era capaz de descobrir o ano. «Estão a falar sobre uma guerra, sobre navios que se *encontram* a bloquear alguns portos! Mas não consigo ouvir onde é. Se não estivesse tanto barulho era capaz de ouvir, mas toda a gente está a falar e há ruído a mais.»

Perguntei-lhe onde é que estava. «Hamstead... Hamstead [transcrição fonética]. É um porto, um porto de mar em Gales. Estão a falar em inglês. » Avançou no tempo até à altura em que Christian se encontrava no seu navio. «*Cheira-me* a qualquer coisa, qualquer coisa que está a arder. É um cheiro horrível. Madeira a arder, mas qualquer coisa mais. Faz arder o nariz... Qualquer coisa ao longe está a arder, um barco qualquer, um veleiro. Estamos a carregar! Estamos a carregar qualquer coisa com pólvora.» Catherine estava a ficar visivelmente agitada.

«E qualquer coisa que tem pólvora, muito negro. Cola-se às mãos. E preciso andar depressa. O navio tem uma bandeira verde... A bandeira é escura... É uma bandeira verde e amarela. Tem uma espécie de coroa com três pontas.» De repente Catherine fez uma careta de dor. Estava cheia de dores. -Ai!" gemeu, « a dor que sinto na mão, a dor que sinto na mão! Tenho qualquer coisa em metal, metal quente na mão. Está a queimar-me! Oh! Oh! »

Foi nesse momento que recordei o fragmento do sonho e que consegui compreender o pormenor da barbatana vermelha cravada na mão. Bloqueei-lhe a dor, mas continuava a gemer.

«Os estilhaços são de metal... O navio onde estávamos foi destruído... o lado de bombordo. O incêndio já foi dominado. Muitos homens foram mortos... muitos homens. Eu sobrevivi... só me dói a mão, mas vai passar com o tempo.» Levei-a a avançar no tempo, deixando que captasse o acontecimento seguinte que fosse significativo.

«Vejo uma espécie de tipografia, estão a imprimir qualquer coisa com blocos e tinta. Estão a imprimir e a encadernar livros... Os livros têm capas de couro e correias para os manter fechados, correias de couro. Vejo um livro vermelho... É qualquer coisa sobre história. Não consigo ver o título; ainda não acabaram a impressão. Os

livros são maravilhosos. As capas de couro são tão macias! São livros maravilhosos; ensinam muitas coisas.»

Era óbvio que Christian sentia prazer em ver e tocar nos livros, e apercebia-se inconscientemente do potencial de aprendizagem por este meio. No entanto a sua educação parecia muito rudimentar. Fiz com que Christian progredisse até ao último dia da sua vida.

«Vejo uma ponte sobre um rio. Sou um velho... muito velho. Tenho dificuldade em andar. Estou a atravessar a ponte... para o outro lado... Sinto dores no peito - uma pressão, uma pressão terrível - sinto dores no peito! Oh!. Catherine emitia sons gorgolejantes, sofrendo o aparente ataque de coração que Christian estava a ter na ponte. A respiração era rápida e superficial; o rosto e o pescoço estavam cobertos de transpiração. Começou a tossir e a arfar. Sentia-me preocupado. Seria perigoso voltar a experimentar um ataque de coração ocorrido numa vida anterior? Estávamos perante uma nova fronteira; ninguém sabia as respostas. Finalmente, Christian morreu. Catherine estava agora deitada no sofá evidenciando um ar tranquilo, respirando profunda e regularmente. Deixei escapar um profundo suspiro de alívio.

«Sinto-me livre... livre», murmurou Catherine suavemente. «Estou apenas a flutuar na escuridão... apenas a flutuar. Há uma luz à volta... e espíritos, outras pessoas.» Perguntei-lhe se lembrava de alguma coisa da vida que acabara de terminar, a vida como Christian.

«Devia ter sido mais indulgente, e não fui. Não perdoei o mal que as outras pessoas me fizeram e devia tê-lo feito. Não perdoei as ofensas. Mantive-as dentro de mim e guardei-as durante muitos anos... Vejo olhos... olhos.»

«Olhos?» repeti como um eco, tendo uma sensação de contacto. «Os olhos de quem?»

«Os olhos dos Espíritos Mestres» murmurou Catherine, «mas tenho que esperar. Tenho coisas em que pensar.» Passaram-se diversos minutos num silêncio tenso. «Como é que sabe quando eles estão prontos?» perguntei ansiosamente, quebrando o longo silêncio.

«Eles hão-de chamar-me», respondeu. Passaram-se mais alguns minutos. Até que, de repente, começou a mover a cabeça de um lado para o outro e a voz, rouca e firme, assinalou a transformação.

«Há muitas almas nesta dimensão. Não sou a única. Temos que ser pacientes. E qualquer coisa que eu também nunca aprendi... Há muitas dimensões...» Perguntei-lhe se já estivera ali antes, se reencarnara muitas vezes.

«Estive em diferentes planos em alturas diferentes. Cada um deles representa um nível de consciência superior. O plano para onde vamos depende do ponto até onde conseguimos progredir...» Mais uma vez estava em silêncio. Perguntei-lhe que lições tinha que aprender para poder progredir. Respondeu de imediato.

«A de que devemos partilhar o nosso saber com as outras pessoas. A de que temos capacidades muito para além das que julgamos possuir. Há quem descubra isto

mais depressa do que outros. A de que devemos ter consciência dos nossos erros antes de chegarmos a este ponto. Se assim não for, serão transportados conosco para outra vida. Só nós temos possibilidade de nos libertarmos... dos maus hábitos que vamos acumulando quando nos encontramos no estado físico. Os Mestres não podem fazer isso por nós. Quando optamos por nos opormos e não nos libertarmos deles, iremos transportá-los para uma outra vida. E só quando decidimos que somos suficientemente fortes para dominarmos os problemas externos é que faremos com que eles não existam na vida seguinte.

«Também devemos aprender a não nos limitarmos a aproximarmo-nos das pessoas que têm vibrações como as nossas. É normal sentirmo-nos atraídos por alguém que se encontra no mesmo nível onde nós estamos. Mas isto está errado. Também devemos aproximarmo-nos das pessoas cujas vibrações são diferentes... das nossas. É nisto que reside a importância... de ajudar... essas pessoas.

«São-nos dados poderes intuitivos que deveríamos seguir em vez de tentarmos resistir-lhes. Todos aqueles que lhes resistem irão cair em situações de perigo. Não somos enviados de cada um dos planos com poderes iguais. Algumas pessoas possuem poderes maiores do que as outras, porque estes foram acrescidos noutras alturas. Assim, as pessoas não são todas criadas de igual modo. Mas eventualmente alcançaremos um ponto em que todos seremos iguais.»

Catherine fez uma pausa. Sabia que estes pensamentos não lhe pertenciam. Não tinha qualquer bagagem em física ou metafísica; não sabia nada sobre planos, dimensões e vibrações. Mas para lá de tudo isso, a beleza das palavras e dos pensamentos, as implicações filosóficas destas elocuções - tudo isso se encontrava muito além das capacidades de Catherine. Nunca falara de uma maneira tão concisa e poética. Sentia uma outra força muito superior que se debatia com a mente dela e com as suas cordas vocais para traduzir estes pensamentos em palavras de modo a que eu fosse capaz de compreender. Não, não era Catherine. A sua voz tinha um tom sonhador.

«As pessoas que se encontram em coma... estão num estado de suspensão. Ainda não se encontram prontas para atravessarem para outro plano... até decidirem se querem ou não atravessar. Só elas podem tomar uma decisão a este respeito. Se concluem que não têm mais nada a aprender... no estado físico... então é-lhes permitido atravessar. Mas se ainda têm coisas a aprender, então, devem regressar mesmo que não o queiram fazer. Para essas pessoas trata-se de um período de descanso, um período em que os seus poderes mentais podem repousar.»

Sendo assim, as pessoas em coma podem decidir se querem ou não regressar, dependendo tudo do grau de aprendizagem que ainda têm que atingir no mundo físico. Se chegam à conclusão de que não há mais nada para aprender, podem seguir diretamente para o estado espiritual, não interessando tudo o que a medicina moderna faça para o impedir. Esta informação adaptava-se perfeitamente às investigações que haviam sido publicadas sobre experiências de quase morte, e às razões pelas quais algumas pessoas decidiam regressar. Havia outras a quem não era dada qualquer possibilidade de escolha; tinham que regressar porque ainda havia coisas a aprender. É evidente que todas essas pessoas entrevistadas sobre as suas experiências no limiar da morte regressaram aos seus corpos. Verifica-se

uma semelhança espantosa nas suas histórias. Libertaram-se dos seus corpos e «observaram» os esforços de reanimação de um ponto acima daqueles. Em alguns casos tiveram consciência de uma luz brilhante ou de um vulto «espiritual» resplandecente avistado à distância, por vezes na extremidade de um túnel. Não sentiam qualquer dor. Logo que tomavam consciência de que as suas tarefas na terra ainda não se encontravam terminadas e que tinham que regressar aos seus corpos, este regresso era feito de imediato, e mais uma vez passavam a estar conscientes da dor e de outras sensações físicas.

Tive diversos pacientes com experiências no limiar da morte. O relato mais interessante foi o de um homem de negócios de sucesso sul-americano, que foi visto por mim em várias sessões de psicoterapia convencional cerca de dois anos depois do tratamento de Catherine ter terminado. Em 1975, na Holanda, quando Jacob entrara na casa dos trinta anos, fora atropelado por uma motocicleta, acidente que o deixara inconsciente. Recorda-se de flutuar acima do seu corpo e de olhar para a cena do acidente, vendo a ambulância, o médico a tratar dos seus ferimentos e o número crescente de mirões. De repente teve consciência de uma luz dourada à distância, e quando a luz se aproximou, viu um monge que envergava um hábito castanho. O monge disse a Jacob que ainda não chegara a altura de fazer a travessia, que tinha que regressar ao seu corpo. Jacob sentiu a sabedoria e o poder do monge, que também descreveu a Jacob alguns acontecimentos da sua vida futura, tendo-se tudo passado conforme foi descrito. Jacob foi de novo empurrado para o seu corpo, que agora se encontrava numa cama de hospital, retomou a consciência, e pela primeira vez sentiu dores insuportáveis.

Em 1980, durante uma viagem a Israel, Jacob, que é judeu, visitou a Gruta dos Patriarcas em Hebron, que é um local sagrado tanto para judeus como para Muçulmanos. Depois da experiência que tivera na Holanda tornara-se mais religioso e passara a orar mais freqüentemente. Viu a mesquita que se encontrava próxima e sentou-se para orar com os muçulmanos que aí se encontravam. Ao fim de algum tempo levantou-se para sair. Um velho muçulmano aproximou-se dele e disse: «És diferente dos outros. Raras vezes se sentam para orar conosco.» O velho fez uma pausa durante alguns momentos, olhando atentamente para Jacob antes de continuar. «Viste o monge. Não te esqueças daquilo que ele te disse.» Cinco anos depois do acidente e a uma distância de milhares de quilômetros, um velho sabia o que se passara no encontro de Jacob com o monge, um encontro ocorrido quando Jacob se encontrava inconsciente.

No consultório, meditando nas últimas revelações de Catherine, tentava imaginar o que é que os nossos Pais Fundadores teriam pensado da afirmação de que os humanos não são todos criados iguais. As pessoas nascem com talentos, capacidades e poderes acrescidos de outras vidas. «Mas eventualmente alcançaremos um ponto em que seremos todos iguais.» Tinha uma suspeita de que esse ponto se encontrava a muitas, muitas vidas de distância.

Lembrei-me do jovem Mozart e dos seus incríveis talentos evidenciados ainda em criança. Seria isto também uma demonstração de capacidades anteriores? Aparentemente tanto exibíamos capacidades como falhas.

Pensei sobre o modo como as pessoas apresentavam uma tendência para se reunirem em grupos homogêneos, evitando e muitas vezes receando estranhos.

Tudo isto constituía a base de preconceitos e ódios entre grupos. «Também devemos aprender a não nos aproximarmos apenas das pessoas cujas vibrações são iguais às nossas.» Para ajudar essas outras pessoas. Conseguia sentir as verdades espirituais contidas nestas palavras.

«Devo voltar» concluiu Catherine. «Tenho que voltar.» Mas eu queria ouvir mais. Perguntei-lhe quem era Robert Jarrod. Mencionara este nome na última sessão, afirmando que ele precisava da minha ajuda.

«Não sei... Pode ser que se encontre noutro plano, e não neste.» Aparentemente não conseguia encontrá-lo. «Só quando ele quiser, só se ele decidir vir ao meu encontro» murmurou, «é que ele me enviará uma mensagem. Precisa da sua ajuda.»

Continuava a não compreender como é que eu poderia ajudar.

«Não sei», respondeu Catherine. «Mas é você que deverá ser ensinado, não eu.» Isto era interessante. Seria material para mim? Ou teria que ser ensinado para poder ajudar Robert Jarrod? Nunca ouvira falar dele.

«Tenho que regressar», repetiu Catherine. «Primeiro tenho que ir para a luz.» De um momento para o outro mostrava-se alarmada. «Oh, oh, hesitei durante demasiado tempo... Por ter hesitado tanto tenho que esperar de novo.» Enquanto esperava perguntei-lhe o que é que estava a ver e a sentir.

«Apenas outros espíritos, outras almas. Também aguardam.» Perguntei-lhe se havia alguma coisa que nos pudesse ser ensinada enquanto ela estava à espera. «Pode dizer-nos o que e que devemos saber?» perguntei.

«Não estão aqui para me dizerem» respondeu. Fascinante. Se os Mestres não se encontravam lá para que ela pudesse escutar, Catherine por si só não era capaz de fornecer o saber.

«Sinto-me muito inquieta por estar aqui. Quero ir-me embora... Quando chegar a altura, tenho que partir.» Mais uma vez passaram-se alguns minutos em silêncio. Finalmente deve ter chegado a altura exata. Caíra numa nova vida. »

«Vejo macieiras... e uma casa, uma casa branca. Vivo na casa. As maçãs estão podres... cheias de minhocas, não servem para comer. Há um balouço, um balouço pendurado na árvore.» Pedi-lhe para olhar para ela.

«Tenho cabelos claros, cabelos louros; tenho cinco anos. O meu nome é Catherine.» Fiquei surpreendido. Chegara à sua vida atual; era Catherine quando tinha cinco anos. Mas devia estar ali por uma razão qualquer. «Houve alguma coisa que tivesse acontecido, Catherine?»

«O meu pai está zangado conosco... porque não devíamos ter ido lá para fora. Ele... ele está a bater-me com uma vara. É muito pesada; dói-me... tenho medo.» Estava a choramingar, e falava como uma criança. «Não vai parar até nos ter magoado. Por que é que ele nos faz isto? Por que e que ele é tão mau?» Pedi-lhe para observar a

vida dela de uma perspectiva superior e para responder às suas próprias perguntas. Ainda há pouco tempo lera qualquer coisa sobre pessoas que eram capazes de o fazer. Alguns autores designavam esta perspectiva por Ego Superior ou Superego. Tinha curiosidade em descobrir se Catherine seria capaz de atingir esse estado, se ele de fato existisse. Se ela fosse capaz, isto poderia ser considerado como uma poderosa técnica terapêutica, um atalho para uma visão interior e compreensão.

«Nunca gostou de nós» murmurou muito suavemente. «Pensa que somos uma intromissão na sua vida... Não nos quer.»

«O seu irmão também?» perguntei-lhe.

«Sim, o meu irmão ainda mais. Nunca fizeram planos para o meu irmão. Não eram casados quando... ele foi concebido.» Isto apresentava-se como uma informação aterradora para Catherine. Nunca soubera da gravidez pré-marital. Mais tarde a mãe veio a confirmar a exatidão das revelações de Catherine.

Embora estivesse a percorrer de novo uma vida, agora Catherine demonstrava uma maior sabedoria e uma perspectiva sobre a sua vida que antes fora limitada ao estado intermédio ou estado espiritual. Verificava-se, de certa maneira, a existência de uma parte «superior» da sua mente, uma espécie de superconsciência. Talvez fosse o Ego Superior que outros haviam descrito. Embora sem estar em contacto com os Mestres e com o seu saber espetacular, mesmo assim, no seu estado superconsciente possuía uma profunda visão interior e uma grande dose de informação, como por exemplo no caso da concepção do seu irmão. A Catherine consciente, quando se encontrava desperta, mostrava-se muito mais ansiosa e limitada, muito mais simples e comparativamente superficial. Não era capaz de penetrar neste estado superconsciente. Perguntei a mim mesmo se os profetas e sábios das religiões orientais e ocidentais, os que eram considerados como «atualizados», seriam capazes de utilizar este estado superconsciente para conseguirem a sua sabedoria e conhecimentos. Se assim fosse, então todos nós tínhamos a capacidade de fazer o mesmo, uma vez que todos nós possuíamos esse superconsciente. O psicanalista Carl Jung conhecia os diferentes níveis de consciência. Escreveu sobre o inconsciente coletivo, um estado semelhante ao superconsciente de Catherine.

Começava a sentir-me incrivelmente frustrado com o inultrapassável abismo entre o consciente de Catherine, o intelecto desperto, e a sua mente superconsciente em estado de transe. Enquanto se encontrava hipnotizada conseguia ter com ela diálogos fascinantes a um nível superconsciente. No entanto, quando se encontrava desperta, Catherine não demonstrava o menor interesse pela filosofia ou assuntos relacionados com ela.

Vivia num mundo pragmático, sem prestar atenção ao gênio que se encontrava dentro dela.

Entretanto, o pai continuava a atormentá-la e as razões começavam a mostrar-se evidentes. «Tem muitas lições a aprender», afirmei num tom interrogativo.

«Sim... de fato tem.»

Perguntei-lhe se ela sabia o que é que ele tinha que aprender. «Esse conhecimento não me é revelado.» O seu tom era descontraído, distante. «Só me é revelado aquilo que é importante para mim, aquilo que me diz respeito. Cada pessoa deve preocupar-se consigo própria... com o desejo de se transformar... num todo. Temos lições a aprender... cada um de nós. Devem ser aprendidas uma de cada vez... pela sua ordem. Só então seremos capazes de saber aquilo de que o nosso próximo necessita, ou aquilo de que necessitamos, para que possamos ser um todo.» Falava num murmúrio suave, e o seu murmúrio transmitia um sentimento de indiferença carinhosa.

Quando Catherine voltou a falar, regressara o tom de voz de criança. «Estou a ficar enjoada! Está a obrigar-me a comer isto que eu não quero. A comida é... alface, cebolas, uma coisa que eu detesto. Está a obrigar-me a comer e sabe que eu vou ficar doente. Mas não se importa!» Catherine começou a engasgar-se. Respirava com dificuldade. Sugeri-lhe mais uma vez que observasse a cena de uma perspectiva superior, que precisava de compreender porque é que o pai agia daquela maneira.

Catherine falou num murmúrio áspero. «Deve preencher um vazio que existe nele. Detesta-me por aquilo que fez, e detesta-se a si próprio.» Já quase que me esquecera do abuso sexual quando ela tinha três anos. «É por isso que ele acha que me deve punir... Devo ter feito qualquer coisa para ele proceder dessa maneira.» Só tinha três anos e o pai estava embriagado. No entanto carregara essa culpa no seu íntimo a partir desse momento. Expliquei aquilo que era óbvio.

«A Catherine era apenas um bebê. Chegou a altura de se libertar dessa culpa. Não fez nada. O que é que poderia fazer uma criança de três anos? Não foi a Catherine; foi o seu pai.»

«Nessa altura também me deve ter odiado» murmurou suavemente. «Já o conhecia antes, mas agora não posso basear-me nessa informação. Tenho que regressar a essa altura.» Embora já se tivessem passado algumas horas, queria regressar ao seu anterior relacionamento. Dei-lhe instruções detalhadas a esse respeito.

«Você está num estado profundo. Dentro de momentos vou começar a contar em sentido inverso, de três para um. Vai ficar num estado ainda mais profundo e sentir-se completamente segura. A sua mente vai sentir-se livre para se deslocar mais uma vez no tempo, de regresso à altura em que começou o seu relacionamento com aquele que nesta vida e o seu pai, de regresso ao tempo em que se verificou a razão mais importante daquilo que se passou na sua infância entre si e ele. Quando eu disser "um" regressará a essa vida e irá recordar tudo. É importante para a sua cura. Você é capaz. Três... dois... um.» Houve uma longa pausa.

«Não o vejo... mas vejo pessoas a serem mortas! » A voz subiu de tom e tornou-se áspera. «Não temos o menor direito de terminarmos abruptamente as vidas das pessoas antes delas terem cumprido o seu karma. E estamos a fazê-lo. Não temos o direito. Poderão ter uma maior retribuição se as deixarmos viver. Quando morrem e vão para a dimensão seguinte, irão sofrer aí. Irão ficar num estado de grande inquietação. Não terão paz. E serão mandadas de volta, mas as suas vidas serão muito duras. E terão que compensar as pessoas que magoaram por causa das injustiças que cometeram contra elas. Estão a deter as vidas dessas pessoas e não

têm o menor direito de o fazer. Só Deus as pode castigar e nunca nós. Terão que ser punidas.»

Passou-se um minuto em silêncio. «Partiram», murmurou Catherine. Os Espíritos Mestres deram-nos hoje uma nova mensagem, forte e absolutamente clara. Não devemos matar, sejam quais forem as circunstâncias. Só Deus pode castigar! Catherine estava exausta. Decidi adiar a nossa busca da sua relação com o pai numa vida anterior, e tirei-a do transe. As únicas coisas de que se recordava eram a sua encarnação como Christian e de Catherine em menina. Estava cansada, mas mesmo assim em paz e descontraída, como se lhe tivessem tirado de cima um peso enorme. Os meus olhos encontraram os de Carole. Também estávamos exaustos. Tínhamos tremido e suado, pendentes de cada palavra que fora pronunciada. Havíamos partilhado uma experiência incrível.

Começara a programar as sessões semanais de Catherine para o final do dia, porque se prolongavam por várias horas. Catherine continuava com aquele ar de quem se encontra em paz quando chegou na semana seguinte. Falara com o pai ao telefone. Sem lhe ter dado quaisquer pormenores, tinha-lhe perdoado à sua maneira. Nunca a vira tão serena. Sentia-me maravilhado com a rapidez dos seus progressos. Era raro acontecer que um paciente, vítima de medos e ansiedades de natureza crônica e de tal modo profundos, melhorasse de um modo tão acentuado. Mas também era evidente que Catherine dificilmente poderia ser considerada como uma paciente vulgar, e o rumo que a sua terapia tomara era certamente excepcional. «Vejo uma boneca de porcelana em cima de uma espécie de prateleira.» Mergulhara rapidamente num transe profundo. «Há livros de ambos os lados da lareira. É uma sala de uma casa qualquer. Junto da boneca vejo candelabros. E um quadro... do rosto, o rosto de um homem...» Estava a inspecionar a sala. Perguntei-lhe o que é que estava a ver.

«Qualquer coisa que cobre o soalho. E felpudo como se fosse... é uma pele de animal, sim... uma pele de animal que cobre o chão. A direita há duas portas de vidro... que dão para a varanda. A frente da casa tem colunas e quatro degraus que descem para uma vereda. Em volta da casa há árvores enormes... No exterior vejo alguns cavalos. Os cavalos estão amarrados... a alguns postes que se encontram na frente da casa.»

«Sabe onde é que isso é?» perguntei-lhe. Catherine respirou profundamente.

«Não vejo nomes» murmurou, «mas o ano, o ano deve estar em qualquer parte. É o século dezoito, mas eu não... há árvores e flores amarelas, flores amarelas muito bonitas.» Estava distraída com as flores. «Têm um aroma maravilhoso; um cheiro doce, as flores... flores estranhas, grandes flores... flores amarelas com centros negros.» Fez uma pausa, permanecendo no meio das flores. Isto fez-me lembrar um campo de girassóis no sul de Franca. Perguntei-lhe como era o clima.

«E bastante temperado, mas não há muito vento. Não é nem quente nem frio.» Não estamos a fazer qualquer progresso na identificação do local. Levei-a de volta à casa, afastando-a do fascínio das flores amarelas, e perguntei-lhe de quem era o retrato que se encontrava por cima da prateleira.

«Não consigo... continuo a ouvir chamar Aaron... o seu nome é Aaron.» Perguntei-lhe se era o dono da casa. «Não, o dono é o filho. Eu trabalho na casa.» Mais uma vez estava sujeita a um papel de criada. Nunca conseguira aproximar-se, nem mesmo remotamente, da posição de uma Cleópatra ou de um Napoleão. Os cépticos da reencarnação, incluindo eu próprio dois meses antes e com todo o meu treino científico, costumavam salientar a frequência muito mais elevada do que aquilo que seria de esperar de encarnações como gente famosa. Encontrava-me agora numa posição inesperada em que a reencarnação havia sido provada cientificamente, precisamente no meu consultório no Departamento de Psiquiatria. E além disso estava a ser revelado muito mais do que uma simples reencarnação.

«Sinto a perna muito...» continuou Catherine, «muito pesada. Dói-me. Quase que dá a impressão de que não está ali... A perna dói-me. Levei um coice dos cavalos.» Disse-lhe para olhar para ela.

«Tenho cabelo castanho, cabelo castanho encaracolado. Uso uma espécie de touca, uma espécie de touca branca... um vestido azul com uma espécie de proteção sobre o vestido... um avental. Sou nova sem ser uma criança. Mas a minha perna dói-me. Aconteceu há pouco tempo. Dói-me horivelmente.» Via-se nitidamente que tinha muitas dores. «Ferradura... ferradura. Deu-me um coice com a ferradura. É um cavalo muito, muito mau.»

A voz ia-se tornando mais suave à medida que a dor se ia desvanecendo. «Sinto o cheiro da forragem guardada no celeiro. Há outras pessoas a trabalharem na área dos estábulos.» Perguntei-lhe qual era o trabalho dela.

« O meu trabalho era servir... servir na casa grande. Também era responsável por mungir as vacas.» Queria saber mais sobre os proprietários.

« A esposa é bastante roliça, com um ar muito desleixado. E há duas filhas... Não as conheço» acrescentou, antecipando-se à minha pergunta seguinte em que queria saber se alguma das pessoas se encontrava presente na vida atual de Catherine.

Fiz-lhe perguntas sobre a sua própria família no século dezoito.

«Não sei; não os vejo. Não vejo ninguém junto de mim.» Perguntei-lhe se morava ali.

«Sim, vivo aqui, mas não na casa grande. Muito pequena... a casa destina-se a nós. Há galinhas. Vamos buscar os ovos. São ovos castanhos. A minha casa é muito pequena... e branca... só uma dependência. Vejo um homem. Vivo com ele. Tem cabelo muito encaracolado e olhos azuis.

Perguntei-lhe se são casados.

«Não, segundo a sua compreensão de casamento, não.»

Tinha nascido ali?

«Não, trouxeram-me para a propriedade quando era muito nova. A minha família era muito pobre.» O seu companheiro não parecia ser familiar. Dei-lhe instruções para avançar no tempo, para o acontecimento seguinte daquela vida que fosse significativo.

«Vejo qualquer coisa branca... branca com muitas fitas. Deve ser um chapéu. Um tipo qualquer de chapéu, com penas e fitas brancas.»

«Quem é que usa o chapéu? É...» Ela interrompeu-me.

«A dona da casa, evidentemente.» Senti-me um tanto estúpido. «É o casamento de uma das suas filhas. juntou-se toda a gente da propriedade para assistir à cerimônia.» Perguntei-lhe se fora publicada qualquer coisa no jornal sobre o casamento. Se a resposta fosse afirmativa, pedia-lhe para tentar ver a data.

«Não, julgo que aqui não há jornais. Não vejo nada que se pareça com isso.» Nesta vida estava a tornar-se extremamente difícil obter qualquer tipo de documentação. «Consegue ver-se no casamento?» perguntei-lhe. Respondeu rapidamente, num tom de voz um pouco mais alto.

«Não estamos no casamento. Só podemos observar as pessoas que chegam e que partem. Aos criados não é permitido assistir.

«E o que é que sente a esse respeito?» «Revolta.»

«Porquê? Tratam-na mal?»

«Porque somos pobres» respondeu suavemente “e estamos ligados a eles. E temos tão pouco comparado com aquilo que eles têm.»

«Alguma vez saiu da propriedade? Ou tem vivido sempre aí?» Respondeu num tom melancólico. «Vivi sempre aqui.» Conseguia sentir a sua tristeza. A sua vida era ao mesmo tempo difícil e sem esperança. Fiz com que avançasse até ao dia da sua morte.

«Vejo uma casa. Estou na cama, deitada na cama. Estão a dar-me qualquer coisa para beber, qualquer coisa morna. Cheira a hortelã. Sinto um peso muito grande no peito. Custa-me respirar... Dói-me o peito e as costas... É uma dor muito forte... custa-me falar.» Respirava rápida e superficialmente, evidenciando sinais de uma dor profunda. Depois de alguns minutos de agonia o rosto suavizou-se e o corpo descontraiu-se. A respiração voltou ao normal.

“Deixei o meu corpo.» A voz era mais alta e num tom áspero. «Vejo uma luz maravilhosa... Há pessoas que vêm ao meu encontro. Vêm ajudar-me. Gente maravilhosa. Não têm medo... Sinto-me muito leve...» Houve uma longa pausa.

«Ficou com qualquer opinião sobre a vida que acabou de abandonar?

«Isso é para mais tarde. Para já sinto apenas a paz. E tempo de consolo. Os participantes devem ser confortados. A alma... a alma encontra paz neste lugar.

Deixam-se para trás todas as dores do corpo. A alma está serena e em paz. É um sentimento maravilhoso... maravilhoso como se o sol nos confortasse para sempre com o seu calor e o seu brilho. A luz é tão brilhante! Tudo tem origem na luz! A energia vem desta luz. A nossa alma vai *imediatamente* para lá. É quase como uma força magnética que nos atrai. É maravilhoso. E como uma fonte de poder. Sabe como curar.»

«Tem uma cor?

«Tem várias cores.» Fez uma pausa, repousando nesta luz. «O que é que está a sentir?» arrisquei.

«Nada... apenas um sentimento de paz. Estamos entre amigos. Estão todos ali. Vejo muitas pessoas. Algumas são familiares, outras não. Mas estamos ali, à espera.» Continuou a esperar, enquanto os minutos passavam lentamente. Decidi acelerar o ritmo.

«Tenho uma pergunta a fazer.» «A quem?» perguntou Catherine.

«A alguém - a si ou aos Mestres» respondi numa evasiva. «Julgo que a compreensão disto nos poderá ajudar. A questão é a seguinte: somos nós que escolhemos a altura e o modo do nosso nascimento e da nossa morte? Temos possibilidade de escolher a nossa situação? Podemos voltar a escolher a altura da nossa passagem? Julgo que a compreensão disto poderá facilitar bastante a compreensão das razões dos seus medos. Está aí alguém que possa responder a esta questão?» A sala parecia gelada. Quando Catherine voltou a falar, a sua voz era mais profunda e ressonante. Era uma voz que nunca ouvira antes. Era a voz de um poeta.

«Sim, escolhemos a altura em que voltamos ao nosso estado físico e a altura em que voltamos a abandoná-lo. Sabemos quando terminamos aquilo que nos mandaram fazer. Sabemos quando chegou a altura e aceitamos a morte. Isto acontece porque temos consciência de que não conseguimos mais nada desta vida. Depois de termos tido tempo, depois de termos tido o tempo necessário para descansar e reenergizar a alma, podemos voltar a escolher a nossa nova entrada no mundo físico. As pessoas que hesitam, aquelas que não têm a certeza do regresso aqui, podem perder a oportunidade que lhes foi dada, a oportunidade de realizarem aquilo que lhes compete quando se encontram no estado físico.»

Soube imediatamente e de um modo absoluto que não era Catherine que estava a falar.

«Quem é que está a falar comigo» implorei, «quem é que está a falar?»

Catherine respondeu no seu murmúrio suave que me era familiar. «Não sei. A voz de alguém muito... alguém que controla coisas, mas não sei quem é. Só consigo ouvir a sua voz e tentar dizer-lhe aquilo que ele me diz.

Ela também sabia que esse conhecimento não vinha dela, não do seu subconsciente, nem do seu inconsciente. Nem sequer do seu eu superconsciente. De certa maneira estava a escutar, e em seguida a transmitir-me, as palavras e os

pensamentos de alguém muito especial, alguém que «controla coisas». Tínhamos portanto que surgira outro Mestre, diferente daquele, ou daqueles, de quem haviam surgido as mensagens anteriores plenas de sabedoria. Este era um novo espírito, com uma voz e um estilo característicos, poético e sereno. Este era um Mestre que falava sobre a morte sem qualquer hesitação, e no entanto com uma voz e pensamentos impregnados de amor. O amor transmitia ao mesmo tempo uma sensação de calor e de realidade, embora desprendido e universal. Parecia uma bênção, sem ser sufocante, emocional ou tentar criar dependências. Transmitia um sentimento de um distanciamento impregnado de amor ou de uma distante gentileza carinhosa e fazia-nos sentir vagamente familiares.

O murmúrio de Catherine subiu de tom. «Não tenho a menor fé nessa gente.»

«Não tem a menor fé em que gente?» perguntei-lhe. «Nos Mestres.»

«Nenhuma fé?»

«Não, falta-me a fé. E por isso que a minha vida tem sido tão difícil. Não tinha fé nesta vida.»

Catherine analisava calmamente a sua vida no século dezoito. Perguntei-lhe o que é que ela aprendera naquela vida.

«Aprendi sobre a ira e o ressentimento, sobre guardamos sentimentos contra as pessoas. Também tive que aprender que não tenho qualquer controlo sobre a minha vida. Quero ter controlo, mas não tenho. Tenho que ter fé nos Mestres. Eles serão continuamente os meus guias. Mas não tenho a fé. Sinto-me como se tivesse sido condenada desde o início. Nunca considere as coisas com muito prazer. Devemos ter fé... Devemos ter fé. E eu tenho dúvidas. Tenho dúvidas em vez de acreditar.»

Fez uma pausa.

«O que é que você deve fazer, e eu também, para nos tornarmos melhores? O nosso caminho é o mesmo?» perguntei-lhe. A resposta veio do Mestre que na última semana falara de poderes intuitivos e do regresso de comas. A voz, o estilo, o tom, tudo era diferente da voz de Catherine e da voz masculina e poética do mestre que acabara de falar.

«O caminho de toda a gente é praticamente o mesmo. Todos nós devemos aprender certas atitudes quando nos encontramos no estado físico. Alguns são mais rápidos a aceitarem-nas do que outros. Caridade, esperança, fé, amor... todos nós devemos conhecer estas coisas e conhecê-las bem. Não se trata apenas de uma esperança, de uma fé e de um amor - há tantas coisas que fazem parte de cada um destes sentimentos. Há tantos modos de os demonstrar. E no entanto encontramos-nos apenas ligados a um pouco de cada um...

Os elementos das ordens religiosas chegaram mais perto do que qualquer de nós, porque tomaram esses votos de castidade e de obediência. Deram tanto, sem pedirem absolutamente nada em troca. O resto de nós continua a pedir recompensas - recompensas e justificações para o nosso comportamento... quando não existem quaisquer recompensas, recompensas para aquilo que nós queremos.

A recompensa está em fazer, mas fazer sem esperar o que quer que seja... fazer as coisas de um modo altruísta.

«Não aprendi isso» acrescentou Catherine, no seu murmúrio suave.

Por momentos senti-me confuso com o termo "castidade", mas lembrei-me de que a raiz significava "puro", referindo-se a um estado muito diferente de uma situação de abstinência sexual.

«... Não se excedendo» continuou. «Qualquer coisa feita em excesso... em excesso... Você há-de compreender. De fato você *compreende*.» Mais uma vez fez uma pausa.

«Estou a tentar» acrescentei. Em seguida decidi concentrar-me em Catherine. Talvez os Mestres ainda não tivessem partido. «O que é que eu posso fazer para ajudar Catherine a ultrapassar os seus medos e ansiedades? E a aprender as suas lições? E esta a melhor maneira ou devo alterar qualquer coisa? Ou concentrar-me numa área específica? Qual será a melhor maneira de a ajudar?»

A resposta surgiu na voz profunda do Mestre poeta. Inclinei-me para a frente na cadeira.

«Estás a fazer aquilo que está correto. Mas isto é para ti, não para ela.» Mais uma vez a mensagem era a de que tudo isto era mais para meu benefício do que para benefício dela.

«Para mim?»

«Sim. Aquilo que dizemos é para ti.» Não só se referiu a Catherine na terceira pessoa como além disso dizia "nós". Havia de fato diversos Mestres que se encontravam presentes.

«Posso saber os vossos nomes?» perguntei, estremeando de imediato por causa do aspecto mundano da minha pergunta. «Preciso de orientação. Tenho tanto que aprender.»

A resposta foi um poema de amor, um poema sobre a minha vida e a minha morte. A voz era suave e terna, e senti o tom carinhoso de um espírito universal. Escutei com espanto.

«Serás guiado quando a altura chegar. Serás guiado... em devido tempo. Quando tiveres realizado aquilo para que foste enviado, então a tua vida terminará. Mas nunca antes disso. Tens muito tempo à tua frente... muito tempo.»
Sentia-me ao mesmo tempo ansioso e aliviado. Senti-me contente por ele não ser mais específico. Catherine estava a ficar inquieta. Falou-me num murmúrio muito baixo.

«Estou a cair, a cair... tentando encontrar a minha vida... a cair.» Deu um suspiro e eu também fiz o mesmo. Os Mestres tinham partido. Meditei sobre as mensagens miraculosas, as mensagens absolutamente espiritualizadas de fontes totalmente

espirituais. As implicações eram avassaladoras. A luz depois da morte e a vida depois da morte; a nossa escolha de quando nascemos e de quando morreremos; a orientação firme e infalível dos Mestres; vidas medidas em lições aprendidas e tarefas realizadas, não em anos; caridade, esperança, fé e amor; tudo feito sem qualquer expectativa de recompensa - este conhecimento era-me destinado. Mas com que finalidade? O que é que me *havia mandado* realizar?

As mensagens e acontecimentos dramáticos que me inundavam, no consultório, provocaram alterações profundas na minha vida pessoal e familiar. A transformação foi-se evidenciando gradualmente na minha consciência. Por exemplo, ia de carro com o meu filho a um jogo de *baseball* da universidade quando ficamos bloqueados num enorme engarrafamento. Sempre detestei os engarrafamentos e agora íamos de certeza perder a primeira parte ou mesmo a segunda. Tinha consciência de que não me sentia irritado. Não estava a projetar a culpa em qualquer condutor incompetente. Os músculos do pescoço e dos ombros encontravam-se descontraídos. Não fiz recair a minha irritação sobre o meu filho e estávamos a passar o tempo a falarmos um com o outro. Tive consciência de que desejava apenas passar uma tarde feliz na companhia de Jordan, a vermos um jogo de que ambos gostávamos. Aquilo que pretendíamos naquela tarde era passarmos o tempo juntos. Se me tivesse aborrecido ou irritado, toda a finalidade daquele passeio teria ficado arruinada.

Costumava olhar para os meus filhos e para a minha mulher e interrogar-me se alguma vez teríamos estado juntos noutra vida. Teríamos escolhido partilhar os juízos, tragédias e alegrias desta vida? Seríamos eternamente jovens? Sentia um imenso amor e ternura para com eles. Cheguei à conclusão de que as suas falhas e erros eram insignificantes. Na realidade nada disso é assim tão importante. Mas o amor é.

Cheguei ao ponto de analisar as minhas falhas, pelas mesmas razões. Não precisava de tentar ser perfeito ou controlado constantemente. Na realidade não tinha necessidade de impressionar quem quer que fosse.

Sentia-me muito contente por poder partilhar esta experiência com Carole. Era freqüente conversarmos depois de jantar, altura em que expunha os meus sentimentos e reações nas sessões com Catherine. Carole possuía uma mente analítica e bases muito sólidas. Sabia como me encontrava entusiasmado em continuar as experiências com Catherine de um modo cuidadosamente científico, e desempenhava o papel de advogado do diabo para me ajudar de um modo objetivo neste estudo. À medida que se tornava cada vez mais evidente que Catherine estava de fato a revelar grandes verdades, Carole sentia e partilhava as minhas apreensões e as minhas alegrias.

Quando Catherine chegou para a consulta seguinte uma semana mais tarde, ia começar a ouvir a gravação do incrível diálogo da última semana. Afinal de contas estava a fornecer-me poesia celestial para além de recordações de vidas passadas. Disse-lhe que tinha informações interligadas de experiências depois da morte, mesmo não tendo ela a menor recordação de todos os estados espirituais intermediários. Manifestou uma certa relutância em escutar. Com um aspecto mais feliz e de melhoras acentuadas, não tinha qualquer necessidade de ouvir este material. Além disso, era tudo um tanto «fantástico». Consegui convencê-la a ouvir.

Era maravilhoso, belo, enaltecido e ela sentiu tudo isso. Queria partilhá-lo com ela. Ouviu a gravação do seu suave murmúrio durante alguns minutos e em seguida fez com que eu desligasse. Disse que achava tudo demasiado sobrenatural e que fazia com que se sentisse desconfortável. Silenciosamente recordei aquela frase «Isto é para ti, não é para ela.»

Perguntava a mim próprio durante quanto tempo é que estas sessões iriam durar, já que de semana para semana apresentava melhoras cada vez mais acentuadas. No seu lago, outrora turbulento, agora já só existia uma leve ondulação. Continuava a ter medo de lugares fechados e o seu relacionamento com Stuart ainda era literalmente do gênero chegar e andar. No que dizia respeito aos outros aspectos, os seus progressos eram notáveis.

Há meses que não tínhamos uma sessão de psicoterapia tradicional. Não se havia mostrado necessário. Conversávamos durante alguns minutos para ficarmos a par dos acontecimentos da semana e em seguida avançávamos rapidamente para a regressão hipnótica. Quer se tratasse de memórias reais de traumas importantes, de mini traumas do dia a dia ou do processo de reviver as experiências, Catherine encontrava-se virtualmente curada. As suas fobias e ataques de pânico praticamente tinham desaparecido. Não tinha qualquer medo da morte ou de morrer. Já não tinha medo de perder o controlo. Os psiquiatras usam atualmente grandes doses de medicamentos tranquilizantes e antidepressivos para tratarem pessoas com os sintomas de Catherine. Para além dos medicamentos, é frequente os pacientes serem enviados para sessões de psicoterapia intensiva ou a sessões de terapia de grupo por causa das fobias. Muitos psiquiatras acreditam que os sintomas como os de Catherine têm uma base biológica, que se verifica uma deficiência em um ou em mais químicos do cérebro.

Enquanto hipnotizava Catherine, levando-a a um estado de transe profundo, pensei em como era notável e maravilhoso que num período de semanas, sem o uso de medicamentos, terapia tradicional ou terapia de grupo, ela se encontrasse quase curada. Não era apenas uma questão de supressão de sintomas nem um cerrar de dentes para viver uma existência povoada de medos. Era uma cura, uma ausência de sintomas. E ela encontrava-se radiante, serena e feliz, muito mais do que alguma vez sonhara nas minhas esperanças mais loucas.

A sua voz era mais uma vez um murmúrio suave. «Estou num edifício qualquer com um teto em abóbada. O teto é azul e dourado. Há outras pessoas que estão comigo. Vestem... velhos... uma espécie de túnicas muito velhas e sujas. Não sei como é que fomos ali parar. À nossa volta há muitas imagens. Também há algumas peças, parte delas assentes numa espécie de estrutura de pedra. Há uma enorme imagem dourada num dos extremos do salão. Parece... É muito grande, com asas. Tem um aspecto diabólico. Está muito calor, muito calor... está calor porque não há aberturas no local onde nos encontramos. Temos que nos manter afastados da aldeia. Há qualquer coisa de errado conosco.»

«Vocês estão doentes?»

«Sim, estamos todos doentes. Não sei o que é que temos, mas a nossa pele morre. Fica completamente negra. Sinto muito frio. O ar está muito seco, muito viciado. Não

podemos regressar à aldeia. Temos que permanecer afastados. Alguns dos rostos estão deformados.»

Esta doença parecia terrível, como se fosse lepra. Se ela chegara a ter uma vida agradável, ainda não tínhamos passado por esse período. «Quanto tempo é que vocês têm que ficar aí?»

«Para sempre» respondeu sombriamente, «até morrermos. Não existe cura para isto.»

«Sabe o nome da doença? Como é que lhe chamam?» «Não. A pele fica muito seca e enrugada. já estou ali há anos. Há outros que acabaram de chegar. Não há qualquer meio de regressar. Fomos expulsos... para morrer.»
Levava uma vida miserável a viver numa gruta.

«Temos que caçar para nos alimentarmos. Vejo um tipo de animal selvagem que estamos a caçar... com cornos. E castanho e tem cornos, uns cornos muito grandes.

“Há alguém que a visite?»

«Não, ninguém se pode aproximar, ou também passará a sofrer do mesmo mal. Fomos amaldiçoados... por qualquer mal que cometemos. E esta é a nossa punição.» A areia da sua teologia mudava constantemente na ampulheta das suas vidas. Só depois da morte, no estado espiritual, é que havia uma agradável e tranquilizadora constância.

«Sabe em que ano se encontram?»

«Perdemos a noção do tempo. Estamos doentes; só estamos à espera da nossa morte.»

«Não há qualquer esperança?» Sentia o desespero contagiante.

«Não há qualquer esperança. Vamos morrer todos. E as mãos doem-me imenso. Sinto uma enorme fraqueza em todo o corpo. Sou velha. Tenho dificuldade em andar.»

«O que é que acontece quando já não conseguem andar?» «Somos transferidos para outra gruta, onde nos abandonam para morrermos.»

«O que é que fazem em relação aos mortos?»

«Selam a entrada da gruta.»

«Alguma vez selaram a entrada de uma gruta antes de uma pessoa morrer?» Estava à procura de uma pista que explicasse o seu medo de espaços fechados.

«Não sei. Nunca lá estive. Estou na sala onde se encontram as outras pessoas. Está muito calor. Deixo-me estar junto à parede.»

«Para que é a sala?»

« É para o culto... muitos deuses. Está muito calor.»

Fiz com que avançasse no tempo. «Vejo qualquer coisa branca. Vejo qualquer coisa branca, uma espécie de palio. Estão a transportar alguém.

«E você?»

«Não sei. Para mim a morte será bem-vinda. Sinto imensas dores por todo o corpo.» Os lábios de Catherine haviam-se transformado quase que num risco por causa das dores, e arfava com dificuldade por causa do calor que fazia na gruta. Levei-a até ao dia da sua morte. Ainda continuava a arfar.

«Custa-lhe respirar?» perguntei.

«Sim, tanto calor aqui... sente-se... tanto calor, muito escuro. Não consigo ver... e não consigo mexer-me.» Estava a morrer, paralisada e só, na gruta quente e escura. A entrada da caverna já fora selada. Sentia-se aterrorizada e miserável. A respiração tornou-se mais rápida e irregular, e morreu misericordiosamente, terminando aquela vida angustiada.

«Sinto-me muito leve... como se estivesse a flutuar. Há muita luz aqui. É maravilhoso! »

«Tem dores?»

«Não!» Fez uma pausa e eu esperei a chegada dos Mestres. Em vez disso foi transportada rapidamente. «Estou a cair muito depressa. Vou regressar a um corpo! » Parecia tão surpreendida como eu me sentia.

«Vejo edifícios, edifícios com colunas redondas. Estamos no exterior. Há árvores - oliveiras - à nossa volta. É muito belo. Estamos a assistir a qualquer coisa... As pessoas usam máscaras esquisitas; cobrem-lhes os rostos. É uma espécie de festival. Usam longas túnicas e têm máscaras que lhes cobrem os rostos. Pretendem ser aquilo que na realidade não são. Encontram-se numa plataforma... Acima do local onde nos encontramos sentados.» «Está a assistir a alguma representação?»

«Estou.»

«Qual é o seu aspecto? Olhe para si.»

«Tenho cabelo castanho. O cabelo está penteado numa trança.» Fez uma pausa. A descrição que fez de si própria e a existência de oliveiras fez-me recordar a vida de Catherine nos tempos da Grécia, mil e quinhentos anos antes de Cristo, quando eu era professor dela, na pessoa de Diógenes. Decidi investigar. «Sabe qual é a data?»

«Não.»

«Há alguém junto de si que possa saber?»

«Sim, o meu marido está sentado ao meu lado. Não o conheço». [Na sua vida atual.]

«Tem filhos?»

«Nesta altura trago uma criança.» A escolha que ela fazia dos termos era interessante, de certo modo arcaica e de modo nenhum compatível com o estilo consciente de Catherine.

«O seu pai também está aí?»

«Não o vejo... Você está aí num lugar qualquer... mas não está comigo.» Tinha portanto razão. Havíamos retrocedido no tempo trinta e cinco séculos.

«O que é que eu estou aí a fazer?»

«Está apenas a assistir, mas é professor. Ensina... Aprendemos consigo sobre... quadrados e círculos, coisas engraçadas. Diógenes, você está ali.»

«O que e que sabe mais a meu respeito?»

«É velho. Seja como for somos parentes... é irmão da minha mãe.»

«Conhece mais pessoas da minha família?»

«Conheço a sua mulher... e os seus filhos. Você tem filhos. Dois deles são mais velhos do que eu. A minha mãe morreu; morreu muito nova.»

«Foi o seu pai que a criou?»

«Sim, mas agora estou casada.»

«Está à espera de um bebê?»

«Sim. Tenho medo. Não quero morrer quando o bebê nascer.»

«Foi isso que aconteceu à sua mãe?» «Sim.»

«E tem medo de que lhe possa acontecer a mesma coisa?» «Acontece muitas vezes.»

«É o seu primeiro filho?»

«Sim; estou assustada. Estou à espera dele dentro de pouco tempo. Sou muito grande. Sinto um grande desconforto quando me desloco... Está frio.» Tinha avançado no tempo. O bebê estava quase a nascer. Catherine nunca tivera um bebê, e pela minha parte já não assistia a um parto há catorze anos, desde o meu estágio em obstetrícia na escola médica.

«Onde é que você está?»

«Estou deitada em qualquer coisa dura. Está muito frio. Tenho dores... Preciso de alguém que me ajude. Alguém tem que me ajudar.» Disse-lhe para respirar profundamente; o bebê nasceria sem que ela tivesse dores. Arquejava e gemia ao mesmo tempo. O parto durou mais alguns minutos de agonia até que a criança nasceu. Tinha uma filha.

«Agora sente-se melhor?»

«Muito fraca... tanto sangue! » «Sabe qual é o nome que lhe vai dar?»

«Não, estou muito cansada... Quero o meu bebê.»

«O seu bebê está aqui» disse suavemente, «uma menina.» «Sim, o meu marido está muito contente.»

Estava exausta. Dei-lhe instruções para dormir um pouco e acordar mais repousada. Depois de um minuto ou dois, acordei-a do curto sono.

«Agora, sente-se melhor?»

«Sim ... Vejo animais. Carregam qualquer coisa no lombo. Transportam cestos. Há muitas coisas nos cestos... alimentos... alguns frutos vermelhos...»

«É uma região bonita?» «Sim, com muita comida.»

«Sabe o nome da terra? Como é que lhe chama quando um estranho lhe pergunta o nome da aldeia?»

«Caténia... Caténia.»

«O nome é parecido com o de uma cidade grega», incitei. «Isso não sei. E sabe uma coisa? Esteve ausente da aldeia e agora regressou. Eu não.» Isto era uma evasiva. Uma vez que, naquela vida, era tio dela, mais velho e mais sabedor, estava a perguntar-me se eu sabia a resposta à minha própria pergunta. Infelizmente não tinha acesso a essa informação.

«Viveu toda a sua vida na aldeia?» perguntei.

«Sim» respondeu ela num murmúrio, «mas você viajou, pelo que deve saber aquilo que ensina. Viaja para conhecer, para conhecer a terra... as diferentes rotas do comércio, para as anotar e fazer mapas... É velho. Vai com gente mais nova porque compreende os roteiros. É muito sabedor.»

«De que roteiros é que está a falar? Roteiros das estrelas?» «Você, você compreende os símbolos. Você pode ajudá-los a fazer... ajudá-los a fazer mapas.»

«Reconhece outras pessoas na gente da aldeia?» «Não os conheço... mas conheço-o a si.»

«Está bem. Como é o nosso relacionamento?»

«Muito bom. Você é muito amável. Gosto de estar sentada ao seu lado; sinto um grande bem-estar... Ajudou-nos. Ajudou as minhas irmãs...»

«No entanto há-de chegar uma altura em que terei que vos deixar, porque sou velho.»

«Não.»

Não estava preparada para encarar a minha morte.

«Vejo pães, pães achatados, muito achatados e finos.»

«As pessoas estão a comer pão?»

«Sim, o meu pai, o meu marido e eu. E outras pessoas da aldeia.»

«Qual é a razão?»

«É uma espécie... uma espécie de festival.» «O seu pai também lá está?»

«Sim.»

«O seu bebê também está aí?»

«Sim, mas não está comigo. Está com a minha irmã.»

«Olhe atentamente para a sua irmã» sugeri, procurando o reconhecimento de uma pessoa significativa na vida atual de Catherine.

«Sim. Não a conheço.» «Reconhece o seu pai?»

«Sim... sim... Edward. Vejo figos, figos e azeitonas e... frutos vermelhos. Há pão achatado. E mataram um carneiro. Estão a assar o carneiro.»

Seguiu-se uma pausa longa.

«Vejo qualquer coisa branca...»

Mais uma vez progredira no tempo.

«É branca... é uma caixa quadrada. É onde colocam as pessoas quando morrem.»

«Então houve alguém que morreu?»

«Sim... o meu pai. Não gosto de olhar para ele. Não quero vê-lo.»

«Tem que olhar? »

«Sim. Têm que o levar embora para o enterrarem. Sinto-me muito triste.»

«Sim, compreendo. Quantos filhos tem?»

O repórter que havia dentro de mim não lhe dava tempo para sentir o desgosto.
«Tenho três, dois rapazes e uma rapariga.»

Depois de ter respondido respeitosamente à minha pergunta, voltou à sua dor.

«Colocaram o corpo dele debaixo de qualquer coisa, debaixo de uma espécie de cobertura...»

Parecia muito triste.

«Nessa altura também já morri?»

«Não, estamos a beber sumo de uvas, por uma taça.»

«Qual é agora o meu aspecto?»

«É muito, muito velho.»

«já se está a sentir melhor?»

«Não! Quando morrer vou ficar sozinha.»

«Sobreviveu aos seus filhos? Eles hão-de tomar conta de si.»

«Mas você sabe tantas coisas! »

Parecia uma menina a falar.

«Você há-de conseguir ultrapassar isso. Também sabe muitas coisas. Estará em segurança.»

Tranqüilize-a e ela pareceu estar a descansar calmamente.

«Está mais tranqüila? Onde é que está agora?»

«Não sei.»

Aparentemente já passara para o estado espiritual, mesmo não tendo tido nesta vida a experiência da sua morte. Nesta semana tínhamos percorrido duas vidas com bastantes detalhes. Esperei a chegada dos Mestres, mas Catherine continuava a descansar. Depois de mais alguns minutos de espera, perguntei-lhe se ela era capaz de falar com os Espíritos Mestres.

«Ainda não cheguei a esse plano», explicou. «Não posso falar enquanto não chegar lá.»

Catherine nunca conseguiu atingir esse plano. Depois de uma longa espera, tirei-a do transe em que se encontrava.

Só três semanas depois é que tivemos uma nova sessão. Durante as minhas férias, deitado na areia de uma praia tropical, tive o tempo e o distanciamento necessários para refletir em tudo aquilo que acontecera no caso de Catherine: regressão hipnótica a vidas passadas com observações detalhadas e explicações de objetos, processos e fatos - dos quais não tinha o menor conhecimento no seu estado normal

de vigília; melhoria dos seus sintomas através das regressões - melhoria que não foi conseguida, nem sequer remotamente, por psicoterapia convencional durante os primeiros dezoito meses de tratamento; revelações espantosamente precisas sobre o estado espiritual após a morte, conhecimento transmitido a que não tinha acesso; poesia espiritual e lições sobre as dimensões depois da morte, sobre a vida e a morte, nascimento e renascimento, dos Espíritos Mestres que falavam com uma sabedoria e um estilo muito para além das capacidades de Catherine. Na realidade, havia uma série de temas sobre os quais se tornava necessário meditar.

Ao longo dos anos tratei muitas centenas, talvez milhares de pacientes psiquiátricos, que refletiam o espectro completo de desordens emocionais. Enviei diversos pacientes internados para quatro das mais importantes escolas médicas. Passei anos em salas de emergência psiquiátrica, em consultas externas, e nas mais diversas instalações, avaliando e tratando pacientes externos. Sabia tudo a respeito de alucinações auditivas e visuais e sobre as perturbações da esquizofrenia. Tratara muitos pacientes com sintomas extremos e desordens históricas de caráter, incluindo os casos de divisão de personalidades ou personalidades múltiplas. Fora um orientador profissional no *Drug and Alcohol Abuse* (Dependência de Drogas e Álcool), fundado pelo *National Institute of Drug Abuse* (NIDA), e estava perfeitamente familiarizado com a extensão dos efeitos da droga sobre o cérebro.

Catherine não tinha qualquer desses sintomas ou síndromes. Aquilo que se passara não constituía uma manifestação de doença psiquiátrica. Não era psicótica, não se encontrava abstraída da realidade e nunca sofrera de alucinações (ver ou ouvir coisas que não se encontram presentes) ou de ilusões (falsas crenças).

Nunca usara drogas, e não tinha qualquer traço sociopático. Não tinha uma personalidade histórica, nem apresentava tendências dissociativas. Ou seja, de um modo geral estava consciente do que fazia ou pensava, não funcionava em «piloto automático» e nunca apresentara divisão de personalidades ou personalidades múltiplas. O material que ela produzia encontrava-se na maioria das vezes para lá das suas capacidades conscientes, tanto em estilo como em conteúdo. Parte dele era particularmente psíquico, como por exemplo as referências a acontecimentos e fatos específicos do meu próprio passado (entre outros, o conhecimento a respeito do meu pai e do meu filho), bem como do passado dela. Possuía conhecimentos a que nunca tivera acesso ou reunira na sua vida presente. Estes conhecimentos, bem como a experiência na sua globalidade, eram estranhos à sua cultura e educação, e contrários a muitas das suas crenças.

Catherine é uma pessoa relativamente simples e honesta. Não é uma estudiosa e não podia ter inventado os fatos, pormenores, acontecimentos históricos, descrições e poesia, que através dela chegaram até mim. Como psiquiatra e como cientista tinha a certeza de que o material era oriundo de uma determinada parte da sua mente inconsciente. Era absolutamente real, para lá de qualquer dúvida. Mesmo que Catherine fosse uma atriz altamente dotada, não tinha a menor possibilidade de ter recriado todos aqueles acontecimentos. O conhecimento era demasiado preciso e demasiado específico, situando-se para lá da sua capacidade.

Refleti sobre a finalidade terapêutica da exploração das vidas passadas de Catherine. Depois de termos deparado com esta nova realidade, as suas melhoras

foram extraordinariamente rápidas, sem necessidade de qualquer medicamento. Existe neste domínio uma força curativa extraordinariamente poderosa, uma força aparentemente muito mais eficiente do que qualquer terapia convencional ou medicamentos modernos. A força inclui a recordação e o reviver não só de acontecimentos traumáticos pontuais, mas igualmente os ataques diários aos nossos corpos, mentes e egos. Nas minhas perguntas, durante a observação de vidas passadas, procurava padrões dessas agressões, padrões tais como excessos crônicos emocionais ou físicos, pobreza e fome, doença e deficiências, perseguições e preconceitos persistentes, falhas repetidas, etc. Reservava também um lugar muito especial para essas tragédias lancinantes tais como a experiência traumática da morte, violação, catástrofes maciças ou qualquer outro acontecimento horrível que possa ter deixado uma marca permanente. A técnica era similar à da rever uma infância em terapia convencional, com exceção do fato da moldura do tempo ser de vários *milhares* de anos em vez dos habituais dez ou quinze anos. Por esse motivo as minhas perguntas eram mais diretas e mais orientadoras do que no caso da terapia convencional. Mas o sucesso da nossa exploração não ortodoxa era inquestionável. Ela (e outros que mais tarde viria a tratar com regressão hipnótica) estava a ser curada com uma rapidez espantosa. Mas haveria outras explicações para as memórias das vidas passadas de Catherine? Poderiam as memórias ser transportadas nos genes? Esta possibilidade era cientificamente remota. A memória genética requer uma passagem não interrompida de material genético de geração para geração. Catherine vivera nos mais diversos locais da terra e a sua linha genética era interrompida freqüentemente. Tanto morria numa cheia com toda a sua descendência, como não tinha qualquer filho, ou morria na juventude. O seu fundo genético terminava sem ser transmitido. E o que é que poderia dizer da sua sobrevivência depois da morte e do estado intermediário? Não havia corpo e evidentemente não existia qualquer material genético, e mesmo assim as suas memórias continuavam. Não, a explicação genética tinha que ser posta de lado.

O que é que poderemos dizer da idéia de Jung sobre o inconsciente coletivo, um reservatório de todas as memórias e experiências humanas que de certo modo aí teriam sido gravadas? E freqüente encontrarmos em culturas divergentes símbolos similares, até mesmo em sonhos. Segundo Jung, o inconsciente coletivo não foi adquirido pessoalmente mas de certo modo «herdado» pela estrutura cerebral. Inclui motivos e imagens que surgem de novo em cada cultura, sem se basearem em qualquer tradição histórica ou disseminação. Estava convencido de que as memórias de Catherine eram demasiado específicas para poderem ser explicadas pelo conceito de Jung. Não revelava símbolos e imagens e motivos universais. Fazia descrições detalhadas de gente e lugares específicos. As idéias de Jung pareciam demasiado vagas. E ainda era preciso considerar o estado intermediário. Considerando bem as coisas, era a reencarnação que fazia mais sentido.

O conhecimento de Catherine não só era detalhado e específico como também se situava muito para lá da sua capacidade consciente. Sabia coisas que não podiam ser inferidas de um livro e em seguida esquecidas temporariamente. O seu conhecimento não podia ter sido adquirido na infância para em seguida ser suprimido ou reprimido da consciência por um modo análogo. E a respeito dos Mestres e das suas mensagens? Foi uma coisa que veio através de Catherine, mas que não era de Catherine. E a sua sabedoria também se refletia nas

memórias de Catherine de vidas passadas. Sabia que essas informações e essas mensagens eram verdadeiras. Sabia isto não só por muitos anos de um cuidadoso estudo das pessoas, das suas mentes, cérebros e personalidades, mas também o sabia intuitivamente, mesmo antes da visita do meu pai e do meu filho. O meu cérebro com todos esses anos de um cuidadoso treino científico sabia isso, e os meus ossos também o sabiam.

«Vejo potes cheios de uma espécie de óleo.»

Apesar de um hiato de três semanas, Catherine entrara rapidamente num transe profundo. Estava enleada num outro corpo, num outro tempo.

«Há diferentes óleos nos potes. Parece ser um gênero de armazém ou um local onde são guardadas coisas. Os potes são vermelhos... vermelhos, feitos com uma espécie de argila vermelha. Têm faixas azuis à volta deles, faixas azuis na parte de cima. Vejo homens que se encontram ali... homens que se encontram na gruta. Estão a transportar os jarros e potes de um lado para o outro, empilhando-os e colocando-os numa determinada área. As cabeças estão rapadas... não têm cabelo nenhum. A pele é morena... pele morena. »

«Você também lá está?»

«Sim, estou a selar alguns dos jarros... com uma espécie de cera... a selar a boca dos jarros com a cera.»

«Sabe para que é que são usados os óleos?» «Não sei.»

«Vê-se a si própria? Olhe para si. Diga-me qual é o seu aspecto.» Fez uma pausa enquanto se observava.

«Tenho uma trança. Tenho uma trança no cabelo. Tenho vestido um gênero de... uma longa túnica. No fundo tem uma bordadura dourada.»

«Você trabalha para os sacerdotes - ou os homens - de cabeça rapada?»

«O meu trabalho é selar os jarros com a cera. É o meu trabalho.»

«Mas não sabe em que é que são usados os jarros?»

«Parece que são usados numa espécie de ritual. Mas não tenho a certeza... do que é que se trata. Há uma espécie de unção, qualquer coisa nas cabeças... qualquer coisa nas cabeças e nas mãos, nas mãos. Vejo um pássaro, um pássaro de ouro, que se encontra pendurado no meu pescoço. É achatado, tem uma cauda achatada, uma cauda muito achatada, e a cabeça aponta para baixo... para os meus pés.»

«Para os seus pés?»

«Sim, é dessa maneira que deve ser usado. Há uma substância preta... uma substância preta pegajosa. Não sei o que é.» «Onde é que está?»

«Está numa caixa em mármore. Também a utilizam, mas não sei para quê.»
«Há qualquer coisa na gruta que consiga ler de modo a que possa dizer-me o nome do país - do local - onde vive, ou a data?»

«Não há nada nas paredes; estão vazias. Não sei o nome.» Fiz com que ela avançasse no tempo.

«Vejo um jarro branco, uma espécie de jarro branco. A asa na parte de cima é em ouro, uma espécie de embutido em ouro.» «O que é que está no jarro?»

«Uma espécie de ungüento. Tem qualquer coisa a ver com a passagem para o outro mundo.»

«E você a pessoa que irá agora passar?» «Não! Não é ninguém que eu conheça.»

«Este trabalho também lhe pertence? Preparar as pessoas para essa passagem?»

«Não. O sacerdote é que deve fazer isso, eu não. Apenas nos limitamos a manter o fornecimento de ungüentos, de incenso... »

«Que idade é que você parece ter agora?»

«Dezesseis.»

«Está a viver com os seus pais?»

«Sim, numa casa de pedra, uma espécie de vivenda em pedra. Não é muito grande. É muito quente e seca. O clima é muito quente.»

«Vá para a sua casa.» «Estou em casa.»

«Vê outras pessoas da sua família?»

«Vejo um irmão, e a minha mãe também lá está, e um bebê, o bebê de alguém.»

«O bebê é seu?»

«Não.»

«O que é que agora pode ter significado? Procure qualquer coisa significativa que possa explicar os seus sintomas na sua vida atual. Precisamos de compreender. Experimentar de novo é absolutamente seguro. Procure os acontecimentos.»
Respondeu num murmúrio muito suave. «Cada coisa a seu tempo... vejo gente a morrer.»

«Gente a morrer?»

«Sim... não sabem o que é.»

«Uma doença?»

De repente lembrei-me de que ela poderia estar a atingir de novo uma vida muito distante à qual já regressara anteriormente. Nessa vida uma peste transmitida pela água matara o pai de Catherine e um dos seus irmãos. Catherine também fora atingida pela doença, mas não morrerá dela. As pessoas usavam alho e outras ervas numa tentativa de afastarem a praga. Catherine ficara preocupada porque os mortos não estavam a ser convenientemente embalsamados.

Mas agora tínhamos feito uma aproximação a essa vida de um ângulo diferente.

«Tem alguma coisa a ver com a água?» perguntei.

«Acreditam que sim. Há muitas pessoas que estão a morrer.» já conhecia antecipadamente o desfecho.

«Mas você não morre, não morre disto?»

«Não, eu não morro.»

«Mas fica doente. Vai adoecer.»

«Sim. Tenho muito frio... muito frio. Preciso de água... água. Pensam que vem da água... e qualquer coisa preta... Há alguém que morre. »

«Quem é que morre?»

«O meu pai morre, e um irmão também morre. A minha mãe está bem; consegue recuperar. Está muito fraca. E preciso enterrar as pessoas. E preciso enterrá-las e toda a gente se sente muito preocupada porque é contra as práticas religiosas.»

«Qual era a prática usada?»

Sentia-me maravilhado com a consistência das suas lembranças, fato por fato, exatamente do mesmo modo como narrara essa mesma vida alguns meses antes. Mais uma vez a alteração das práticas fúnebres normais deixara-a muito preocupada.

«As pessoas eram colocadas em grutas. Os corpos eram guardados em grutas. Mas antes disso os corpos tinham que ser preparados pelos sacerdotes. Deviam ser ungidos e envoltos em ligaduras. Eram mantidos em grutas, mas a terra está a ficar inundada... Dizem que a água é má. Não bebem a água.»

«Há qualquer tratamento que seja possível? Há qualquer coisa que tenha produzido efeito?»

«Deram-nos ervas, tipos diferentes de ervas. Os odores... as ervas e... sinto o cheiro. Consigo sentir o cheiro!» «Reconhece o cheiro?»

«É branco. Estão penduradas do teto.» «É como o alho?»

«Está pendurado por toda a parte... as propriedades são semelhantes, sim, são muito parecidas. As suas propriedades... coloca-se na boca, nas orelhas, no nariz, por toda a parte. O odor era forte. Acreditava-se que impedia a entrada dos espíritos malignos no corpo. Púrpura... fruto ou qualquer coisa redonda com uma cobertura púrpura, uma casca púrpura...»

«Reconhece a cultura onde se encontra? Parece-lhe familiar?» «Não sei.»

«Púrpura é um tipo de fruto?» «Tanis.»

«E isso ajuda-os? É para a doença?» «Naquela altura era.»

«Tanis» repeti, tentando mais uma vez descobrir se aquilo de que ela estava a falar se referia a tanino ou ácido tânico. «É assim que lhe chamam? Tanis?»

«Eu só... ouço sempre chamar-lhe "tanis".»

«Quais foram os aspectos dessa vida que se gravaram na sua vida atual? Por que é que volta constantemente aqui? O que é que encontra de tão desconfortável?»

«A religião» respondeu rapidamente Catherine num murmúrio, «a religião dessa altura. Era uma religião de medo... medo. Havia tantas coisas a recear... e tantos deuses.»

«Lembra-se dos nomes de alguns dos deuses?»

«Vejo olhos. Vejo qualquer coisa preta... uma espécie de ... parece um chacal. É uma estátua. É uma espécie de guardião... Vejo uma mulher, uma deusa, com uma espécie de cobertura na cabeça.»

«Sabe o nome dela, o nome da deusa?»

«Osíris... Siris... qualquer coisa assim no gênero. Vejo um olho... um olho, apenas um olho, um olho numa corrente. É de ouro.»

«Um olho?»

«Sim... quem é Hathor?» «O quê?»

«Hathor! Quem é?»

Nunca ouvira falar de Hathor, embora soubesse que Osíris, se a pronúncia estava correta, era o marido-irmão de Ísis, uma das principais divindades do Egito. Hathor, vim a saber mais tarde, era a deusa egípcia do amor, felicidade e alegria. «É um dos deuses?» perguntei-lhe.

«Hathor! Hathor.» Houve uma longa pausa. «Pássaro... é achatado... achatado, uma fênix...»

Estava de novo silenciosa.

«Avance no tempo até ao último dia dessa vida. Vá até ao seu dia final, mas antes de ter morrido. Diga-me o que é que vê.»

Respondeu num murmúrio muito suave. «Vejo pessoas e edifícios. Vejo sandálias, sandálias. Há uma roupa áspera, um tipo de roupa áspera.»

«O que é que acontece? Vá até à altura em que morre. O que é que lhe acontece? Pode ver o que é que se está a passar.»

«Não vejo... já não me consigo ver.»

«Onde é que está? O que é que vê?»

«Nada... apenas escuridão... Vejo uma luz, uma luz quente.» já morrera, já tinha passado para o estado espiritual. Aparentemente não tinha necessidade de experimentar de novo a sua morte real.

«E capaz de vir até à luz?» perguntei.

«Estou a deslocar-me.» Descansava serenamente, aguardando mais uma vez.

«Consegue agora olhar para trás e descobrir as lições dessa vida? já consegue ter consciência delas?»

«Não» respondeu num murmúrio. Continuou a esperar. De repente pareceu ficar de novo alerta, embora os olhos continuassem sempre fechados, como acontecia habitualmente quando ela se encontrava num transe hipnótico. A cabeça virava para um lado e para o outro.

« O que é que está a ver agora? O que é que se está a passar? A sua voz tinha subido de tom. «Sinto... há alguém que está a falar comigo! »

« O que é que lhe dizem?»

«Falam de paciência. Devemos ter paciência...» «Sim, continue.»

A resposta veio do Mestre poeta.

«Paciência e a altura certa... tudo acontece quando tem que acontecer. Uma vida não pode ser apressada, não pode ser inserida numa programação como tanta gente pretende. Temos que aceitar aquilo que nos é dado em qualquer momento, sem pedir mais. Mas a vida é interminável, o que quer dizer que nunca morremos; na realidade, também nunca chegamos a nascer. Apenas nos limitamos a passar por fases diferentes. Não tem fim. Os seres humanos têm muitas dimensões. Mas o tempo não é como o vemos, trata-se em vez disso de um conjunto de lições que são aprendidas.

Seguiu-se uma longa pausa. O Mestre poeta continuou.

«Tudo será esclarecido no seu devido tempo. Mas debes procurar uma oportunidade para digerir o conhecimento que já te transmitimos.» Catherine estava silenciosa.

-Há mais alguma coisa que eu deva aprender?» perguntei. -já partiram» disse baixinho.

«Não consigo ouvir ninguém.»

Todas as semanas Catherine era despojada de mais uma camada de medos e ansiedades neuróticas. Todas as semanas aparecia um pouco mais serena, um pouco mais afável e mais paciente. Demonstrava mais confiança e as pessoas sentiam-se atraídas por ela. Catherine sentia uma maior capacidade de amar e os outros davam-lhe o seu amor em troca. O diamante interior que era a sua verdadeira personalidade brilhava intensamente para que todos o pudessem ver.

As regressões de Catherine abarcavam milênios. De cada vez que mergulhava num transe hipnótico não fazia a menor idéia de onde iria surgir a espiral das suas vidas. Desde as cavernas pré-históricas ao antigo Egito e daí aos tempos modernos - esteve por toda a parte. E todas as suas vidas foram carinhosamente orientadas pelos Mestres, algures para lá do tempo. Na sessão de hoje surgiu no século vinte, mas não como Catherine.

«Vejo uma fuselagem e uma pista para aviões, uma pista grande», disse num suave murmúrio.

«Sabe onde é?»

«Não consigo ver... Alsaciana?» E logo a seguir de um modo mais categórico:

«Alsaciana.»

«Em França?»

«Não sei, só Alsaciana... Vejo o nome Von Marks, Von Marks [fonético]. Uma espécie de capacete castanho ou um chapéu... um chapéu com óculos. A unidade militar foi destruída. Parece tratar-se de uma área muito isolada. Julgo que não há nenhuma cidade que se encontre próximo.»

«O que é que vê?»

«Vejo edifícios destruídos. Vejo edifícios... O terreno está cheio de crateras por causa dos... bombardeamentos. Há uma área muito bem camuflada.»

«O que é que você está a fazer?»

«Estou a ajudá-los com os feridos. Estão a levá-los para longe.» «Olhe para si.

Descreva o seu aspecto. Olhe para si e veja o que é que tem vestido.»

«Tenho uma espécie de blusão. O meu cabelo é loiro. Tenho olhos azuis. O meu blusão está muito sujo. Há muitos feridos.» «Está treinada para ajudar os feridos?»

«Não.»

«Vive nesse local ou trouxeram-na para aí? Onde é que vive?» «Não sei.»

«Mais ou menos quantos anos tem?»

«Trinta e cinco.»

A Catherine que se encontrava no meu consultório tinha vinte e nove e os olhos eram cor de avelã e não azuis. Continuei com as minhas perguntas.

«Como é que se chama? Está indicado no blusão?»

«Vejo asas no blusão. Sou piloto... um piloto qualquer.»

«Pilota os aviões?»

«Sim, tenho que o fazer.»

«Quem é que a manda voar?»

«O meu serviço é pilotar. É a minha profissão.»

«Também lança as bombas?»

«Temos um artilheiro no avião. Há um navegador.»

«Que tipo de avião é o seu?»

«Um tipo qualquer de avião a hélices. Tem quatro hélices. É um tipo de avião de asa rígida.»

Achava piada porque Catherine não sabia absolutamente nada sobre aviões. Perguntei a mim próprio o que é que ela queria dizer com aquela designação «asa rígida». Mas, de modo análogo ao que se passava quando fazia manteiga ou embalsamava os mortos, possuía uma grande coleção de conhecimentos. No entanto, só uma fração desse conhecimento se encontrava disponível para a sua mente consciente de todos os dias. Continuei a insistir.

«Tem família?»

«Não estão comigo.» «Estão em segurança?»

«Não sei. Tenho receio. Receio de que possam regressar. Os meus amigos estão a morrer! »

«Quem é que receia que possa voltar?» «O inimigo.»

«Quem é o inimigo?»

«Os Ingleses... as Forças Armadas Americanas... os Ingleses.»

«Sim. Lembra-se da sua família?

«Lembrar-me da minha família? Há demasiada confusão.»

«Vamos retroceder na mesma vida, retroceder para uma altura mais feliz, antes da guerra, numa altura em que se encontrava em casa com a sua família. Você consegue ver isso. Sei que é difícil, mas quero que se descontraia. Tente recordar-se.»

Catherine fez uma pausa, e em seguida murmurou,

«Ouço o nome Eric... Eric. Vejo uma criança de cabelos louros, uma menina.

«É a sua filha?»

«Sim, deve ser... Margot.»

«Está perto de si?»

«Está comigo. Estamos num piquenique. O dia está bonito.»

«Está mais alguém consigo? Além de Margot?»

«Vejo uma mulher de cabelo castanho sentada na relva.»

«É a sua mulher?»

«Sim... não a conheço» acrescentou, referindo-se ao reconhecimento de alguém na vida presente de Catherine.

«Conhece Margot? Olhe atentamente para Margot. Conhece-a?»

«Sim, mas não tenho a certeza de como... conhecia-a de qualquer parte.»

«Há-de lembrar-se. Observe os seus olhos.»

«É Judy» respondeu.

Judy era presentemente a melhor amiga de Catherine. Estabelecera-se uma relação imediata no seu primeiro encontro e haviam-se tornado verdadeiras amigas, confiando implicitamente uma na outra, adivinhando os pensamentos e necessidades da outra mesmo antes destes serem verbalizados.

«Judy?» repeti.

«Sim, Judy. O olhar é o mesmo... e o sorriso também.»

«Está bem, isso é ótimo. É feliz em casa ou há problemas?»

«Não há problemas.» [Uma longa pausa.] «Sim, sim, o tempo é de inquietação. Há um problema profundo no governo Alemão, a estrutura política. Há demasiadas pessoas a quererem mover-se em demasiadas direções. Poderá vir a resultar numa situação de ruptura... Mas tenho que lutar pelo meu país.»

«Tem uma profunda dedicação em relação ao seu país?»

«Detesto a guerra. Na minha opinião é errado matar, mas tenho que cumprir o meu dever.»

«Regresse agora à altura em que se encontrava antes, ao avião no solo, aos bombardeamentos e à guerra. Já passou algum tempo; a guerra começou. Os Ingleses e Americanos estão a lançar bombas perto de si. Regresse. Vê de novo o avião?»

«Sim.»

«Ainda tem os mesmos sentimentos sobre dever, matar os outros e a guerra?»

«Sim, havemos de morrer inutilmente.»

«O quê?»

«Havemos de morrer inutilmente», repetiu num tom de voz mais alto.

«Inutilmente? Porquê inutilmente? Não existe glória nisso? Não tem qualquer valor a defesa da sua terra ou dos seus entes queridos?»

«Iremos morrer para defendermos as idéias de meia dúzia de pessoas.»

«Mesmo que esses sejam os líderes do seu país? Podem estar enganados...»

Ela interrompeu-me rapidamente.

«Não são líderes. Se o fossem não haveria tantos conflitos internos... no governo.»

«Há quem diga que são loucos. Isto tem algum significado para si? Poder-loucura?»

«Devemos ser todos loucos por nos deixarmos conduzir por eles, por permitirmos que eles nos levem a... matar pessoas. E a matarmo-nos a nós próprios...»

«Ainda tem alguns amigos?»

«Sim, ainda há alguns que se encontram vivos.»

«Há algum em relação ao qual sinta uma relação mais íntima? Na tripulação do seu avião? O seu artilheiro e o seu navegador ainda se encontram vivos?»

«Não os vejo, mas o meu avião não foi destruído.»

«Vai voltar a voar no avião?»

«Sim, temos que nos apressar, para retirarmos da pista os aviões que nos restam antes que eles regressem.»

«Vá para o seu avião.»

«Não quero ir.» Dava a idéia de que ela podia negociar comigo.

«Mas deve tirá-lo do solo.»

«Tudo isto não faz o menor sentido...»

«Qual era a profissão que você tinha antes da guerra? Recorda-se? O que é que Eric fazia?»

«Era segundo piloto... num pequeno avião, um avião que transportava carga.»

«Sendo assim, já antes era também piloto?»

«Sim.»

«Isso fazia com que estivesse muitas vezes longe de casa?»

Respondeu num tom muito suave e melancólico.

«Sim.»

«Avance no tempo» ordenei-lhe, «até ao vôo seguinte. É capaz de fazer isso?»

«Não há vôo seguinte.»

«Aconteceu-lhe alguma coisa?»

«Sim.» A respiração começava a ficar acelerada e apresentava sinais evidentes de se encontrar agitada. Avançara até ao dia da sua morte.

«O que é que está a acontecer?»

«Estou a fugir do fogo. A minha unidade está a ser destruída pelo fogo.»

«Você sobrevive a isso?»

«Ninguém sobrevive... ninguém sobrevive a uma guerra. Estou a morrer!» A respiração dela tornara-se pesada. «Sangue! Sangue por todos os lados! Tenho dores no peito. Fui atingido no peito... e na perna... e no pescoço. Dói-me tanto...» Estava em agonia; mas dentro de pouco tempo a sua respiração acalmou, tornando-

se mais regular; os músculos faciais descontraíram-se e desceu sobre ela um ar de serenidade. Reconheci a calma do estado de transição.

«Parece sentir-se mais confortável. Já terminou?» Manteve-se em silêncio durante alguns instantes e depois respondeu suavemente.

«Estou a flutuar... separada do meu corpo. Não tenho corpo. Estou novamente num estado espiritual.»

«Ótimo. Descanse. Teve uma vida bastante difícil. Sofreu uma morte difícil. Precisa de descansar. Recomponha-se. O que é que aprendeu nesta vida?»

«Aprendi sobre o ódio... mortes sem sentido... ódios mal orientados... gente que odeia sem saber porquê. Somos levados a isso... por um instinto de maldade, quando estamos no estado físico ...»

«Há algum sentimento de dever superior ao do dever para com a pátria? Qualquer coisa que a pudesse ter impedido de cometer essas mortes? Mesmo que lhe dessem ordens para tal? Um sentimento de dever para consigo própria?»

«Sim...» Mas não entrou em pormenores. «E agora está à espera de alguma coisa?»

«Sim... Estou à espera de ir para um estado de renovação. Tenho que esperar. Eles não-de vir buscar-me... eles não-de vir...»

«Ótimo. Gostava de falar com eles quando chegassem.» Esperamos durante mais alguns minutos. Até que a certa altura começou a falar em voz alta e num tom rouco, e o primeiro Espírito Mestre, não o Mestre poeta, começou a falar.

«Tens razão ao concluir que este é o tratamento correto para todos aqueles que se encontram no estado físico. Deves eliminar os medos das suas mentes. Há sempre uma perda de energia quando o medo se encontra presente. Impede-os de cumprirem as missões para as quais foram enviados. Inspira-te naquilo que te rodeia. Primeiro devem ser postos num nível muito, muito profundo... onde deixem de ser capazes de sentir o corpo. Nessa altura és capaz de chegar até eles. E só à superfície... que se encontram as perturbações. Lá muito no fundo das suas almas, onde as idéias são criadas, é aí que os deves encontrar.

«Energia... tudo é energia. E tanta que é desperdiçada. As montanhas... dentro das montanhas tudo é tranquilidade; a calma encontra-se no centro. Mas no exterior é onde se situam as perturbações. Os humanos só são capazes de ver o exterior, mas tu podes chegar muito mais fundo. Tens que ver o vulcão. Para isso tens que penetrar muito mais fundo.

«Encontrar-se num estado físico é anormal. Quando te encontras num estado espiritual, isso é para ti um estado natural. Quando somos mandados de volta é o mesmo que sermos mandados para qualquer coisa que não conhecemos. Leva-nos mais tempo. No mundo espiritual é preciso esperar para em seguida se verificar a

renovação. É um estado de renovação. É uma dimensão como as outras dimensões, e tu quase conseguiste alcançar esse estado...»

Isto apanhou-me de surpresa. Como é que poderia estar a aproximar-me do estado de renovação? «Falta pouco para o alcançar?» perguntei num tom incrédulo.

«Sim. Sabes muito mais do que os outros. Sê paciente com eles. Eles não têm o conhecimento que tu tens. Os espíritos serão enviados de volta para te ajudar. Mas estás no caminho certo em tudo aquilo que fazes... continua. Essa energia não deve ser desperdiçada. Deves libertar-te do medo. Será essa a maior arma em teu poder...»

O Espírito Mestre estava silencioso. Meditei no significado desta incrível mensagem. Sabia que estava a ter êxito na tentativa de libertar Catherine dos seus medos, mas esta mensagem tinha um significado muito mais abrangente. Era mais do que uma simples confirmação da eficiência da hipnose como instrumento de terapia. Envolvia muito mais do que simples regressões a vidas passadas, o que seria difícil de aplicar à população em geral, pessoa por pessoa. Não, acreditava que dizia respeito ao medo da morte, que é o medo profundo dentro do vulcão. O medo da morte, esse medo constante e oculto que nenhum dinheiro ou poder é capaz de neutralizar - esse é o ponto fulcral. Mas se as pessoas soubessem que «a vida não tem fim; e assim nunca morremos; na realidade nunca nascemos», então, esse medo desvanecer-se-ia. Se soubessem que viveram anteriormente vezes sem conta e que voltarão a viver inúmeras vezes, como toda a gente se sentiria mais tranqüila! Se soubessem que os espíritos se encontravam presentes para os ajudar enquanto se encontravam no estado físico e que depois da morte, no estado espiritual, se iriam reunir a esses espíritos, incluindo os dos entes queridos já falecidos, como se sentiriam confortados! Se soubessem que os «anjos» da guarda existiam na realidade, como se sentiriam muito mais seguros. Se soubessem que os atos de violência e injustiças contra as outras pessoas não passavam despercebidos, e que teriam que ser pagos em espécie noutras vidas, como seria muito menor a raiva e o desejo de vingança que guardariam dentro de si. E se é verdade que «pelo conhecimento nos aproximamos de Deus», para quê os bens materiais, ou o poder, quando representam um fim em si próprios e não um meio que possibilite essa aproximação? Ser ganancioso ou sedento de poder não tem qualquer valor, aconteça o que acontecer.

Mas como chegar às pessoas com este conhecimento? A maior parte das pessoas recita orações nas suas igrejas, sinagogas, mesquitas ou templos, orações que proclamam a imortalidade da alma. E, no entanto, depois de terminadas as cerimônias religiosas, regressam às suas habituais rotinas de competição, deixando-se cair mais uma vez na ganância, manipulação e egoísmo. Estes aspectos atrasam o progresso da alma. Deste modo, se a fé não é suficiente, talvez a ciência possa ajudar. Talvez seja necessário que experiências como as de Catherine e as minhas sejam estudadas, analisadas e relatadas, de um modo científico e isento, por pessoas treinadas nas ciências físicas e do comportamento. Contudo, nessa altura, escrever um artigo científico ou um livro era coisa que nem sequer me passara pela mente, uma possibilidade absolutamente remota e improvável. Pensei nos espíritos que seriam enviados para me ajudarem. Ajudarem-me a fazer o quê? Catherine mexeu-se e começou a falar num tom muito baixo.

«Alguém que se chama Gideon, alguém que se chama Gideon... Gideon. Está a tentar falar comigo.»

O que é que ele diz?»

«Está em todo o lado. Nunca pára. É uma espécie de guardião... ou qualquer coisa no gênero. Mas agora está a brincar comigo.»

«É um dos seus guardiões?»

«Sim, mas está a brincar... anda aos saltos de um lado para o outro. Julgo que ele me quer dizer que anda sempre à minha volta... por toda a parte.

«Gideon?» repeti. «Está aí.»

«Faz com que se sinta mais segura?»

«Sim. Há-de voltar quando eu precisar dele.»

«Ótimo. Há espíritos à nossa volta?»

Respondeu num murmúrio, a partir da perspectiva da sua mente superconsciente.

«Oh, sim... muitos espíritos. Só vêm quando lhes apetece. Aparecem... quando querem. Todos nós somos espíritos. Mas outros... alguns encontram-se num estado físico e outros estão num período de renovação. E outros são guardiões. Mas vamos todos para o mesmo sítio. Também já fomos guardiões.»

«Porque é que regressamos para aprender? Porque é que não podemos aprender como espíritos?»

«São níveis diferentes de aprendizagem e há coisas que devemos aprender num estado carnal. Devemos sentir dor. Quando se é espírito não se sente a dor. É um período de renovação. A alma está a ser renovada. No estado físico, material, é possível sentir a dor; podemos magoar-nos. Na forma espiritual não se sente. Só existe felicidade, uma sensação de bem-estar. Mas é um período de renovação para... nós. A interação entre as pessoas na forma espiritual é diferente. Quando nos encontramos num estado físico... podemos sentir as relações.»

«Compreendo. Estará tudo bem.» Ficara mais uma vez em silêncio. Os minutos foram passando.

«Vejo uma carruagem» começou, «uma carruagem azul.»

«Um carro de bebê?»

«Não, uma carruagem onde se pode viajar... Qualquer coisa azul! Um debrum azul na parte de cima, azul no exterior...»

A carruagem é puxada por cavalos?»

«Tem rodas enormes. Não vejo ninguém dentro dela, só os dois cavalos que estão atrelados, um cinzento e outro castanho. O cavalo cinzento chama-se Apple porque gosta de maçãs. O outro chama-se Duke. São muito bonitos. Não mordem. Têm patas grandes... patas grandes.»

«Também há um cavalo que seja mau? Um cavalo diferente?»

«Não. São muito bonitos.»

«Também se encontra presente?»

«Sim. Consigo ver o seu nariz. E muito maior do que eu.»

«Anda de carruagem?» Pela natureza das suas respostas sabia que era uma criança.

«Há cavalos. Também vejo um rapaz.»

«Que idade tem?»

«Poucos anos. Não sei. Acho que não sei contar.»

«Conhece o rapaz? É seu amigo? Seu irmão?»

«É um vizinho. Veio por causa de... uma festa. Está a celebrar-se um... casamento ou qualquer coisa semelhante.»

«Sabe quem é que se está a casar?»

«Não. Só nos disseram para não nos sujarmos. Tenho cabelo castanho... sapatos que apertam ao lado de alto a baixo.»

«Essas são as suas roupas de festa? Roupas boas?

«É um... é um vestido branco com uma... com uma gola engomada por cima, e aberta atrás.»

«A sua casa fica perto?»

«É uma casa grande» respondeu a criança.

«É onde mora?»

«Sim.»

«Ótimo. Agora olhe para a casa; está tudo bem. É um_ dia importante. Há outras pessoas que também se irão vestir bem, que irão vestir roupas especiais.»

«Estão a preparar comida, montes de comida.»

«Consegue sentir o cheiro?»

«Sim. Estão a cozer pão. Pão... carne... Disseram-nos outra vez para irmos brincar lá para fora.»

Sentia-me divertido com a situação. Tinha-lhe dito que não havia problemas em entrar e agora diziam-lhe para sair.

«Ouve as outras pessoas dizerem o seu nome?»

«... Mandy.. Mandy e Edward.»

«Edward é o rapaz?» «Sim.»

«Não a deixam ficar em casa?»

«Não, estão muito ocupados. »

«O que é que sente a esse respeito?»

«Não nos importamos. Mas é difícil não nos sujarmos. Não podemos fazer nada.»

«Vai ao casamento? Mais para o fim do dia?»

«Sim... Vejo muitas pessoas. A sala está cheia de gente. Está calor, o dia está muito quente. Também está ali um sacerdote; o sacerdote está ali... com um chapéu esquisito, um chapéu enorme... preto. Quase que lhe tapa o rosto... quase todo.

«E uma ocasião feliz para a sua família?»

«Sim.»

«Sabe quem é que se está a casar?»

«É só a minha irmã. »

«Ela é muito mais velha?»

«Sim.»

«Está a vê-la agora? Está vestida de noiva?

«Sim.»

«É bonita?»

«Tem montes de flores a enfeitar-lhe o cabelo.»

«Olhe para ela com atenção. Conhece-a de outra época? Observe-lhe os olhos, a boca...»

«Sim. julgo que é Becky... mas mais pequena, muito mais pequena.»

Becky era amiga e colega de Catherine. Eram íntimas e no entanto Catherine ressentia-se com a atitude crítica de Becky e o modo como se intrometia na sua vida e decisões. Afinal de contas, era apenas uma amiga, não fazia parte da família. Mas talvez agora a distinção não fosse tão clara.

«Ela... ela gosta de mim... e eu posso ficar à frente porque ela também fica.»

«Ótimo. Olhe à sua volta. Os seus pais também lá estão?»

«Sim.»

«Também gostam muito de si?»

«Sim.»

«Isso é ótimo. Olhe para eles atentamente. Primeiro a sua mãe. Veja se consegue recordar-se dela. Olhe para o seu rosto.»

Catherine inspirou profundamente por diversas vezes.

«Não a conheço. »

«Olhe para o seu pai. Olhe atentamente para ele. Olhe para a sua expressão, os seus olhos... e também a boca. Conhece-o?»

«É Stuart», respondeu rapidamente. Tínhamos portanto que Stuart aparecia mais uma vez. Era um aspecto que valia a pena explorar melhor.

«Que tipo de relacionamento é que tem com ele?»

«Gosto muito dele... é muito bom para mim. Mas acha que eu sou uma peste. Segundo ele diz, as crianças são todas umas pestes.»

«É uma pessoa muito sisuda?»

«Não, gosta de brincar conosco. Mas fazemos demasiadas perguntas. No entanto, ele é muito bom para nós, exceto quando fazemos demasiadas perguntas.»

«Isso às vezes aborrece-o?»

«Sim, temos que aprender com o professor e não com ele. É por isso que vamos à escola... para aprendermos.»

«Até parece ele a falar. É isso que ele vos diz?»

«Sim, tem coisas mais importantes a fazer. Tem que dirigir a quinta.»

«É uma quinta grande?»

«Sim.»

«Sabe onde é que fica?»

«Não.»

«Alguma vez ouviu falar na cidade ou no estado? O nome da cidade?»

Fez uma pausa, escutando cuidadosamente.

«Não ouço falar nisso.» Estava mais uma vez silenciosa.

«Está bem, quer continuar a exploração nesta vida? Quer avançar no tempo ou isto...»

Interrompeu-me bruscamente.

«Já chega.»

Durante todo este processo com Catherine mantive sempre uma atitude de relutância quanto à possibilidade de discutir estas revelações com outros profissionais. De fato, exceto no caso de Carole e de mais algumas pessoas que eram «seguras», nunca revelara a terceiros estas notáveis informações, nem mesmo parcialmente. Sabia que o conhecimento obtido nas nossas sessões era simultaneamente verdadeiro e extremamente importante, mas por outro lado a incerteza sobre as reações dos meus colegas de profissão e cientistas obrigava-me a manter o silêncio. Ainda me encontrava preocupado com a minha reputação, com a minha carreira e com aquilo que os outros pudessem pensar de mim.

O meu cepticismo pessoal havia sido corroído pelas provas que, semana após semana, brotavam dos seus lábios. Era freqüente voltar a ouvir as gravações, revivendo a experiência das sessões, com todo o seu drama e relação imediata. Mas os outros teriam que confiar nas minhas experiências, poderosas, mas que de qualquer modo não lhes pertenciam. Senti-me compelido a reunir ainda mais dados. A medida que ia aceitando e acreditando gradualmente nas mensagens, a minha vida começou a tornar-se mais simples e mais satisfatória. Não havia qualquer necessidade de disfarçar, de fazer de conta, de desempenhar um papel, ou de ser outro que não eu mesmo. Os meus relacionamentos tornaram-se mais honestos e diretos. A vida de família era menos confusa e mais descontraída. A minha relutância em partilhar o saber que me fora dado através de Catherine começou a diminuir. Surpreendentemente a maioria das pessoas mostrou-se extremamente interessada e queria saber mais. Muitos contaram-me as suas experiências particulares sobre acontecimentos parapsicológicos, quer se tratasse de PES, *dejà vu*, experiências extracorporeas, sonhos sobre vidas passadas ou outros. Grande parte deles nem sequer tinha contado às esposas as suas experiências. De um modo mais ou menos geral as pessoas tinham receio de que, ao partilharem as suas experiências, os outros, mesmo as próprias famílias e os terapeutas, os pudessem considerar como sendo extravagantes ou estranhos. De qualquer modo, esses acontecimentos parapsicológicos são razoavelmente comuns, muito mais freqüentes do que as pessoas possam julgar. É apenas a relutância que se verifica em contar

às outras pessoas ocorrências psíquicas que faz com que estas sejam consideradas como invulgares. E quanto mais especializada é a preparação, mais relutantes parecem ser.

O respeitado Diretor de um dos principais departamentos clínicos do hospital onde trabalho é um homem admirado internacionalmente pelos seus profundos conhecimentos. Fala com o seu pai já falecido, que por diversas vezes o protegeu de perigos graves. Outro professor tem sonhos que lhe fornecem os passos em falta ou as soluções das suas complexas experiências de investigação. Os sonhos são invariavelmente corretos. Outro médico, bem conhecido, normalmente sabe quem é que lhe está a telefonar antes de ter levantado o auscultador. A esposa do Diretor de Psiquiatria de uma universidade do Midwest tem um Ph.D. em Psicologia. Os seus projetos de investigação são sempre cuidadosamente planeados e executados. Nunca contou a ninguém que, da primeira vez que visitou Roma, deslocou-se por toda a cidade como se tivesse um mapa das ruas impresso na memória. Sabia invariavelmente o que é que se encontrava ao virar da esquina. Embora nunca tivesse estado antes em Itália e não soubesse falar a língua, era freqüente os italianos aproximarem-se dela falando-lhe em italiano, tomando-a sempre por uma compatriota. A sua mente esforçava-se por integrar as experiências vividas em Roma.

Compreendia porque é que todos aqueles profissionais altamente treinados permaneciam na sombra. Eu era um deles. Não podíamos negar as nossas próprias experiências e sentidos. E, no entanto, o nosso treino era em muitos aspectos diametralmente oposto à informação, experiências e crenças que havíamos acumulado. Era por isso que nos mantínhamos calados.

A semana passou rapidamente. Ouvira vezes sem conta a fita gravada da sessão da semana anterior. Como é que eu me estava a aproximar do estado de renovação? Não me sentia lá muito esclarecido. E agora os espíritos iam ser enviados para me esclarecerem. Mas o que é que se esperava que eu fizesse? Quando é que eu iria descobrir? Estaria à altura da tarefa? Sabia que devia esperar e ser paciente. Lembrava-me das palavras do Mestre poeta.

«Paciência e a altura adequada... tudo acontece quando tem que acontecer... Tudo ficará claro para ti no seu devido tempo. Mas necessitas de uma oportunidade de digerir o conhecimento que já te demos.» Sendo assim, teria que esperar.

No início da sessão Catherine contou um fragmento de um sonho que tivera algumas noites antes. No sonho estava a viver em casa dos pais, e durante a noite deflagrara um incêndio. Estava a orientar as coisas, ajudando a evacuar a casa, mas o seu pai andava a vaguear de um lado para o outro, aparentando sentir-se indiferente à urgência da situação. Empurrou-o para o exterior. Nessa altura lembrou-se de que deixara qualquer coisa na casa e mandou Catherine de volta para as chamas em fúria, numa tentativa de salvar o objeto. Não era capaz de se recordar do que é que se tratava. Decidi não interpretar o sonho naquela altura, aguardando para ver se surgiria uma oportunidade quando ela se encontrasse hipnotizada:

Entrou rapidamente num profundo transe hipnótico.

«Vejo uma mulher com um capuz na cabeça, que lhe tapa só o cabelo e não o rosto.»

Em seguida ficou silenciosa.

«Consegue ver isso agora? O capuz?»

«Perdi-o... Vejo uma espécie de tecido, brocado com um desenho em dourado... vejo um edifício com uma série de pontos estruturais... branco.»

«Reconhece o edifício?»

«Não.»

«É um edifício grande?»

«Não. Há uma montanha ao longe com alguma neve no cume. Mas a relva é verde no vale... onde estamos.»

«Consegue entrar no edifício?»

«Sim. É feito de uma espécie de mármore... muito frio ao toque.»

«E algum templo ou edifício religioso?»

«Não sei. Lembrei-me de que podia ser uma prisão.»

«Prisão?» repeti.

«Há pessoas no edifício? E perto dele?»

«Sim, alguns soldados. Têm uniformes negros, negros com tiras douradas nos ombros... de onde pendem borlas douradas. Capacetes negros com qualquer coisa dourada... qualquer coisa pontiaguda e dourada no topo... do capacete. E uma faixa vermelha, uma faixa vermelha em torno do peito.»

Há alguns soldados à sua volta?»

«Talvez dois ou três.»

«Você também lá está?»

«Estou algures, mas não me encontro no edifício. Mas não estou muito longe.»

«Olhe à sua volta. Veja se consegue encontrar-se... As montanhas estão lá, e a relva... e o edifício branco. Há outros edifícios?»

«Se há outros edifícios, não ficam situados junto deste. Vejo um... isolado, com um muro construído na parte de trás... um muro.

Acha que é um forte, uma prisão ou qualquer coisa no gênero? »

E possível mas... encontra-se muito isolado.»

«Por que é que isso é importante para si?» [Pausa longa.]

«Sabe o nome da cidade ou do país onde se encontra? Onde estão os soldados?»

«Consigo ver "Ucrânia".»

«Ucrânia?» repeti, fascinado pela diversidade das suas vidas passadas.

«Consegue ver o ano? Consegue recordar-se? Ou de um período de tempo?»

«Mil e setecentos» respondeu de modo hesitante, para em seguida corrigir.

«Mil setecentos e cinqüenta e oito... mil setecentos e cinqüenta e oito. Há muitos soldados. Não sei o que é que eles querem. Têm longas espadas curvas.»

«Que mais é que vê ou ouve?» inquiri.

«Vejo uma fonte, uma fonte onde dão de beber aos cavalos.» «Os soldados montam cavalos?»

«Sim.»

«Os soldados são chamados por outro nome? Chamam-lhes algum nome especial?» Ela escutou.

«Não ouço isso.»

«Está junto deles?»

«Não.»

As respostas eram novamente de criança, curtas e muitas vezes monossilábicas. Precisava de ser um entrevistador muito diligente.

«Mas está a vê-los perto de si?»

«Sim.»

«Está na cidade?»

«Sim.»

«Mora aí?»

«Julgo que sim.»

«Ótimo. Veja se consegue encontrar-se e onde e que mora.»

«Vejo roupas que mais parecem farrapos. Só vejo uma criança, um rapaz. As suas roupas estão em farrapos. Está cheio de frio...»

«Tem uma casa na cidade?» Seguiu-se uma longa pausa.

«Não vejo isso» continuou ela. Parecia estar a ter uma certa dificuldade em estabelecer uma ligação com esta vida. Parecia de certo modo vaga nas suas respostas, um tanto insegura.

«Está bem. Sabe o nome do rapaz?»

«Não.»

«O que é que acontece ao rapaz? Vá com ele. Veja o que é que acontece.»

«Há alguém que ele conhece que está preso.»

«Um amigo? Um familiar?»

«Julgo que é o pai.» As suas respostas eram curtas.

«Você é o rapaz?»

«Não tenho a certeza.»

«Sabe como é que ele se sente por o pai estar na prisão?»

«Sim... está cheio de medo, tem medo de que o possam matar.»

«O que é que o seu pai fez?»

«Roubou qualquer coisa aos soldados, papéis ou qualquer coisa no gênero.»

«O rapaz não compreende o que se está a passar?»

«Não. Pode acontecer que não volte a ver o pai.»

«Tem possibilidades de ir visitar o pai?»

«Não.»

«Há alguém que saiba durante quanto tempo é que o seu pai vai estar preso? Ou se viverá?»

«Não» respondeu. A voz estava tremula. Estava muito preocupada, muito triste. Não estava a fornecer muitos detalhes, mas mesmo assim estava visivelmente agitada por causa dos acontecimentos que estava a testemunhar e a viver.

«Você pode sentir aquilo que o rapaz está a sentir» continuei, «essa espécie de medo e de ansiedade. Sente-o?»

«Sim.» Mais uma vez ficou em silêncio.

«O que é que se passa? Agora avance no tempo. Sei que é difícil. Avance no tempo. Há-de acontecer qualquer coisa.»

«O pai dele foi executado.»

«Como é que ele agora se sente?»

«Executaram-no por uma coisa que nunca fez. Mas executam pessoas sem qualquer motivo.»

«O rapaz deve estar muito transtornado com tudo isto.»

«Acho que não compreende completamente... o que aconteceu.»

«Tem outras pessoas para onde possa ir?»

«Sim, mas a sua vida irá ser muito difícil.» «O que é que vai acontecer ao rapaz?»

«Não sei. Provavelmente irá morrer...» Parecia tão triste. Ficou silenciosa durante mais algum tempo e em seguida começou a olhar à sua volta.

« O que é que está a ver?»

«Vejo uma mão... uma mão que se fecha sobre qualquer coisa... branca. Não sei o que é...» Ficou mais uma vez silenciosa e os minutos foram-se passando.

O que é que vê mais?» perguntei.

«Nada... escuridão.» Ou morrera ou interrompera a ligação com o rapaz triste que há mais de duzentos anos vivera na Ucrânia. -já deixou o rapaz?»

«Sim» respondeu num murmúrio. Estava a repousar.

« O que é que aprendeu nesta vida? O que é que se passou de importante?

As pessoas não podem ser julgadas apressadamente. Precisamos de ser justos com os outros. Muitas vidas foram arruinadas por sermos apressados nos nossos juízos.»

« A vida do rapaz foi curta e dura por causa desse juízo... em relação ao pai.»

«Sim.» Ficou de novo em silêncio.

«Agora está a ver alguma coisa? Ouve qualquer coisa?»

«Não.» Surgiu mais uma vez a resposta curta e o silêncio. Por uma razão qualquer que eu desconhecia, esta vida tão breve fora extremamente punitiva. Dei-lhe instruções para descansar. «Descanse. Procure sentir-se em paz. O seu corpo está a autocurar-se; a sua alma está a repousar... Está a sentir-se melhor? Repousada? Foi

difícil para o rapazinho. Muito duro. Mas agora está a descansar novamente. A sua mente pode levá-la para outros locais, outras épocas... outras memórias. Está a repousar?»

«Sim.» Resolvi investigar o fragmento de sonho sobre a casa a arder, o vaguear despreocupado do pai, e o fato de o ter enviado de novo ao local do desastre para recuperar qualquer coisa que lhe pertencia.

«Quero fazer-lhe agora uma pergunta sobre o sonho que teve... com o seu pai. Agora é capaz de se recordar; é seguro. Está num transe profundo. Recorda-se?»

«Sim.»

«Foi de novo a casa buscar qualquer coisa. Recorda-se disso?»

«Sim... era uma caixa metálica.»

«O que é que havia nessa caixa que ele quisesse tão desesperadamente, a ponto de a mandar de volta a uma casa que se encontrava em chamas?»

«Os seus selos e as suas moedas... que ele coleciona» respondeu. A sua recordação pormenorizada do sonho sob a ação da hipnose contrastava de forma acentuada com a vaga recordação quando se encontrava acordada. A hipnose era um poderoso instrumento, possibilitando não só o acesso às áreas mais remotas e mais ocultas da mente como permitindo igualmente uma recordação muito mais pormenorizada.

«Os selos e moedas eram muito importantes para ele?»

«Sim.»

«A ponto de arriscar a sua vida ao regressar a uma casa em chamas por causa de selos e de moedas...»

Interrompeu-me.

«Ele não pensou que houvesse perigo.»

«Julgou que era seguro?»

«Sim.»

«Sendo assim, porque é que não foi ele e a mandou a si?»

«Porque pensou que eu era capaz de ir mais depressa.»

«Estou a ver. E no entanto você estava a correr um risco?»

«É verdade, mas ele não se apercebeu disso.»

«Esse sonho teve mais algum significado para si? Sobre o seu relacionamento com o seu pai?»

«Não sei.»

«Não parecia ter muita pressa em sair da casa a arder.» «Não.»

«Porque é que ele demonstrou tanta falta de atenção? Você foi rápida; viu o perigo.»

«Porque ele tenta não ver as coisas.» Agarrei este momento para tentar interpretar parte do sonho.

«Sim, é um dos seus velhos padrões de comportamento, e você faz coisas em vez dele, como desta vez o ter ido buscar a caixa. Espero que possa aprender consigo. Tenho um pressentimento de que o fogo representa o tempo que se escoia, de que você tem uma noção do perigo e ele não. Enquanto ele anda de um lado para o outro e a manda de volta para buscar objetos materiais, você sabe muito mais... e tem muito que lhe ensinar, mas parece que ele não tem vontade de aprender.»

«Não» concordou ela.

«Não tem.»

«É desta maneira que eu vejo o sonho. Mas você não o pode forçar. Só ele pode chegar a essa conclusão.»

«Sim» concordou ela mais uma vez, e a sua voz tornou-se mais profunda e mais áspera, «não é importante que os nossos corpos ardam nas chamas se nós não tivermos necessidade deles...» Um Espírito Mestre apresentara uma perspectiva absolutamente nova a respeito do sonho. Fiquei surpreendido com esta súbita entrada e só fui capaz de repetir mecanicamente o pensamento.

«Não precisamos dos nossos corpos?»

«Não. Passamos por inúmeros estádios quando aqui estamos. Começamos com um corpo de bebê, passamos a um corpo de criança, de criança a adulto e finalmente a velho. Por que é que não havíamos de avançar mais um passo e passar diretamente de adulto ao plano espiritual? É isso que nós fazemos. Não paramos de crescer; nós continuamos a crescer. Quando chegamos ao plano espiritual, também aí continuamos a crescer. Passamos por diversas fases de desenvolvimento. Quando chegamos, é como se fossemos queimados. Temos que passar por uma fase de renovação, uma fase de aprendizagem e uma fase de decisão. Decidimos quando queremos regressar, onde e por que motivos. Há quem decida não regressar. Optam por passar a outra fase de desenvolvimento. E permanecem numa forma espiritual... alguns mais do que outros antes de regressarem. É tudo uma questão de crescimento e aprendizagem... crescimento contínuo. O nosso corpo não passa de um veículo que nos é útil enquanto aqui estamos. Só a nossa alma e o nosso espírito vivem para sempre.»

Não reconheci nem a voz nem o estilo. Um «novo» Mestre estava a falar, e a falar sobre conhecimentos importantes. Queria saber mais acerca destas realidades espirituais.

«A aprendizagem no estado físico é mais rápida? Há razões para que nem toda a gente permaneça no estado espiritual?»

«Não. A aprendizagem no estado espiritual é mais rápida, muito mais acelerada do que aquela que se verifica no estado físico. Mas escolhemos aquilo que necessitamos de aprender. Se precisamos de voltar para trabalharmos num determinado relacionamento, voltamos. Quando se acaba, continuamos. Na forma espiritual é sempre possível contactar aqueles que se encontram no estado físico, desde que se queira. Mas só se houver qualquer coisa de importante... só se for necessário dizer-lhes qualquer coisa que eles devem saber.»

«Como é que estabelece contacto? Como é que a mensagem é passada?»
Para minha grande surpresa, foi Catherine que respondeu. O seu murmúrio era mais rápido e mais firme.

«Por vezes é possível aparecer diante da pessoa... e ter o mesmo aspecto que se tinha na vida terrena. Outras vezes estabelece-se apenas um contacto mental. As vezes as mensagens são críticas, mas na maioria das vezes a pessoa sabe a que é que se refere. Eles compreendem. É um contacto mente a mente.»

Falei a Catherine. «O conhecimento que você tem agora, essa informação, esse saber, que é muito importante... por que é que você não tem acesso a ele quando está desperta e no estado físico?»

«Julgo que não compreenderia. Não sou capaz de o compreender.»

«Então talvez eu lhe possa ensinar a compreender, de modo a que não a atemorize e que você assim possa aprender.»

«Sim.»

«Quando se ouvem as vozes dos Mestres, eles dizem coisas semelhantes àquilo que você me está a dizer agora. Deve partilhar uma grande quantidade de informações.» Sentia-me intrigado com a sabedoria que ela evidenciava quando se encontrava neste estado.

«Sim» retorquiu simplesmente.

«E tudo isso vem da sua própria mente?»

«Mas foram eles que o puseram lá.» Estava assim a dar crédito aos Mestres.

«Sim» concordei. «Qual é a melhor maneira de lho retransmitir de modo a que possa crescer e perder os seus medos?

-já o fez» respondeu ela suavemente. Tinha razão; os seus medos tinham praticamente desaparecido. Desde que as regressões hipnóticas tinham começado, as suas melhoras clínicas haviam sido incrivelmente rápidas.

«Quais são as lições que agora precisa de aprender? Qual é a coisa mais importante que pode aprender durante esta vida de modo a que possa continuar a crescer e a prosperar?»

«Confiança» respondeu rapidamente. Soubera qual era a sua missão primordial.

«Confiança?» repeti, surpreendido com a rapidez da sua réplica.

«Sim, devo aprender a ter fé, mas ao mesmo tempo a confiar nas pessoas. O que nesta altura ainda não acontece. Penso que toda a gente está a tentar fazer-me mal. Isto faz com que me mantenha afastada de pessoas e de situações, o que provavelmente não deveria acontecer. Mantém-me com outras pessoas de quem me devia afastar.

A sua visão interior era extraordinária quando se encontrava neste estado de superconsciência. Conhecia as suas fraquezas e as suas forças. Conhecia as áreas que precisavam de atenção e de trabalho, e sabia o que é que devia fazer para melhorar a situação. O único problema residia no fato de ser necessário que esta visão interior atingisse a sua mente consciente e precisasse de ser aplicada na sua vida quando se encontrava no estado de vigília. A visão interior superconsciente era fascinante, mas por si só não era suficiente para transformar a vida dela.

«Quais são as pessoas de quem se deve afastar?» perguntei. Fez uma pausa.

«Tenho medo de Becky. Tenho medo de Stuart... de que qualquer coisa de mau me possa acontecer... vinda da parte deles.

É capaz de se afastar disso?»

«Não completamente, mas de algumas das suas idéias, sim. Stuart está a tentar manter-me prisioneira, e tem conseguido. Sabe que eu tenho medo. Sabe que eu tenho medo de me afastar dele, e serve-se desse conhecimento para me manter junto dele.»

«E Becky?»

«Está constantemente a tentar destruir a minha fé nas pessoas em quem confio. Quando eu vejo o bem, ela vê o mal. E tenta plantar essas sementes na minha mente. Estou a tentar aprender a confiar... nas pessoas em quem devo confiar, mas ela enche-me de dúvidas a respeito dessas pessoas. E é o grande problema dela. Não consigo fazer com que ela deixe de pensar dessa maneira.»

No seu estado superconsciente, Catherine era capaz de apontar as principais falhas de carácter tanto no caso de Becky como no caso de Stuart. Catherine hipnotizada daria uma excelente psiquiatra, empática e extraordinariamente intuitiva. Catherine num estado de vigília não possuía esses atributos. A minha tarefa era a de estabelecer uma ponte entre as duas situações. As suas extraordinárias melhoras

clínicas significavam que havia alguma coisa em tudo isto que estava a conseguir passar de um lado para o outro. Era preciso continuar a tentar estabelecer a ponte. «Em quem é que pode confiar?» perguntei. «Pense nisso. Quem são as pessoas em quem poderá confiar, com quem poderá aprender e de quem mais se poderá aproximar. Quem são?»

«Posso confiar em si», disse ela num murmúrio. Eu sabia isto, mas também sabia que ela tinha cada vez mais necessidade de confiar nas pessoas com quem lidava no seu dia a dia.

«Sim, eu sei que pode. Está muito chegada a mim, mas também precisa de se aproximar de outras pessoas que existam na sua vida, pessoas que convivam consigo mais do que eu.» Precisava de que ela fosse completa e independente, que não dependesse de mim.

«Posso confiar na minha irmã. Quanto aos outros não sei. Posso confiar em Stuart, mas só em certa medida. Preocupa-se comigo, mas está confuso. E no seu estado de perturbação está a fazer-me mal inconscientemente.»

«Sim, é verdade. Há mais algum homem em quem pode confiar?»

«Posso confiar em Robert», respondeu. Era outro médico do hospital. Eram bons amigos.

«Sim. Talvez haja outras pessoas que possa vir a encontrar... no futuro. »

«Sim», concordou ela.

A idéia de um conhecimento futuro era absolutamente perturbadora. Fora tão exata sobre o passado! Ela, por intermédio dos Mestres, conhecera fatos específicos, secretos. Também poderiam conhecer fatos do futuro? Se assim fosse, poderíamos partilhar esse conhecimento antecipado? Houve mil questões que me explodiram na mente.

«Quando entra em contacto com a sua mente superconsciente, como agora, e possui toda essa sabedoria, também desenvolve capacidades no campo psíquico? Consegue olhar para o futuro? já foi feito muito em relação ao passado.»

«É possível» concordou, «mas agora não estou a ver nada.»

«É possível?» repeti em eco.

«Acho que sim.»

«É capaz de fazer isso sem sentir receio? É capaz de ir ao futuro e obter informação com características neutras que não a atemorizem? É capaz de ver o futuro?»

A sua resposta foi imediata. «Não sou capaz de ver isso. Não o permitirão.» Sabia que se estava a referir aos Mestres. «Neste momento estão junto de si?»

«Sim.»

«Estão a falar consigo?»

«Não. Verificam tudo cuidadosamente.» Deste modo, sendo controlada, não lhe era permitido espreitar o futuro. Talvez não tivéssemos nada a ganhar pessoalmente com uma atitude dessas. Talvez a aventura tivesse levado Catherine a ficar demasiado ansiosa. Talvez ainda não estivéssemos preparados para lidar com este tipo de informação. Não insisti.

«O espírito que antes estava junto de si, Gideon...»

«Sim.»

«De que é que ele precisa? Por que é que ele se encontra por perto? Você conhece-o?»

«Não, acho que não.»

«Mas ele protege-a do perigo?»

«Sim.»

«Os Mestres...» «Não os vejo.»

«Às vezes têm mensagens para mim, mensagens que a ajudam a si e a mim. Você tem acesso a essas mensagens mesmo quando eles não estão a falar? Colocam-lhe pensamentos na mente?»

«Sim.»

«Controlam até onde é que você pode ir? O que é que pode recordar?»

«Sim.»

«Sendo assim, há uma finalidade na explicação de todas estas vidas...»

«Sim.»

«... Para si e para mim... para nos ensinar. Para eliminarmos o medo.»

«Existem muitos modos de comunicação. Escolhem muitos... para demonstrarem que existem de fato.» Quer Catherine ouvisse as suas vozes, visualizasse imagens e séries de acontecimentos do passado, experimentasse fenômenos psíquicos, ou tivesse idéias e pensamentos colocados na mente, a finalidade era sempre a mesma - mostrar que eles existem de fato, e mesmo para lá disso, ajudar-nos, auxiliar-nos no nosso caminho fornecendo-nos visões interiores e conhecimento, ajudar-nos a tornarmo-nos semelhantes a Deus.

«Sabe por que é que eles a escolheram...»

«Não.»

«... para ser um canal?»

Tratava-se de uma questão delicada, já que Catherine no estado de vigília nem sequer podia ouvir as gravações.

«Não», murmurou suavemente.

«E isso mete-lhe medo?»

«As vezes.»

«E outras vezes não?»

«Sim.»

«Pode ser animador», acrescentei.

«Sabemos agora que somos eternos, o que faz com que tenhamos perdido o medo da morte.»

«Sim» concordou ela. Fez uma pausa.

«Devo aprender a confiar.» Regressara à lição primordial daquela vida. «Quando me dizem qualquer coisa, devo aprender a confiar naquilo que me dizem... quando a pessoa é fiável.»

«Certamente que há pessoas em quem não se pode confiar», acrescentei.

«Sim, mas sinto-me confusa. E quanto às pessoas em relação às quais sinto que devia confiar, luto contra esse sentimento. E não quero confiar em toda a gente.» Ficou mais uma vez silenciosa enquanto eu meditava sobre tudo isto.

«Da última vez falamos de si como criança, num jardim onde havia cavalos. Recorda-se? O casamento da sua irmã?»

«Um pouco.»

«Há mais alguma coisa que deva guardar dessa época? Sabe de mais alguma coisa?»

«Sim.»

«Acha que vale a pena regressar agora para fazer uma exploração?»

«Não regressaríamos ao mesmo ponto. Há tantas coisas numa vida... há tanto conhecimento que devemos obter... de cada uma das vidas. Sim, devemos explorar, mas não se conseguirá atingir o mesmo ponto.»

Deste modo, voltei de novo ao seu perturbado relacionamento com o pai.

«O relacionamento com o seu pai é uma outra área, que a afetou profundamente na vida presente.»

«Sim», respondeu-me com simplicidade.

«Também há ainda uma outra área a ser explorada. Teve muito a aprender com este relacionamento. Estabeleça uma comparação com o rapazinho na Ucrânia que perdeu o pai ainda muito novo. E essa perda não lhe aconteceu neste tempo. E, no entanto, tendo o seu pai aqui, mesmo que certas dificuldades fossem menos... »

«Era mais uma espécie de fardo», concluiu. «Pensamentos...» acrescentou, «pensamentos... »

«Que pensamentos?» Tive a sensação de que se encontrava numa nova área.

«Sobre a anestesia. Quando lhe dão uma anestesia, consegue ouvir? Ainda *pode* ouvir!» Respondera à sua própria questão. Neste momento estava a murmurar rapidamente, ficando cada vez mais excitada. «A mente estava perfeitamente consciente do que se estava a passar. Estavam a falar sobre a minha asfixia, sobre a possibilidade de eu sufocar quando me fizeram a cirurgia à garganta.»

Recordei a operação de Catherine às cordas vocais, que foi realizada poucos meses antes da sua primeira consulta comigo. Ficara ansiosa antes da operação, mas estava absolutamente aterrorizada quando acordara depois da operação na sala de recuperação. A equipa de enfermagem levava horas para conseguir acalmá-la. Agora, tudo indicava que aquilo que fora dito pelos cirurgiões durante a operação, durante todo o tempo em que ela se encontrava sob anestesia profunda, precipitara o seu terror. A minha mente deslizou de volta à escola médica e ao meu estágio em cirurgia. Recordei as conversas casuais durante as operações, enquanto os pacientes se encontravam anestesiados. Recordei as piadas, as pragas, as discussões e as crises temperamentais dos cirurgiões. O que é que os pacientes teriam ouvido a um nível subconsciente? Até que ponto teria sido registrado, de modo a afetar os seus pensamentos e emoções, os seus medos e ansiedades, depois de terem despertado? Seria o período pós-operatório, mais precisamente a recuperação do paciente depois da cirurgia, influenciado positiva ou negativamente pelas observações feitas durante a operação? Haveria algum caso de alguém que tivesse morrido por causa de expectativas negativas ouvidas durante a cirurgia? Seria possível que alguém, sentindo-se sem esperanças, tivesse simplesmente desistido?»

«Lembra-se do que é que estavam a dizer?» perguntei. «Que tinham que introduzir um tubo. Quando tirassem o tubo, a minha garganta podia inchar. Nunca pensaram que eu pudesse ouvir.»

«Mas você ouviu.»

«Sim. É por isso que tive tantos problemas.» Depois da sessão de hoje Catherine nunca mais teve medo de engolir ou de sufocar. Era tão simples como isso. «Toda a ansiedade...» continuou, «pensei que ia sufocar.»

«Sente-se livre?» perguntei.

«Sim. Pode reverter aquilo que eles fizeram.

«Posso?»

«Sim. Você é... Eles deviam ter mais cuidado com aquilo que dizem. Agora recordo-me. Introduziram-me um tubo na garganta. E depois disso não conseguia falar para lhes dizer o que quer que fosse.»

«Agora está livre... Você ouviu-os mesmo.»

«Sim, ouvi-os falar...» Ficou em silêncio durante um minuto ou dois, e em seguida começou a rodar a cabeça de um lado para o outro. Parecia estar a ouvir qualquer coisa.

«Parece estar a ouvir mensagens. Sabe de onde é que veio essa mensagem? Esperava que os Mestres aparecessem.» «Houve alguém que me disse», foi a sua resposta crítica. «Estava alguém a falar consigo?»

«Mas já se foram embora.» Tentei trazê-los de volta.

«Veja se consegue chamar espíritos com mensagens para nós... para nos ajudarem.»

«Eles só vêm quando querem, não quando eu decido», respondeu firmemente.

«Não tem qualquer controlo sobre isso?»

«Não.»

«Está bem» anuí, «mas a mensagem sobre a anestesia foi muito importante para si. Era a causa da sua sensação de asfixia.» «Era importante para si, não para mim», retorquiu. A sua resposta ecoou na minha mente. Ela ia ficar curada do seu terror de sufocar e no entanto esta revelação era mais importante novo. E essa perda não lhe aconteceu neste tempo. E, no entanto, tendo o seu pai aqui, mesmo que certas dificuldades fossem menos... »

«Era mais uma espécie de fardo», concluiu. «Pensamentos...» acrescentou, «pensamentos...»

«Que pensamentos?» Tive a sensação de que se encontrava numa nova área.

«Sobre a anestesia. Quando lhe dão uma anestesia, consegue ouvir? Ainda *pode* ouvir!» Respondera à sua própria questão. Neste momento estava a murmurar rapidamente, ficando cada vez mais excitada. «A mente estava perfeitamente consciente do que se estava a passar. Estavam a falar sobre a minha asfixia, sobre a possibilidade de eu sufocar quando me fizeram a cirurgia à garganta. »

Recordei a operação de Catherine às cordas vocais, que foi realizada poucos meses antes da sua primeira consulta comigo. Ficara ansiosa antes da operação, mas estava absolutamente aterrorizada quando acordara depois da operação na sala de

recuperação. A equipa de enfermagem levava horas para conseguir acalmá-la. Agora, tudo indicava que aquilo que fora dito pelos cirurgiões durante a operação, durante todo o tempo em que ela se encontrava sob anestesia profunda, precipitara o seu terror. A minha mente deslizou de volta à escola médica e ao meu estágio em cirurgia. Recordei as conversas casuais durante as operações, enquanto os pacientes se encontravam anestesiados. Recordei as piadas, as pragas, as discussões e as crises temperamentais dos cirurgiões. O que é que os pacientes teriam ouvido a um nível subconsciente? Até que ponto teria sido registrado, de modo a afetar os seus pensamentos e emoções, os seus medos e ansiedades, depois de terem despertado? Seria o período pós-operatório, mais precisamente a recuperação do paciente depois da cirurgia, influenciado positiva ou negativamente pelas observações feitas durante a operação? Haveria algum caso de alguém que tivesse morrido por causa de expectativas negativas ouvidas durante a cirurgia? Seria possível que alguém, sentindo-se sem esperanças, tivesse simplesmente desistido?»

«Lembra-se do que é que estavam a dizer?» perguntei. «Que tinham que introduzir um tubo. Quando tirassem o tubo, a minha garganta podia inchar. Nunca pensaram que eu pudesse ouvir.»

«Mas você ouviu.»

«Sim. E por isso que tive tantos problemas.» Depois da sessão de hoje Catherine nunca mais teve medo de engolir ou de sufocar. Era tão simples como isso. «Toda a ansiedade...» continuou, «pensei que ia sufocar.»

«Sente-se livre?» perguntei.

«Sim. Pode reverter aquilo que eles fizeram.» «Posso?»

«Sim. Você é... Eles deviam ter mais cuidado com aquilo que dizem. Agora recordo-me. Introduziram-me um tubo na garganta. E depois disso não conseguia falar para lhes dizer o que quer que fosse.»

«Agora está livre... Você ouviu-os mesmo.»

«Sim, ouvi-os falar...» Ficou em silêncio durante um minuto ou dois, e em seguida começou a rodar a cabeça de um lado para o outro. Parecia estar a ouvir qualquer coisa.

«Parece estar a ouvir mensagens. Sabe de onde é que veio essa mensagem? Esperava que os Mestres aparecessem.»

«Houve alguém que me disse», foi a sua resposta crítica.

«Estava alguém a falar consigo?»

«Mas já se foram embora.» Tentei trazê-los de volta.

«Veja se consegue chamar espíritos com mensagens para nós... para nos ajudarem.»

«Eles só vêm quando querem, não quando eu decido», respondeu firmemente.

«Não tem qualquer controlo sobre isso?» «Não.»

«Está bem» anuí, «mas a mensagem sobre a anestesia foi muito importante para si. Era a causa da sua sensação de asfixia.»

«Era importante para si, não para mim», retorquiu. A sua resposta ecoou na minha mente. Ela ia ficar curada do seu terror de sufocar e no entanto esta revelação era mais importante para mim do que para ela. Era eu que estava a fazer a cura. A sua simples resposta continha muitos níveis de significado. Senti que se compreendesse realmente esses níveis, essas oitavas ressonantes de significado, conseguiria dar um grande salto na compreensão das relações humanas. Talvez a ajuda fosse mais importante do que a cura.

«Para eu a ajudar?» perguntei.

«Sim. Você pode desfazer aquilo que eles fizeram. Tem estado a desfazer aquilo que eles fizeram...» Estava a repousar. Tínhamos aprendido ambos uma grande lição.

Alguns dias depois do terceiro aniversário da minha filha, Amy, esta veio a correr ao meu encontro, abraçando-se às minhas pernas. Olhou para cima e disse «Papá, há quarenta mil anos que gosto de ti.» Olhei para a sua carinha e senti-me muito, muito feliz.

Algumas noites depois fui bruscamente despertado de um sono profundo. Instantaneamente alerta, tive uma visão do rosto de Catherine, várias vezes maior do que o tamanho normal. Parecia perturbada, aparentando precisar da minha ajuda. Olhei para o relógio; eram 3:36 da madrugada. Não houvera qualquer ruído exterior que me pudesse ter acordado. Carole dormia tranquilamente ao meu lado. Procurei esquecer o incidente e adormeci novamente.

Cerca das 3:30 dessa mesma madrugada, Catherine acordara em pânico por causa de um pesadelo. Suava e o coração batia acelerado. Decidiu meditar para se descontraír, visualizando-me a hipnotizá-la no consultório. Imaginou o meu rosto, ouviu a minha voz e voltou gradualmente a adormecer.

Catherine estava a tornar-se incrivelmente psíquica e, aparentemente, eu também estava. Recordava os meus velhos professores de Psiquiatria quando falavam de reações de transferência e de contratransferência no caso de relações terapêuticas. A transferência representa a projecção de sentimentos, pensamentos e desejos do paciente sobre o terapeuta, que simboliza alguém do passado daquele. A contratransferência é o inverso, as reações emocionais inconscientes do terapeuta em relação ao paciente. Mas aquela comunicação às 3:30 da madrugada não fora nem uma coisa nem outra. Fora uma ligação telepática transmitida num comprimento de onda exterior aos canais normais. De certo modo a hipnose estava

a proceder à abertura deste canal. Ou era a audiência, um grupo diferenciado de espíritos - Mestres, guardiões e outros - que se tornara responsável por este novo comprimento de onda? já passara há muito o ponto em que isto pudesse constituir uma surpresa.

Na sessão seguinte, Catherine entrou rapidamente num estado de hipnose profunda. Ficou instantaneamente alarmada. «Vejo uma grande nuvem... assustou-me. Estava lá.» A respiração era acelerada.

«Ainda lá está?»

«Não sei. Veio e desapareceu rapidamente... qualquer coisa mesmo no cimo da montanha.» Permaneceu alarmada, continuando a respirar pesadamente. Tinha receio de que estivesse a ver uma bomba. Seria capaz de observar o futuro?

«Consegue ver a montanha? É como uma bomba?» «Não sei.»

«Foi muito repentino. Estava ali exatamente. Tem muito fumo... muito fumo. É grande. Ainda está longe. Oh...»

«Você está em segurança. Consegue aproximar-se?»

«Não quero aproximar-me!» respondeu rispidamente. Raras vezes ela se mostrava tão resistente.

«Porque é que tem tanto medo?» perguntei novamente. «Julgo que é por causa dos produtos químicos ou qualquer coisa semelhante. E muito difícil respirar quando se está perto.» Respirava com grande dificuldade.

E como um gás? Vem da própria montanha... como um vulcão?» «Julgo que sim. E como um grande cogumelo. E isso que parece... um cogumelo branco.»

«Mas não é uma bomba? Não é uma bomba atômica ou qualquer coisa no gênero?» Fez uma pausa para continuar logo em seguida.

«É um vul... uma espécie de vulcão ou qualquer coisa no gênero. É muito assustador. É difícil respirar. Há poeira no ar. Não quero estar ali.» Lentamente a respiração voltou ao ritmo normal, até ao ritmo do estado hipnótico.

«Agora já é mais fácil respirar?»

«Sim.»

«Ótimo. O que é que está a ver agora?»

«Nada... Vejo um colar, um colar no pescoço de alguém. É azul... é de prata, com uma pedra azul pendurada e pedras mais pequenas por baixo.

«Vê alguma coisa na pedra azul?»

«Não, é transparente. Pode-se ver através dela. A senhora tem cabelo negro e um chapéu azul... com uma grande pena, e o vestido é de veludo.»

«Conhece a senhora?»

«Não.

„,Você está lá, ou você é a senhora?»

«Não sei.»

«Mas está a vê-la?»

«Sim. Não sou a senhora.»

«Que idade é que ela tem?»

«Cerca de quarenta anos. Mas parece mais velha do que aquilo que é na realidade.»

«Está a fazer alguma coisa?»

«Não, está apenas de pé junto da mesa. Há um frasco de perfume na mesa. É branco com flores verdes. Vejo uma escova e um pente com cabo de prata.»

Sentia-me impressionado com a perspicácia que ela mostrava para os detalhes. « E o quarto dela ou está numa loja?

-E o quarto dela. Há uma cama... com quatro colunas. A cama é castanha. Em cima da mesa está um jarro.»

«Um jarro?»

«Sim, o quarto não tem retratos. Tem umas cortinas esquisitas, muito escuras.»

«Está mais alguém no quarto?»

«Não.»

«Qual é a relação que existe entre essa senhora e você?»

«Sou criada dela.» Mais uma vez era uma criada.

-Há muito tempo que está com ela?»

«Não... alguns meses.»

«Gosta desse colar?»

«Sim. E muito elegante.»

«Alguma vez pôs o colar?»

«Não.» As suas respostas curtas obrigavam-me a uma busca enérgica no sentido de tentar obter informações básicas. Fazia-me lembrar o meu filho que estava quase a entrar na adolescência.

«Que idade é que você tem?»

«Talvez treze, catorze...» Mais ou menos a mesma idade.

«Porque é que deixou a sua família?» perguntei.

«Não os deixei», corrigiu-me.

«Apenas trabalho aqui.»

«Estou a ver. Vai todos os dias para casa da sua família depois do trabalho?»

«Sim.» As suas respostas deixavam-me muito pouco espaço para qualquer tipo de exploração.

«A sua família vive perto?»

«Relativamente perto... Somos muito pobres. Temos necessidade de trabalhar... de sermos criados.»

«Sabe qual é o nome da senhora?»

«Belinda.»

«Ela trata-a bem?»

«Sim.»

«Ótimo. Você tem muito trabalho?»

«Não é muito cansativo.» Entrevistar adolescentes nunca havia sido fácil, mesmo quando se tratava de vidas passadas. Felizmente que eu tinha bastante prática.

«Muito bem. Ainda está a vê-la?»

«Não.»

«Onde é que você está agora?»

«Noutra sala. Vejo uma mesa com uma cobertura negra... e uma franja a toda a volta. Há um cheiro a ervas... um perfume pesado.»

«Isso é tudo da sua patroa? Ela usa muito perfume?»

«Não, é um outro quarto. Estou noutro quarto.»

-De quem é esse quarto?

-É de uma senhora de escuro.

-De escuro como? Consegue vê-la?»

«Tem muitas coisas a cobrirem-lhe a cabeça» murmurou Catherine,

«muitos xales. E velha e cheia de rugas.»

«Qual é o seu relacionamento com ela?»

«Fui simplesmente vê-la.»

«Para quê?»

«Para que ela possa deitar as cartas.» Soube intuitivamente que fora visitar uma vidente, uma mulher que provavelmente lia as cartas de tarot. Não deixava de ser uma situação irônica. Ali estava Catherine e eu, envolvidos numa incrível aventura psíquica, percorrendo vidas e dimensões sem conta e contudo, talvez duzentos anos antes, ela fora visitar uma vidente para tentar descobrir coisas sobre o futuro dela. Sabia que Catherine nunca consultara uma vidente na sua vida atual e que não tinha o menor conhecimento sobre cartas de tarot ou previsão do futuro; essas coisas aterrorizavam-na.

«Ela lê a sina?» perguntei.

«Vê coisas.»

«Tem alguma pergunta que lhe queira fazer? O que é que você quer ver? O que é que você quer saber?»

«Sobre um determinado homem... com quem talvez possa vir a casar.»

«O que é que ela diz quando deita as cartas?»

«A carta com... uma espécie de postes. Postes e flores... só postes, lanças ou qualquer coisa semelhante. Há uma outra carta com um taça, um cálice... Vejo uma carta com um homem ou um rapaz que empunha um escudo. Diz que me hei-de casar, mas que não me vou casar com o homem de quem lhe falei... Não vejo mais nada.»

«Vê a senhora?»

«Vejo algumas moedas.»

«Ainda se encontra com ela, ou já é um local diferente?»

«Estou com ela.»

«Qual é o aspecto das moedas?»

«São de ouro. Os bordos não são lisos. São quadradas. Vê-se uma coroa num dos lados.»

«Veja se está marcado o ano nas moedas. Qualquer coisa que você possa ler... uma inscrição.»

«Alguns números estranhos» retorquiu, «X's e 1's.»

«Sabe qual é o ano?»

«Mil setecentos... e qualquer coisa. Não sei exatamente.» Estava mais uma vez em silêncio.

«Porque é que esta vidente é tão importante para si?»

«Não sei...»

«Aquilo que ela lhe disse sobre a sua sina era verdade?»

«... Mas ela foi-se embora», disse Catherine num murmúrio. «Partiu. Não sei.»

«E agora está a ver alguma coisa?»

«Não.»

«Não?» Sentia-me surpreendido. Onde é que ela estava?

«Sabe qual é o seu nome nesta vida?» perguntei, com a esperança de apanhar o fio da meada desta vida passada há várias centenas de anos.

«Já saí de lá.» Deixara aquela vida e estava a repousar. Chegara uma altura em que ela era capaz de fazer isso por si própria. Para isso já não precisava de passar pela experiência da morte. Esperamos durante alguns minutos. Esta vida não havia sido espetacular. Limitara-se a recordar alguns tópicos descritivos e a interessante visita que ela fizera à vidente.

«Agora está a ver alguma coisa?»

«Não» respondeu num murmúrio.

«Está a descansar?»

«Sim... jóias de cores diferentes...»

«Jóias?»

«Sim. Na verdade trata-se de luzes, mas parecem jóias...»

«E que mais?», perguntei.

«Eu só ...» fez uma pausa e então o seu murmúrio começou a ser mais alto e mais firme. «Há muitas palavras e pensamentos que voam à minha volta... referem-se à coexistência e harmonia... ao equilíbrio das coisas.» Sabia que os Mestres estavam por perto.

«Sim», disse-lhe eu procurando apressá-la. «Quer saber mais sobre essas coisas. É capaz de me dizer?»

«Neste momento não passam de palavras» respondeu. «Coexistência e harmonia», recordei-lhe. Quando respondeu tratava-se da voz do Mestre poeta. Sentia-me entusiasmado por ouvir novamente a sua voz.

«Sim», respondeu-me. «Tudo deve ter um equilíbrio. A natureza vive em harmonia. Os animais vivem em harmonia. Os seres humanos não aprenderam a fazer isso. Continuam a destruir-se. Não existe harmonia, não existe o menor plano naquilo que fazem. A natureza é tão diferente. A natureza é equilibrada. A natureza é energia e vida... e renovação. E os seres humanos apenas destroem. Destroem a natureza. Destroem os outros seres humanos. Há-de chegar uma altura em que se destruirão a si próprios.

Era uma previsão de mau agouro. Com o mundo constantemente num caos e em tumulto, esperava que isso não acontecesse nos tempos mais próximos. «Quando é que isso acontecerá?» perguntei.

«Acontecerá mais cedo do que aquilo que pensam. A natureza sobreviverá. As plantas sobreviverão. Mas nós não.»

«Podemos fazer alguma coisa para evitar essa destruição?»

«Não. Tudo deve ser equilibrado...»

«Essa destruição acontecerá na nossa vida? Podemos evitá-la?»

«Não acontecerá na nossa vida. Estaremos noutra plano, noutra dimensão, quando isso acontecer, mas presenciaremos tudo.»

«Existe algum meio de ensinar a humanidade?» continuava a procurar uma saída, uma possibilidade de atenuar a situação.

«Será feito a um outro nível. Aprenderemos com isso.» Considerei o aspecto positivo.

«Bom, sendo assim, as nossas almas progridem em diferentes locais.»

«Sim. Já não estaremos... aqui, conforme o conhecemos. Mas havemos de o ver.»

«Sim» anuí. «Sinto uma necessidade de ensinar essas pessoas, mas não sei como é que me posso aproximar delas. Existe algum meio ou têm que o aprender por si mesmas?»

«Não podes chegar a toda a gente. Para poderes deter a destruição terias que chegar a toda a gente e não o podes fazer. Não pode ser parado. Eles aprenderão. Quando evoluírem, aprenderão. Haverá paz, mas não aqui, não nesta dimensão.»

«Poderá eventualmente haver paz?»

«Sim, num outro nível.

-E no entanto parece tão distante», lamentei-me. -Presentemente as pessoas parecem tão mesquinhas... gananciosas, sedentas de poder, ambiciosas. Esquecem o amor, a compreensão e o saber. Há muito para aprender.»

«Sim.»

«Posso escrever alguma coisa para ajudar essas pessoas? Há alguma maneira?»

«Sabes qual é o caminho. Não precisamos de te dizer. Será tudo inútil, porque nós todos alcançaremos o nível e eles verão. Somos todos iguais. Ninguém é maior do que o próximo. E tudo isto não passa de lições... e castigos.»

«Sim» concordei. Esta lição era muito profunda e precisava de tempo para a digerir. Catherine havia ficado silenciosa. Esperamos, ela a repousar e eu pensativamente absorvido nas dramáticas afirmações da hora anterior. Finalmente foi ela que quebrou o encantamento.

«As jóias desapareceram» disse num murmúrio. «As jóias desapareceram. As luzes... desapareceram.»

«As vozes, também? As palavras?»

«Sim, não vejo nada.» Enquanto fazia uma pausa, a cabeça começou a mover-se de um lado para o outro. «Um espírito... está a olhar.»

«Para si?»

«Sim.»

«Reconhece o espírito?»

«Não tenho a certeza... julgo que pode ser Edward.» Edward morrera durante o ano anterior. Edward parecia ter realmente o dom da ubiqüidade. Parecia estar sempre perto dela.

«Qual é o aspecto do espírito?»

«É apenas... apenas branco... como uma luz. Não tinha rosto, não como o conhecemos, mas sei que é ele.»

«Estava a comunicar consigo por qualquer meio?»

«Não, estava apenas a observar.»

«Estava a ouvir aquilo que eu estava a dizer?»

«Sim», disse num murmúrio. «Mas agora partiu. Só queria ter a certeza de que eu estava bem.» Pensei na mitologia popular do anjo da guarda. Não existe qualquer dúvida de que Edward, no papel do espírito protetor e amigo velando por ela para se certificar de que tudo corria bem, se aproximava muito de um papel angélico. E Catherine já havia falado de espíritos guardiões. Perguntei a mim próprio quantos dos nossos «mitos» de infância poderiam estar de fato enraizados num passado vagamente recordado.

Também me interrogava sobre a hierarquia dos espíritos, sobre quem se tornava guardião e sobre quem se tornava Mestre, e sobre todos aqueles que não eram nem uma coisa nem outra e se limitavam apenas a aprender. Devem existir graduações baseadas em sabedoria e conhecimento, prevalecendo sempre a meta final de nos tornarmos à imagem de Deus, e duma maneira qualquer chegarmos a unirmo-nos a Deus. Era esta a meta que os teólogos místicos haviam descrito em momentos de êxtase ao longo dos séculos. Haviam tido visões de uma união divina desse tipo. Na ausência de experiências pessoais desse tipo, veículos do gênero de Catherine, com o seu talento extraordinário, forneciam a melhor visão que era possível.

Edward partira e Catherine voltara a ficar silenciosa. O rosto tinha um ar tranqüilo e toda ela se encontrava envolta em serenidade. Como era maravilhoso o talento que ela possuía - a capacidade para ver além da vida e da morte, de falar com os «deuses» e de partilhar a sua sabedoria. Estávamos a alimentar-nos da Árvore da Sabedoria, que deixara de ser proibida. Perguntei a mim próprio quantas maçãs teriam ficado.

A mãe de Carole, Minette, estava a morrer com um cancro que alastrara dos seios até aos ossos e ao ligado. O processo arrastara-se durante quatro anos, mas agora já não era possível travá-lo com a quimioterapia. Era uma mulher extraordinariamente corajosa, que suportava estoicamente a dor e a fraqueza. Mas o mal alastrava cada vez mais e eu sabia que a morte dela se aproximava.

As sessões com Catherine continuavam a realizar-se, e partilhei a experiência e as revelações com Minette. Fiquei um tanto surpreendido ao verificar que ela, uma prática mulher de negócios, aceitou de imediato este conhecimento e se mostrou interessada em aprender mais. Dei-lhe livros para ela ler, o que fez de um modo ávido. Tomou as disposições necessárias para freqüentar um curso, juntamente com Carole e comigo, sobre a cabala, os escritos místicos judaicos com séculos de existência. A reencarnação e os planos intermédios representam os princípios básicos da literatura cabalística, embora a maioria dos judeus dos nossos dias sejam absolutamente ignorantes a este respeito. O espírito de Minette ia-se fortalecendo à medida que o corpo se deteriorava. O seu medo da morte diminuía. Começou a sonhar com o momento em que se iria reunir ao seu amado marido, Ben. Acreditava na imortalidade da sua alma, e era isto que a ajudava a suportar as dores. Agarrava-se à vida, esperando o nascimento de mais um neto, o primeiro bebê da sua filha Donna. Encontrara-se com Catherine no hospital por ocasião de um dos seus tratamentos, e os seus olhares e palavras uniram-se num sentimento de paz e de avidez. A sinceridade e honestidade de Catherine ajudaram Minette a convencer-se de que a existência da vida depois da morte era de fato real.

Uma semana antes de morrer, Minette foi admitida no piso de oncologia do hospital. Carole e eu passamos todo o tempo possível com ela, falando da vida e da morte e daquilo que nos esperava depois da morte. Sendo uma senhora com uma grande dignidade, decidira morrer no hospital, onde as enfermeiras a poderiam assistir. Donna, o marido e a sua filha com seis semanas vieram visitá-la e despedirem-se. Pela nossa parte estávamos quase que continuamente junto dela. Cerca das seis horas da tarde da noite em que Minette morreu, Carole e eu, tendo acabado de chegar do hospital, sentimos ambos uma necessidade urgente de voltar atrás. As seis ou sete horas seguintes foram cheias de serenidade e de uma energia espiritual transcendental. Embora a respiração fosse difícil, Minette deixara de ter dores. Falamos da sua transição para o estado intermédio, sobre a luz brilhante e sobre a presença espiritual. Passou a sua vida em revista, praticamente em silêncio, e esforçou-se por aceitar os aspectos negativos. Parecia saber que não podia partir até que o processo fosse completado. Aguardava um momento específico para morrer, às primeiras horas da madrugada. Começou a demonstrar sinais de impaciência enquanto aguardava que chegasse esse momento. Minette era a primeira pessoa que eu guiava desta maneira para a morte e para a transição. Sentia-se encorajada, e a nossa dor era suavizada pela experiência na sua globalidade.

Cheguei à conclusão de que a minha capacidade de curar os meus pacientes se tinha alargado de um modo significativo, não se limitando apenas a fobias e ansiedades, mas em especial ao aconselhamento na transição da morte e na dor. Sabia intuitivamente o que é que estava errado e quais as direções que deviam ser tomadas em terapia. Era capaz de fazer convergir sentimentos de paz, de calma e de esperança. Havia muitos que não se encontravam preparados para saberem o que se passava com Catherine ou para tomarem conhecimento da literatura a respeito da vida depois da morte. Mas mesmo sem partilhar um conhecimento desse tipo tão específico, senti que mesmo assim ainda era capaz de fazer passar a mensagem. Um tom de voz, uma compreensão empática do processo e dos medos e sentimentos, um olhar, um toque, uma palavra - tudo poderia passar, a um determinado nível, e fazer vibrar uma corda de esperança, de uma espiritualidade esquecida, de uma humanidade partilhada, ou talvez ainda mais. E para todos aqueles que se encontravam prontos para mais, sugerir leituras e partilhar as minhas experiências com Catherine e outros, era como abrir uma janela para que entrasse uma brisa fresca. Aqueles que se encontravam prontos voltavam a viver. Adquiriam visões interiores ainda mais rapidamente.

Acredito firmemente que os terapeutas devem ter uma mente aberta. A medida que se torna cada vez mais necessário um trabalho científico para documentar as experiências de morte e transição, como no caso de Catherine, mais necessário é o trabalho experimental em campo. Os terapeutas necessitam de considerar a possibilidade da vida depois da morte e de integrarem esta possibilidade no seu aconselhamento. Não precisam de usar regressões hipnóticas, mas deveriam manter os espíritos abertos, partilhar o seu conhecimento com os pacientes, e não desvalorizarem as experiências destes.

Presentemente as pessoas sentem-se devastadas com as ameaças à sua mortalidade. A praga da SIDA, o holocausto nuclear, o terrorismo, a doença e muitas outras catástrofes pendem sobre as nossas cabeças e torturam-nos todos os dias.

Muitos adolescentes acreditam que não viverão para lá dos seus vinte anos. Isto é incrível, e reflete o enorme stress da nossa sociedade.

A um nível individual, a reação de Minette às mensagens de Catherine é encorajante. O seu espírito fortaleceu-se e foi capaz de sentir esperança enfrentando a enorme dor física e a deterioração do corpo. Mas as mensagens são para todos nós e não apenas para os que estão a morrer. Também há esperança para todos nós. Precisamos de mais clínicos e de mais cientistas para estabelecerem relatórios sobre outras Catherines, para confirmarem e divulgarem as suas mensagens. As respostas estão lá. Somos imortais. Estaremos sempre juntos.

Passaram-se três meses e meio depois da nossa primeira sessão de hipnose. Não só os sintomas de Catherine haviam praticamente desaparecido, como ela também progredira muito para lá de uma simples cura. Sentia-se radiante, com uma calma energia que a dominava. As pessoas sentiam-se atraídas por ela. Quando tomava o pequeno almoço na cantina do hospital, tanto os homens como as mulheres se precipitavam para lhe fazerem companhia. «Está tão bonita; só queria dizer-lhe isso» era uma das afirmações habituais. Como um pescador, era capaz de os fisgar numa linha psíquica. E tomara as suas refeições na mesma cantina durante anos sem que nunca a tivessem notado.

Como era habitual, mergulhou rapidamente num profundo transe hipnótico no meu consultório de luzes suaves, o seu cabelo louro caindo numa cascata de caracóis sobre a familiar almofada bege.

«Vejo um edifício... é feito de pedra. E há qualquer coisa de pontiagudo no cimo dele. Situa-se numa área muito montanhosa. Está muito úmido... lá fora está muito úmido. Vejo uma carroça. Vejo uma carroça a passar... pela frente. A carroça tem feno, um tipo qualquer de palha, feno ou uma coisa semelhante para os animais comerem. Há alguns homens no exterior. Empunham um espécie de estandartes, qualquer coisa que esvoaça na extremidade de um pau. As cores são muito brilhantes. Ouço-os falar de Moors... Moors. É uma guerra que está a ser travada. Há uma espécie de metal, qualquer coisa em metal que lhes cobre as cabeças... uma espécie de cobertura para a cabeça feita em metal. O ano é 1483. Há qualquer coisa sobre dinamarqueses. Há qualquer luta com os dinamarqueses? Há uma guerra qualquer que está a ser travada.»

«Você está lá?» perguntei.

«Não vejo isso» respondeu suavemente. «Vejo as carroças. Têm duas rodas e a parte de trás é aberta. São abertas; os lados são abertos e têm taipais, uma espécie de taipais em madeira amarrados de ambos os lados. Vejo... qualquer coisa de metal que usam pendurada ao pescoço... uma peça pesada em metal com o formato de uma cruz. Mas as extremidades são curvas, as pontas da cruz... são redondas. É a festa de um santo qualquer... Vejo espadas. Usam uma espécie de faca ou espada... muito pesada, com uma extremidade muito aguçada. Estão a preparar-se para uma batalha qualquer.»

«Veja se consegue encontrar-se», disse-lhe.

«Olhe à sua volta. Talvez seja um soldado. Está a vê-los de um lugar qualquer.»

«Não sou um soldado.» Era categórica na afirmação que fazia.

«Olhe à sua volta.»

«Trouxe algumas das provisões. É uma aldeia, uma aldeia qualquer.» Ficou silenciosa.

« O que é que vê agora? »

«Vejo um estandarte, um estandarte qualquer. É vermelho e branco... branco com uma cruz vermelha.

«É o estandarte da sua gente?» perguntei.

« É o estandarte dos soldados do rei » respondeu.

« É o seu rei? »

«Sim.»

«Sabe o nome do rei?»

«Ainda não o ouvi. Não está lá.

«É capaz de olhar e ver o que é que tem vestido? Olhe para si e veja o que é que tem vestido.»

«Qualquer coisa em couro... uma túnica em couro... sobre uma camisa muito áspera. Uma túnica em couro... é curta. Um tipo de sapatos em pele de animal... não são sapatos, é mais um género de botas ou mocassins. Ninguém fala comigo.»

«Compreendo. Qual é a cor do seu cabelo?»

«É claro, mas sou velho e já tenho cabelos grisalhos.»

«O que é que sente a respeito desta guerra?

«Tem-se tornado no meu modo de vida. Perdi um filho numa escaramuça anterior.»

«Um filho?»

«Sim.» Estava triste.

«Quem é que lhe restou? Quem é que restou na sua família?»

«A minha mulher... e a minha filha.»

«Qual era o nome do seu filho?»

«Não vejo o seu nome. Lembro-me dele. Vejo a minha mulher.» Catherine fora tanto do sexo masculino como do sexo feminino por diversas vezes. Sem filhos na sua vida atual, tivera diversos filhos noutras vidas.

«Qual é o aspecto da sua mulher?»

«Parece muito cansada, muito cansada. já é velha. Temos algumas cabras.»

«A sua filha ainda vive consigo?»

«Não, casou-se e saiu de casa já há algum tempo.»

«Então vive sozinho com a sua mulher?»

«Sim.»

«Como é a sua vida?»

«Estamos cansados. Somos muito pobres. Não tem sido nada fácil.»

«Compreendo. Perdeu o seu filho. Sente a falta dele?»

«Sim» respondeu com simplicidade, mas a dor era palpável.

«Tem sido agricultor?» perguntei, mudando de assunto.

«Sim. Há trigo... trigo, qualquer coisa que parece ser trigo.» «Tem havido muitas guerras na sua terra, ao longo da sua vida, com muitas tragédias?»

«Sim.»

«Mas viveu até a uma idade avançada.»

«Eles combatem longe da aldeia, e não na aldeia», explicou. «Têm que viajar até ao local das batalhas... atravessando muitas montanhas.»

«Sabe o nome da terra onde vive? Ou da cidade?»

«Não o vejo, mas deve ter um nome. Não o vejo.»

«É um tempo de grande religiosidade para si? Vê cruzeiros nos soldados.»

«Nos outros sim. Não em mim.»

«Ainda há alguém da sua família que esteja vivo, para além da sua esposa e da sua filha?»

«Não.»

«Os seus pais morreram?» «Sim.»

«Irmãos e irmãs?»

«Tenho uma irmã. Ainda vive. Não a conheço», acrescentou, referindo-se à sua vida como Catherine.

«Está bem, veja se reconhece mais alguém na aldeia ou na sua família.» Se as pessoas reencarnavam em grupos era provável que encontrasse alguém que também fosse significativo na sua vida atual.

«Vejo uma mesa de pedra... vejo tigelas.»

« É a sua casa?»

«Sim. Qualquer coisa feita de... qualquer coisa amarela, qualquer coisa feita com milho... ou qualquer coisa... amarela. Comemos este...»

«Está bem» acrescentei, tentando acelerar o ritmo.

«Tem sido uma vida dura para si, uma vida muito dura. Em que é que está a pensar?»

«Cavalos» respondeu num murmúrio.

«Você tem cavalos? Ou há alguém que os tenha?»

«Não, soldados... alguns deles. A maioria deles anda a pé. Mas não são cavalos; são burros ou qualquer espécie mais pequena do que um cavalo. Na sua maioria são selvagens.»

«Avance agora no tempo» pedi-lhe. «já é muito velha. Tente ir até ao último dia da sua vida como um velho.»

«Mas não sou muito velho» retorquiu. Não era lá muito sugestionável nestas vidas passadas. O que estava a acontecer, estava a acontecer. Não conseguia ter influência num afastamento das memórias reais. Não conseguia que ela modificasse os detalhes do que acontecera e fora recordado.

«Há mais alguma coisa para acontecer nessa vida?» perguntei, modificando a minha abordagem. «É importante para nós sabermos isso.»

«Nada de significativo», respondeu ela sem qualquer emoção

«Então avance, avance no tempo. Procuremos aquilo que precisava de aprender. já o sabe?»

«Não, ainda lá estou.»

«Sim, eu sei. Está a ver alguma coisa?» Passou-se um minuto ou dois até que ela voltou a responder.

«Estou apenas a flutuar» respondeu num murmúrio suave.

«Agora já o deixou?»

«Sim, estou a flutuar.» Entrara mais uma vez no estado espiritual.

«Sabe agora o que é que precisava de aprender? Foi mais uma vida dura para si.»

«Não sei. Estou apenas a flutuar.»

«Está bem. Descanse... descanse. Passaram-se mais alguns minutos em silêncio. Até que pareceu estar a escutar qualquer coisa. Foi então que começou a falar abruptamente. A voz era alta e profunda. Não era Catherine.

-Há sete planos ao todo, sete planos, cada um deles composto por muitos níveis, sendo um deles o plano de reminiscência. Nesse plano existe a possibilidade de se coligirem todos os pensamentos. É possível ver a vida que acabou de passar. Os que se encontram nos níveis mais elevados têm a possibilidade de ver a história. Podem regressar e ensinar-nos a história. Mas os que se encontram nos níveis mais baixos só têm possibilidade de ver a própria vida... que acabou de passar.

«Temos dívidas que devem ser pagas. Se não tivermos pago, essas dívidas serão transferidas para outra vida... de modo a que tudo possa ser regularizado. O progresso é realizado à medida que as dívidas são pagas. Algumas almas conseguem progredir mais depressa do que outras. Quando nos encontramos numa forma física e procuramos resolver o que é necessário... estamos a trabalhar ao longo de uma vida... Se alguma coisa interrompe essa capacidade... de pagar a dívida em questão, será preciso regressar ao plano das reminiscências, e aguardar aí até que a alma para quem temos essa dívida venha ao nosso encontro. E quando puderem ser enviadas ambas para uma forma física ao mesmo tempo, então existe uma possibilidade de regresso. Mas somos nós que determinamos quando é que vamos regressar. Somos nós que determinamos o que é que deve ser feito para pagar a dívida. Não recordaremos as outras vidas... apenas aquela de onde acabamos de sair. Só aquelas almas que se encontram num nível mais elevado - os sábios - têm a possibilidade de recordar a história e os acontecimentos passados... para nos ajudarem, para nos ensinarem o que é que devemos fazer.

«Há sete planos... sete planos através dos quais devemos passar antes de regressarmos. Um deles é o plano de transição. Nesse plano temos que esperar. Nesse plano é determinado o que é que devemos levar conosco para a vida seguinte. Todos nós teremos... um traço dominante. Poderá ser a ganância, ou a luxúria, mas seja o que for que se determine, é preciso pagar as nossas dívidas a essas pessoas. Isso deve então ser realizado nessa vida. Deve-se vencer a ganância. Se isso não for feito, ao regressar essa característica será acarretada, juntamente com qualquer outra, para a vida seguinte. O fardo passará a ser muito maior. Cada vida que se atravessa sem pagar essas dívidas fará com que a seguinte seja ainda mais dura. Se as dívidas forem pagas, a vida tornar-se-á mais fácil. Escolhemos assim a vida que teremos. Na fase seguinte somos responsáveis pela vida que temos. Somos nós que a escolhemos.» Catherine ficou silenciosa.

Aparentemente isto não vinha de um Mestre. Tinha-se identificado com a frase «nós, dos níveis mais baixos» estabelecendo uma comparação com aquelas almas de um

nível superior - «os sábios». Mas o conhecimento transmitido era ao mesmo tempo claro e prático. Perguntei a mim próprio quais seriam os outros cinco planos e as suas qualidades. Seria o estágio de renovação um desses planos? E o que é que se poderia dizer do estágio de aprendizagem e do estágio das decisões? Toda a sabedoria revelada através destas mensagens por almas em diferentes dimensões do estado espiritual era consistente. O estilo de transmissão diferia, a fraseologia e gramática eram diferentes, a sofisticação da sintaxe e do vocabulário eram diferentes; mas o conteúdo permanecia coerente. Estava a adquirir um corpo sistemático de conhecimento espiritual. Este conhecimento falava de amor e de esperança, de fé e de caridade. Examinava virtudes e vícios, dívidas para com os outros e para conosco. Incluía vidas passadas e planos espirituais entre diferentes vidas. E falava do progresso da alma através da harmonia e do equilíbrio, amor e sabedoria, progresso no sentido de uma ligação mística e de êxtase com Deus.

Ao longo de tudo isto encontravam-se muitos conselhos práticos: o valor da paciência e de saber esperar; a sabedoria existente no equilíbrio da natureza; a erradicação de medos, em especial o medo da morte; a necessidade de aprendizagem sobre a confiança e o perdão; a importância de aprender a não julgar os outros, ou de cercear a vida de alguém; a acumulação e o uso dos poderes intuitivos; e talvez, acima de tudo isso, o inabalável conhecimento de que somos imortais. Situamo-nos para além da vida e da morte, para além do espaço e para além do tempo. Nós somos os deuses, e eles são todos nós.

«Estou a flutuar», murmurava Catherine suavemente.

«Em que estado é que se encontra?» perguntei.

«Nenhum... Estou a flutuar... o Edward deve-me qualquer coisa... deve-me qualquer coisa.»

«Sabe o que é que ele lhe deve?»

«Não... qualquer tipo de conhecimento... que ele me deve. Tinha qualquer coisa para me dizer, talvez a respeito do filho da minha irmã. »

«O filho da sua irmã?» repeti em eco.

«Sim... é uma menina. Chama-se Stephanie.»

«Stephanie? O que é que quer saber sobre ela?»

«Preciso de saber como e que posso entrar em contacto com ela» respondeu.

Catherine nunca fizera a menor referência a esta sobrinha.

«E muito chegada a si?» perguntei.

«Não, mas há-de querer encontrá-los.»

«Encontrar quem?» perguntei. Sentia-me confuso.

«A minha irmã e o marido. E a única possibilidade que ela tem é através de mim. Eu sou o elo de ligação. Tem informações. O pai é médico; tem consultório algures em Vermont, na zona sul de Vermont. A informação chegará até mim quando for necessária.» Soube mais tarde que a irmã de Catherine e o futuro marido dela haviam entregue a sua filha recém-nascida para adoção. Nessa altura eram adolescentes e ainda não se tinham casado. A adoção havia sido conseguida pela Igreja. Não havia qualquer informação disponível depois dessa altura.

«Sim» concordei.

«Quando for a altura certa.»

«Sim. Nessa altura ele vai dizer-me. Vai dizer-me.»

«Qual é a outra informação que ele tem para si?»

«Não sei, mas tem coisas para me dizer. E deve-me qualquer coisa... qualquer coisa. Não sei o que é. Deve-me qualquer coisa.» Ficou em silêncio.

«Sente-se cansada?»

«Vejo um freio» foi a resposta sussurrada. Apetrechos na parede. Um freio... vejo uma manta na parte de fora da cocheira.»

«É um celeiro?»

«Têm lá cavalos. Têm muitos cavalos.»

«O que é que vê mais?»

«Vejo muitas árvores - com flores amarelas. O meu pai está lá. Toma conta dos cavalos.» Descobri que estava a falar com uma criança.

«Qual é o aspecto dele?»

«É muito alto, com cabelo grisalho.»

«Também se vê a si própria?»

«Sou uma criança... uma rapariga.»

«O seu pai é dono dos cavalos ou só toma conta deles?»

«Só toma conta deles. Vivemos perto.»

«Gosta de cavalos?» «Sim.»

«Tem algum favorito?»

«Sim. O meu cavalo. Chama-se Apple.» Recordei a vida dela como Mandy, em que também aparecia um cavalo que se chamava Apple. Estaria a repetir uma vida que já tínhamos percorrido? Talvez estivesse a fazer uma abordagem segundo uma nova perspectiva.

« Apple... sim. O seu pai deixa-a montar o Apple.»

«Não, mas posso dar-lhe coisas para comer. Normalmente é atrelado à carroça do patrão, para puxar a sua carruagem. É muito grande. Tem umas patas grandes. Se não se tem cuidado ele pode pisar-nos.»

«Quem mais é que está consigo?

«A minha mãe também ali está. Vejo uma irmã... é maior do que eu. Não vejo mais ninguém.»

«O que é que está a ver agora?»

«Só vejo os cavalos.

«É uma altura feliz para si?»

«Sim. Gosto do cheiro do celeiro.» Estava a ser muito específica, referindo-se àquele momento no tempo, no celeiro.

«Sente o cheiro dos cavalos?»

«Sim.»

E o feno?»

«Sim... os seus focinhos são tão macios. Também há ali cães... pretos, alguns cães pretos e alguns gatos... imensos animais. Os cães são utilizados para caçar. Quando eles vão à caça de pássaros também deixam ir os cães.»

«Está a acontecer-lhe alguma coisa?»

« Não. » A minha pergunta era muito vaga.

«Cresceu nessa quinta?»

«Sim. O homem que toma conta dos cavalos.» Fez uma pausa. «Na realidade ele não é meu pai.» Sentia-me confuso.

«Não é o seu verdadeiro pai?»

«Não sei, ele... ele não é o meu verdadeiro pai, não. Mas é como um pai para mim. E um segundo pai. E muito bom para mim. Tem olhos verdes.»

«Olhe para os seus olhos - olhos verdes - e veja se consegue reconhecê-lo. Ele é bom para si. Ele ama-a.

«É o meu avô... o meu avô. Gostava muito de nós. O meu avô gostava muito de nós. Dava muitos passeios conosco. Costumávamos ir com ele até ao local onde ele bebia. E nós tínhamos sodas. Ele gostava de nós.» A minha pergunta fizera com que ela saltasse daquela vida para o seu estado de observação superconsciente. Naquele momento estava a visionar a vida de Catherine e o seu relacionamento com o avô.

«Ainda sente a falta dele?» perguntei.

«Sim» respondeu ela suavemente.

«Mas está a ver que ele já esteve antes consigo» explicava eu, tentando minimizar a sua dor.

«Ele era muito bom para nós. Gostava de nós. Nunca gritava conosco. Costumava dar-nos dinheiro e levava-nos muitas vezes a passear. Gostava muito disso. Mas morreu.»

«Sim, mas há-de voltar a estar com ele. Você sabe disso.»

«Sim. Já estive antes com ele. Ele não era como o meu pai. Eram tão diferentes.»

«Porque é que um gosta tanto de si e o trata tão bem, e o outro é tão diferente?»

«Porque um deles aprendeu. Pagou uma dívida que devia. O meu pai não pagou a sua dívida. Regressou... sem ter compreendido. Terá que o fazer novamente.»

«Sim» concordei. «Tem que aprender a amar, a educar.»

«Sim» respondeu.

«Se não compreendem isto» acrescentei, «tratam as crianças como objetos, em vez de pessoas que devem ser amadas.»

«Sim» respondeu ela concordando comigo.

«O seu pai ainda tem que aprender isto.»

«Sim.»

«O seu avô já o sabe...»

«Eu sei» interrompeu ela. «Temos tantos estádios pelos quais temos que passar quando nos encontramos no estado físico... exatamente como se passa nos outros estádios da evolução. Temos que passar pelo estádio de bebês, o estádio de crianças... Temos tanto que andar antes de atingirmos... antes de atingirmos a nossa meta. Os estádios sob a forma física são duros. Os estádios no plano astral são fáceis. Nesses apenas descansamos e esperamos. Neste momento os estádios são difíceis.»

«Quantos planos há no estado astral?»

«Há sete» respondeu.

«Quais são?» perguntei, com o intuito de confirmar os que faltavam para além dos dois mencionados no início da sessão.

«Só me falaram de dois», explicou-me. « O estádio de transição e o estádio das reminiscências.»

«São esses dois que eu também conheço.»

«Havemos de conhecer os outros mais tarde.»

«Você aprendeu ao mesmo tempo que eu» observei.

«Hoje aprendemos a respeito das dívidas. E muito importante.»

«Lembrar-me-ei daquilo que for necessário» acrescentou de forma enigmática.

«Recordará esses planos?» inquiri.

«Não. Não são importantes para mim. São importantes para si.» Já ouvira isto antes. Isto era para mim. Para a ajudar, mas mais do que isso. Para me ajudar, mas também mais do que isso. E no entanto não me sentia capaz de sondar qual poderia ser a finalidade principal.

«Você parece cada vez melhor» continuei. «Tem aprendido tantas coisas!»

«Sim» concordou.

«Por que é que agora as pessoas se dirigem tanto a si? Por que é que são tão atraídas por si?»

«Porque eu me consegui libertar de imensos medos e agora sou capaz de as ajudar. Sentem uma certa inclinação psíquica em relação a mim.»

«Sente-se capaz de lidar com essa situação?»

«Sim.» Não houve qualquer questão a esse respeito. «Não tenho medo» acrescentou.

«Ótimo, eu hei-de ajudá-la.»

« Eu sei» retorquiu.

«Você é o meu professor.»

Catherine libertara-se dos seus sintomas de ansiedade. O seu estado de saúde estava muito acima do normal. As suas vidas tinham começado a repetir-se. Sabia que estávamos a aproximar-nos de um ponto final, mas aquilo com que nem sequer sonhava, nesse dia de Outono em que ela mais uma vez se encontrava num transe

hipnótico, era que iriam decorrer cinco meses entre esta sessão de hipnose e a seguinte, que iria ser a sua última sessão.

«Vejo esculturas» começou. «Algumas delas são feitas em ouro. Vejo barro. Gente que está a fazer potes. São vermelhos... estão a usar um tipo qualquer de matéria-prima vermelha. Vejo um edifício castanho, um certo tipo de estrutura castanha. É onde nós estamos.»

«Você está no edifício castanho ou próximo dele?»

«Estou no edifício. Estamos a trabalhar em diversas coisas.»

«Consegue ver-se enquanto está a trabalhar?» perguntei. «E capaz de descrever-se, contar aquilo que tem vestido? Olhe para baixo. Qual é o seu aspecto?»

«Uso uma coisa qualquer vermelha... uma espécie de túnica longa em tecido vermelho. Tenho uns sapatos esquisitos que parecem sandálias. O meu cabelo é castanho. Estou a esculpir uma estátua. E a estátua de um homem... um homem. Tem uma espécie de bastão... uma vara na mão. As outras pessoas estão a fabricar objetos... utilizando alguns metais.»

«Isso é feito numa fábrica?»

«É apenas um edifício. O edifício é feito em pedra.»

«A estátua na qual está a trabalhar, o homem com o bastão, conhece-o?»

«Não, é apenas um homem. Toma conta do gado... das vacas. Há montes delas à volta [estátuas]. Só sabemos qual é o aspecto delas. É um material muito esquisito. Torna-se difícil trabalhar com este material. Desfaz-se com muita facilidade.»

«Sabe como é que se chama o material?».

«Não estou a ver isso. Só vermelho, qualquer coisa vermelha.»

«O que é que vai acontecer à estátua depois de você a ter acabado?»

«Será vendida. Algumas serão vendidas no mercado. Outras serão oferecidas a diversos nobres. Só aquelas que tiverem melhor qualidade serão enviadas para as casas dos nobres. O resto será vendido.»

«Alguma vez lidou com os nobres?»

«Não.»

«É esse o seu trabalho?»

«Sim.»

«Gosta dele?»

«Sim.»

«Há muito tempo que faz isso?»

«Não.»

«É boa naquilo que faz?»

«Nem por isso.»

«Precisa de mais experiência?»

«Sim, estou só a aprender.»

«Compreendo. Ainda vive com a sua família?»

«Não sei, mas vejo construções castanhas.»

«Construções castanhas?» repeti.

«Têm pequenas aberturas. Têm uma entrada e algumas das estátuas encontram-se no interior. São em madeira, um tipo qualquer de madeira. Temos que fazer as estátuas para elas.»

«Qual é a função das estátuas?»

«São religiosas» respondeu.

«O que é que adoram - a estátua?»

«Há muitos deuses, muitos protetores... muitos deuses. As pessoas têm muito medo. Há muitas coisas que são feitas aqui. Também fazemos jogos... tabuleiros para jogos onde são feitas cavidades. Há cabeças de animais que encaixam nas cavidades.»

«Vê aí mais alguma coisa?»

«Está muito calor, muito calor e muita poeira... está tudo cheio de areia.»

« Há água por perto?»

«Sim, vem das montanhas.» Esta vida também começava a tomar características familiares.

As pessoas têm medo?» tentei explorar.

«São pessoas supersticiosas?»

«Sim» respondeu.

«Há muito medo. Toda a gente tem medo. Eu também tenho medo. Temos que nos proteger. Há doença à nossa volta. Temos que nos proteger.»

«Que espécie de doença?»

«Há qualquer coisa que está a matar toda a gente. Há imensas pessoas que estão a morrer.»

E da água?» inquiri.

«Sim. E muito seco... muito quente, porque os deuses estão irados, e estão a castigar-nos.» Estava a visitar a vida em que se encontrara a cura pelo tanis. Reconheci a religião do medo, a religião de Osíris e de Hathor.

«Porque é que os deuses estão irados?» perguntei, embora soubesse a resposta de antemão.

«Por termos desobedecido às leis. Estão irados.»

«A que leis é que desobedeceram?»

«Aqueles que foram estabelecidas pelos nobres.»

«Como é que se podem apaziguar os deuses?»

«Devemos usar certas coisas. Algumas pessoas usam coisas penduradas ao pescoço. Ajudam contra os espíritos do mal.»

«Há algum deus de quem as pessoas tenham mais medo?» «Têm medo deles todos.»

«Sabe os nomes de alguns deuses?»

«Não sei os nomes. Só os vejo. Há um que tem corpo humano e uma cabeça de animal. Há outro que se parece com um sol. Há ainda outro que se parece com um pássaro; é todo negro. Trazem uma corda em volta do pescoço.»

«Consegue agüentar tudo isso?»

«Sim, eu não morro.»

«Mas há membros da sua família a quem não acontece o mesmo» recordei.

«Sim... o meu pai. A minha mãe está bem.»

«O seu irmão?»

«O meu irmão... ele morreu» recordou.

«Como é que você consegue sobreviver? Há alguma coisa especial a seu respeito? Qualquer coisa que tenha feito?»

«Não» respondeu-me, para logo em seguida mudar de assunto. «Vejo qualquer coisa que tem óleo.»

«O que é que vê?»

«Qualquer coisa branca. Parece-se quase com mármore. É... alabastro... uma espécie de bacia... há óleo dentro. É usado para ungir as cabeças...

«... dos sacerdotes?» acrescentei. «Sim.»

«Qual é agora a sua função? Ajuda no serviço com o óleo?»

«Não. Eu faço as estátuas.»

«Isso é tudo no mesmo edifício castanho?»

«Não... é mais tarde... um templo.» Por qualquer razão que eu desconhecia parecia angustiada.

«Há algum problema consigo?»

«Houve alguém que teve uma atitude no templo que irou os deuses. Não sei...»

«Foi você?»

«Não, não... estou a ver os sacerdotes. Estão a preparar um sacrifício qualquer, com um animal... é um cordeiro. As suas cabeças estão rapadas. Não têm um único cabelo, nem nos rostos...» Ficou em silêncio e os minutos foram-se passando lentamente. De repente ficou alerta, como se estivesse a ouvir qualquer coisa. Quando falou a sua voz era profunda. Encontrava-se presente um Mestre.

«É neste plano que algumas almas têm permissão de se manifestarem às pessoas que ainda se encontram na forma física. É-lhes permitido regressar... apenas se deixaram algum acordo por cumprir. Neste plano é permitida a intercomunicação. Mas os outros planos... é onde se pode usar as capacidades psíquicas e comunicar com pessoas que se encontram na forma física. Há muitas maneiras de fazer isto. A algumas é concedido o poder da visão e podem mostrar-se às pessoas que ainda se encontram na forma física. Outras têm o poder do movimento e conseguem mover objetos telepaticamente. Só se vai para esse plano desde que haja alguma utilidade em estar aí. Se foi deixado algum acordo que não tenha sido realizado, poderá optar-se por ir para esse plano e comunicar de uma forma qualquer. Mas tudo isso se realiza... para que o acordo possa ser realizado. Se a vida foi abruptamente cerceada, isso poderá ser razão suficiente para que se possa ir para este plano. Há muitas pessoas que escolhem vir para aqui porque têm a possibilidade de ver aqueles que ainda se encontram na forma física e que eram seus íntimos. Mas nem todos optam por comunicar com estes. Para certas pessoas poderá ser demasiado aterrador.» Catherine ficou em silêncio e parecia estar a descansar. Começou a murmurar suavemente.

«Vejo a luz.»

«A luz dá-lhe energia?» perguntei.

«É como começar tudo de novo... é um renascimento.»

«Como é que as pessoas na forma física podem sentir essa energia? Como é que se podem ligar a ela para ficarem recarregados?»

«Através das mentes» respondeu suavemente.

«Mas como é que atingem esse estado?»

«Devem encontrar-se num estado absolutamente descontraído. É possível renovar por meio da luz... por meio da luz. É preciso estar absolutamente descontraído para que se deixe de consumir energia, enquanto a nossa energia é renovada. Quando se dorme fica-se renovado.» Encontrava-se no seu estado superconsciente, e eu decidi alargar o interrogatório.

«Quantas vezes é que renasceu?» perguntei.

«Foram todas neste ambiente, a Terra, ou também se verificaram noutros locais?»

«Não» respondeu «nem todas foram aqui.»

«Para que outros planos, para que outros locais é que também vai?»

«Ainda não terminei o que tenho que fazer aqui. Não posso seguir sem ter experimentado tudo da vida, e ainda não o fiz. Haverá muitas vidas... para realizar todos os acordos e pagar tudo aquilo que é devido.»

«Mas você está a fazer progressos» observei.

«Fazemos sempre progressos.»

«Por quantas vidas passou na terra?»

«Oitenta e seis.»

«Oitenta e seis?»

«Sim.»

«Lembra-se delas todas?»

«Hei-de lembrar, quando for importante para mim.» Tínhamos experimentado fragmentos ou partes principais de dez ou doze vidas e, ultimamente, tinham começado a repetir-se. Aparentemente não tinha necessidade de relembrar as restantes cerca de setenta e seis vidas. Não havia qualquer dúvida de que tinha de fato feito progressos notáveis, pelo menos segundo os meus padrões. Os progressos que ela fizesse a partir daqui, a partir deste ponto, poderiam não depender da recordação das suas vidas. O seu progresso futuro poderá nem sequer

depender de mim ou da minha ajuda. Mais uma vez começou a murmurar suavemente.

«Algumas pessoas experimentam o plano astral usando drogas, mas não conseguem compreender aquilo que experimentaram. Mas foi-lhes permitido que passassem para o outro lado.» Não lhe fizera qualquer pergunta sobre drogas. Estava a ensinar, partilhando conhecimento, quer eu perguntasse ou não especificamente.

«Não pode usar os seus poderes psíquicos para ajudar o seu progresso aqui?» perguntei. «Parece que você os está a desenvolver cada vez mais.»

«Sim», concordou. «É importante, mas não é tão importante aqui como virá a ser noutros planos. Faz parte da evolução e do crescimento.»

«Importante para mim e para si?» «Importante para todos nós», replicou.

«Como é que desenvolvemos essas faculdades?»

«São desenvolvidas através de relacionamentos. Há quem tenha poderes mais elevados, que regressou com mais conhecimento. Procurarão aqueles que necessitam de desenvolvimento para os ajudar.» Caiu num longo silêncio. Abandonando o seu estado superconsciente, entrou numa outra vida.

«Vejo o oceano. Vejo uma casa perto do oceano. É branca. Os navios entram e saem do porto. Sinto o cheiro do mar.»

«^Você está lá?»

«Sim.»

«Como é a casa?»

«É pequena. Tem uma espécie de torre no cimo... uma janela de onde se pode olhar para o mar. Tem uma espécie de telescópio. É em latão, madeira e latão.»

«Você serve-se do telescópio?»

«Sim, para observar os navios.»

«O que é que você faz?»

«Informamos sobre a chegada dos navios mercantes quando entram no porto.» Recordei-me de que já fizera isto numa outra vida passada, quando era Christian, o marinheiro que ferira uma mão durante uma batalha naval.

«Você é marinheiro?» perguntei, esperando uma confirmação.

«Não sei... talvez.»

«É capaz de ver aquilo que veste?»

«Sim. Uma espécie de camisa branca, calções castanhos e sapatos com grandes fivelas... mais tarde durante a minha vida fui marinheiro, mas agora não.» Conseguia ver no futuro, mas o fato de o ter feito fez com que saltasse para esse futuro.

«Estou ferido» disse com um estremecimento, debatendo-se em agonia. «Tenho a mão ferida.» Era de fato Christian e estava mais uma vez a reviver a batalha naval.

«Foi alguma explosão?»

«Sim... cheira-me a pólvora!

«Vai ficar boa» disse-lhe, tentando tranquilizá-la, embora soubesse de antemão o que é ia acontecer.

«Há muitas pessoas que estão a morrer! » Ainda se encontrava agitada. «As velas encontram-se esfarrapadas... parte do lado de bombordo foi completamente destruído.» Estava a verificar o navio à procura de danos. «Devemos reparar as velas. Têm que ser reparadas.»

«Consegue repará-las?» perguntei.

«Sim, embora seja muito difícil coser o tecido das velas.»

«É capaz de trabalhar com a mão?»

«Não, mas estou a ver os outros... velas. São feitas de lona, um tipo de lona muito duro para ser cosido... Muitas pessoas morreram. Têm muitas dores.» Estremeceu.

«O que é?»

«Esta dor... na minha mão.»

«A sua mão cura-se. Avance no tempo. Volta a embarcar?»

«Sim. » Fez uma pausa. «Estamos na Gales do Sul. Temos que defender a linha de costa.»

«Quem é que vos está a atacar?»

«Julgo que são Espanhóis... têm uma grande armada.»

«O que é que acontece a seguir?»

«Só vejo o navio. Vejo o porto. Há lojas. Em algumas das lojas fabricam velas. Há lojas onde se compram livros.»

«Sim, você vai alguma vez às lojas dos livros?»

«Sim. Gosto muito deles. Os livros são maravilhosos... vejo muitos livros. O livro vermelho é sobre história. Fala sobre cidades... a Terra. Tem mapas. Gosto deste livro... Há uma loja onde se encontram chapéus.»

«Há algum sítio onde se possa beber?» Lembrei-me da descrição de Christian sobre a cerveja.

«Sim, há muitos» respondeu. «Servem cerveja... cerveja muito escura... com um tipo de carne... carneiro e pão, um pão muito grande. A cerveja é muito amarga, muito amarga. Também há vinho, e têm mesas compridas em madeira...»
Decidi chamá-la pelo nome, para ver qual seria a sua reação. «Christian» chamei enfaticamente.

«Respondeu em voz alta, sem qualquer hesitação. «Sim! O que é que quer?»

«Onde é que está a tua família, Christian?»

«Estão na cidade próxima. Embarcamos deste porto.»

«Quem é que faz parte da tua família?»

«Tenho uma irmã... uma irmã, Mary.»

«Onde é que está a tua namorada?»

«Não tenho namorada. Só as mulheres na cidade.»

«Ninguém em especial?»

«Não, só as mulheres... voltei a embarcar. Tenho combatido em muitas batalhas, mas estou a salvo.»

«Chegou a velho...»

«Sim.»

«Alguma vez se casou?»

«Acho que sim. Vejo um anel.»

«Tem filhos?»

«Sim. O meu filho também há-de embarcar... Há um anel, um anel com uma mão. E uma mão que segura qualquer coisa. Não sou capaz de ver o que é. O anel é uma mão; é uma mão que agarra qualquer coisa.» Catherine começou a engasgar-se.

«O que é que se passa?»

«As pessoas no navio estão doentes... é da comida. Comemos qualquer coisa que estava em mau estado. E porco salgado.» Continuava a dar sinais de se sentir sufocada. Fiz com que avançasse no tempo e os sintomas cessaram. Decidi que não podia fazer com que ela passasse mais uma vez pelo ataque de coração que Christian sofrera. Estava absolutamente exausta, o que fez com que a tirasse do transe.

Passaram-se três semanas antes de nos termos encontrado de novo. A minha breve doença e as suas férias provocaram este atraso. Catherine continuou a melhorar durante este período, mas quando começamos a sessão, parecia ansiosa. Declarou-me estar a melhorar de tal maneira e a sentir-se tão bem que chegara à conclusão de que a hipnose não a iria ajudar mais do que já o tinha feito. Era evidente que tinha razão. Em circunstâncias normais teríamos começado a terminar a terapia há semanas. Havíamos continuado em parte por causa do meu interesse nas mensagens dos Mestres e porque alguns problemas secundários ainda persistiam na vida do dia a dia de Catherine. Catherine encontrava-se praticamente curada, e as vidas começavam a repetir-se. Mas o que é que aconteceria se os Mestres tivessem mais coisas a dizer-me? Como é que poderíamos comunicar sem Catherine? Sabia que ela continuaria com as sessões se eu insistisse. Mas pela minha parte sabia que não estaria certo se insistisse. Com uma certa tristeza concordei com ela. Conversamos sobre o que se passara nas últimas três semanas, mas o meu coração estava muito longe.

Passaram-se cinco meses. Catherine mantinha as suas melhoras clínicas. Os seus medos e ansiedades eram insignificantes. A qualidade da sua vida e dos seus relacionamentos melhorara de um modo notável. Presentemente saía com outros homens, embora Stuart continuasse a manter-se em cena. Pela primeira vez desde criança de tenra idade sentia uma certa alegria e verdadeira felicidade. Cruzávamos por vezes no hall de entrada ou na cantina, mas deixáramos de ter qualquer contacto formal médico/paciente.

O Inverno chegou ao fim e começou a Primavera. Catherine marcou uma consulta. Andava a ter um sonho que se repetia inúmeras vezes, sobre uma espécie de sacrifício religioso que envolvia serpentes num poço. As pessoas, incluindo ela própria, eram lançadas ao poço. Ela estava dentro do poço, tentando trepar as paredes, cravando as mãos nas paredes arenosas. As cobras estavam mesmo atrás dela. Nesta altura do sonho costumava acordar com o coração a bater desordenadamente.

Apesar do longo hiato, caiu rapidamente num profundo estado hipnótico. De um modo que não me surpreendeu, regressou instantaneamente a uma antiga vida.

«No sítio onde me encontro está muito calor» começou. «Vejo dois homens negros de pé junto de paredes de pedra que são frias e úmidas. Têm a cabeça coberta. Há uma corda que se encontra amarrada no seu tornozelo direito. A corda é entrançada com contas e fitas que sobressaem. Estão a construir um armazém com pedras e barro, onde guardam trigo, um tipo de grão esmagado. O grão é trazido numa carroça com rodas de ferro. A carroça tem tapetes entrançados, pelo menos em parte dela. Vejo água, muito azul. Alguém que dirige está a dar ordens aos outros. Para chegar ao celeiro descem-se três degraus. No exterior vê-se a estátua de um deus. Tem a cabeça de um animal, um pássaro, e um corpo de homem. É o deus das estações. As paredes estão calafetadas com uma espécie de breu, para evitar que entre o ar e para manter o grão fresco. Tenho comichões no rosto... vejo contas azuis no meu cabelo. Por toda a parte há percevejos e moscas, o que faz com que sinta comichão na cara e nas mãos. Coloco uma coisa pegajosa no rosto para os manter afastados... cheira horrivelmente, parecendo a seiva de uma árvore qualquer.

«Tenho o cabelo penteado em tranças que foram enfeitadas com contas e com cordão dourado. O meu cabelo é negro escuro. Faço parte da casa real. Estou ali por causa de uma festa. Vim assistir a uma unção de sacerdotes... uma festa em honra dos deuses por causa da próxima colheita. Só há sacrifícios de animais, não há sacrifícios humanos. O sangue dos animais sacrificados corre por um altar branco para uma bacia... corre para a boca de uma serpente. Os homens usam pequenos chapéus dourados. Toda a gente tem a pele muito escura. Temos escravos de outras terras, do outro lado do mar...»

Ficou em silêncio, e nós esperávamos, como se os meses nunca tivessem passado. Parecia tornar-se vigilante, como se estivesse a ouvir qualquer coisa.

É tudo tão rápido e complicado... aquilo que me estão a dizer... sobre transformação e crescimento e diferentes planos. Há um plano de consciencialização e um plano de transição. Vimos de uma vida e, se as lições são completadas, movemo-nos para outra dimensão, para outra vida. Devemos compreender integralmente. Se assim não for, não nos é permitido fazer a passagem... devemos repetir por não termos aprendido. Devemos experimentar sob todos os aspectos. Devemos conhecer o aspecto de ambicionar, mas igualmente o de dar... Há tanto para saber, tantos espíritos envolvidos. É por isso que estamos aqui. Os Mestres... são apenas um neste plano.”

Catherine fez uma pausa para em seguida falar com a voz do Mestre poeta. Estava a falar para mim.

«Aquilo que te dissemos foi para o momento presente. A partir de agora deves aprender a partir da tua própria intuição.» Depois de alguns minutos, Catherine falou no seu murmúrio suave. «Há uma vedação negra... dentro encontram-se pedras tumulares. A tua está lá.”

«A minha?» perguntei, surpreendido com esta visão.

«Sim.”

«Consegue ler a inscrição?”

«O nome é "Noble": 1668-1724. Tem uma flor gravada... É na França ou na Rússia. Você envergava um uniforme vermelho... atirado de um cavalo... Há um anel de ouro... com uma cabeça de leão... usado como brasão.»

Não havia mais. Interpretei a declaração do Mestre poeta como significando que não haveria mais revelações através da hipnose de Catherine, e a situação era de fato essa. A partir daí não teríamos mais sessões. A sua cura havia sido concluída e eu aprendera tudo aquilo que era possível através das regressões. O resto, aquilo que me aguardava no futuro, teria que o aprender através da minha própria intuição.

Dois meses depois da nossa última sessão, Catherine telefonou-me para marcar uma consulta. Disse-me ao telefone que tinha uma coisa muito interessante para mim.

Quando entrou no consultório, a presença da nova Catherine, feliz, sorridente e irradiando uma paz interior que lhe dava um brilho especial surpreendeu-me por instantes. Durante alguns momentos recordei a velha Catherine e como era grande a distância que percorrera num espaço de tempo tão curto.

Catherine tivera uma consulta com Iris Saltzman, uma astróloga psíquica de renome, que se especializara em leituras de vidas passadas. Estava um tanto surpreendido, mas compreendi a curiosidade de Catherine e a sua necessidade de procurar uma confirmação adicional para tudo aquilo que experimentara. Sentia-me contente por ver que ela tivera a confiança necessária para uma atitude destas.

Catherine tinha ouvido recentemente uma amiga falar de Iris. Telefonara e marcara uma consulta, sem contar a Iris absolutamente nada daquilo que se passara no meu consultório.

Iris pedira-lhe apenas a data, hora e local do seu nascimento. A partir daí, explicou-lhe Iris, iria construir uma roda astrológica que, em conjunção com os seus dons intuitivos, lhe permitiria descobrir pormenores sobre as vidas passadas de Catherine. Era a primeira experiência de Catherine com uma psíquica, e na realidade ela não fazia a menor idéia daquilo que poderia esperar. Para seu grande espanto, Iris confirmou a maior parte daquilo que Catherine havia descoberto sob hipnose.

Iris foi entrando gradualmente num estado alterado, enquanto falava e ia fazendo anotações no gráfico astrológico construído à pressa. Alguns minutos depois de ter entrado neste estado, Iris colocou a mão na garganta e declarou que Catherine fora estrangulada e que lhe haviam cortado a garganta em vidas anteriores. O corte da garganta fora durante uma guerra, e Iris conseguia ver chamas e destruição na aldeia, muitos séculos antes. Disse que Catherine fora um homem jovem na altura da sua morte.

Os seus olhos pareciam vidrados quando em seguida descreveu Catherine como um homem jovem envergando um uniforme de marinha, de calções negros e sapatos com umas estranhas fivelas. De repente Iris agarrou a mão esquerda e sentiu uma dor aguda, exclamando que se lhe cravara qualquer coisa aguçada na mão, deixando uma cicatriz permanente. Travavam-se grandes batalhas navais e a localização era na costa inglesa. Continuou descrevendo uma vida no mar.

Iris descreveu mais fragmentos de outras vidas. Houve uma vida muito breve em Paris, onde Catherine era mais uma vez um rapaz e morrera jovem, na pobreza. Numa outra vez era uma mulher índia americana na costa sudoeste da Florida. Durante esta vida era uma curandeira e caminhava de pés descalços. Tinha a pele escura e olhos estranhos. Aplicava ungüentos em feridas e dava remédios à base de ervas, além de ser fortemente psíquica. Gostava de usar jóias com pedras azuis, muito lápis-lazúli, alternando com pedras vermelhas.

Noutra vida, Catherine era espanhola e vivera como prostituta. O nome começava pela letra L. Vivera com um homem mais velho.

Noutra vida era filha ilegítima de um pai muito rico, que tinha muitos títulos. Iris viu o brasão da família em canecas na enorme casa. Disse que Catherine era muito elegante e que tinha longos dedos esguios. Tocava harpa. O seu casamento foi combinado. Catherine gostava imenso de animais, cavalos em especial, e tratava melhor os animais do que as pessoas que a rodeavam.

Numa vida muito breve era um jovem marroquino que morreu de doença muito novo. A certa altura viveu no Haiti, falando a língua e tendo-se envolvido em práticas de magia.

Numa vida muito recuada era egípcia e encontrava-se envolvida nos ritos fúnebres dessa cultura. Era mulher e usava o cabelo penteado numa trança.

Tivera diversas vidas em França e em Itália. Numa delas viveu em Florença e encontrava-se envolvida em assuntos de religião. Mais tarde mudou-se para a Suíça, onde se encontrava relacionada com assuntos de um mosteiro. Era mulher e tinha dois filhos. Gostava imenso de ouro e de esculturas em ouro, e usava uma cruz do mesmo metal. Em França estivera presa num local frio e escuro.

Iris viu Catherine numa outra vida como um homem de uniforme vermelho, relacionado com cavalos e soldados. O uniforme era em vermelho e dourado, provavelmente russo. Numa outra vida era um escravo núbio no antigo Egito. A certa altura foi capturado e lançado numa prisão. Ainda numa outra vida Catherine era um homem no Japão, envolvido com os livros e o ensino, tudo muito acadêmico. Trabalhou em escolas e viveu até uma idade muito avançada.

E, finalmente, houve uma vida mais recente em que viveu como um soldado alemão que foi morto em combate. Sentia-me fascinado com a precisão de todos estes pormenores de vidas passadas descritos por Iris. A correspondência com as próprias recordações de Catherine quando se encontrava sob regressão hipnótica era espantosa - a ferida na mão de Christian quando se encontrava no meio da batalha naval e a descrição da sua roupa e calçado; a vida de Louisa como prostituta espanhola; Aronda e as cerimônias fúnebres no Egito; Johan, o jovem corsário a quem uma anterior encarnação de Stuart havia cortado a garganta quando a aldeia de Stuart se encontrava em chamas; Eric, o infeliz piloto alemão; e por aí adiante. Também existiam correspondências com a atual vida de Catherine. Por exemplo, Catherine adorava jóias com pedras azuis, em especial lápis-lazúli. No entanto, não usava qualquer jóia durante a consulta com Iris. Sempre gostara de animais, em especial cavalos e gatos, sentindo-se mais segura com eles do que junto de outras pessoas. E, se ela pudesse escolher um lugar no mundo para visitar, seria sem dúvida Florença.

Nunca poderia considerar esta experiência como um teste científico válido. Não tinha qualquer meio de controlar as variáveis. Mas o que é certo é que aconteceu, e acho que é importante relatá-lo aqui.

Não tenho bem a certeza do que aconteceu nesse dia. Talvez Iris tenha usado telepatia de um modo inconsciente e tenha lido a mente de Catherine, uma vez que as vidas passadas já se encontravam no subconsciente de Catherine. Ou talvez Iris fosse de fato capaz de discernir informações sobre vidas passadas usando as suas capacidades psíquicas. Qualquer que fosse o caso, havia sido obtida a mesma informação nas duas situações por meios diferentes. Aquilo que Catherine conseguira por regressão hipnótica fora alcançado por Iris através de canais psíquicos.

Muito poucas pessoas teriam sido capazes de fazer aquilo que Iris conseguira. Muitas pessoas que se designam a si próprias por psíquicas, não fazem mais do que capitalizar com base no medo das pessoas e na sua curiosidade pelo desconhecido. Presentemente os mercenários e os impostores «psíquicos» surgem de todos os lados. A popularidade de livros tais como a obra de Shirley MacLaine *Out on a Limb* provocou uma torrente de novos «médiuns em transe». Há muitos que andam por aí, fazendo publicidade localmente, e entram em «transe» para afirmarem a uma audiência extasiada e ao mesmo tempo espantada lugares comuns do gênero «Se não estiverem em harmonia com a natureza, a natureza não estará em harmonia convosco.» Estas afirmações são normalmente pronunciadas num tom de voz totalmente diferente da própria voz do «médium», por vezes mesclado com um tipo qualquer de sotaque estrangeiro. As mensagens são vagas e aplicáveis a uma enorme quantidade de pessoas. É freqüente as mensagens referirem-se apenas a aspectos espirituais, que são difíceis de avaliar. Torna-se importante separar o falso do verdadeiro para que este campo de estudos não possa ser desacreditado. São necessários cientistas do comportamento honestos para realizarem este trabalho importante. São necessários psiquiatras para fazerem diagnósticos, para tratarem doenças mentais e tendências de simulação (impostura) e sociopáticas (ludíbrio). Estatísticos, psicólogos e médicos também são vitais para estas avaliações e para testes posteriores.

Os progressos importantes que serão feitos neste campo terão como base a utilização de uma metodologia científica. Em ciência, uma hipótese, que é uma suposição preliminar a respeito de uma série de observações, é criada à partida para explicar um fenómeno. A partir daqui a hipótese deverá ser testada em condições controladas. Os resultados desses testes devem ser provados e repetidos antes de ser possível formar uma teoria. Quando os cientistas têm aquilo que lhes parece ser uma teoria firme, esta deve ser testada repetidas vezes por outros investigadores, e os resultados deverão ser os mesmos.

Os estudos pormenorizados e cientificamente aceitáveis do Dr. Joseph B. Rhine, da Universidade de Duke, do Dr. Ian Stevenson da Universidade de Virgínia, Departamento de Psiquiatria, da Dra. Gertrude Schmeidler do College of the City of New York, e de muitos outros investigadores honestos e respeitáveis provam que isto pode ser feito.

Passaram-se quase quatro anos desde a altura em que Catherine e eu partilhámos esta experiência incrível. Modificou-nos profundamente.

De vez em quando passa pelo meu consultório para me cumprimentar ou para discutir comigo um problema que lhe surgiu. Nunca mais sentiu necessidade nem desejo de voltar às regressões, seja para enfrentar um determinado sintoma ou descobrir como novas pessoas presentes na sua vida se encontravam relacionadas com ela no passado. O nosso trabalho está feito. Agora Catherine é livre para gozar a vida em plenitude, sem o fardo dos distúrbios que a incapacitavam. Encontrou um sentido de felicidade e de contentamento que nunca julgou que pudesse existir. Deixou de recear a doença ou a morte. Agora que encontrou um equilíbrio e a harmonia com ela própria, a vida tem um significado e uma finalidade. Irradia uma paz interior que muitos desejam, mas poucos conseguem alcançar. Sente-se mais espiritual. Para Catherine, tudo aquilo que aconteceu é absolutamente real. Não tem a menor dúvida seja do que for e aceita tudo como parte integrante daquilo que ela é. Não tem o menor interesse em continuar o estudo de fenómenos psíquicos, sentindo que «sabe» de um modo que não pode ser aprendido em livros ou em

conferências. É freqüente ser procurada por pessoas que estão a morrer ou que têm um familiar nessas condições. Parecem ser atraídos por ela. Senta-se, fala com eles e sentem-se melhor.

A minha vida modificou-se quase tão dramaticamente como a de Catherine. Tornei-me mais intuitivo, mais consciente dos aspectos ocultos e secretos dos meus pacientes, colegas e amigos. Tenho a noção de saber imenso a seu respeito, mesmo antes disso dever acontecer. Os meus valores e metas na vida centraram-se num maior humanismo e menor acumulação. Psíquicos, médiuns, curandeiros e tantos outros surgem na minha vida com uma freqüência cada vez maior, e comecei a avaliar sistematicamente as suas capacidades. Carole também se foi desenvolvendo em simultâneo comigo. Especializou-se de um modo muito particular em aconselhamento sobre a morte e a transição, e presentemente dirige grupos de apoio a pacientes que se encontram em fase terminal de SIDA.

Comecei a meditar, uma coisa que até há muito pouco tempo estava convencido de que só os hindus e os californianos faziam. As lições transmitidas por intermédio de Catherine tornaram-se parte consciente da minha vida de todos os dias. Recordando o profundo significado da vida, e da morte como uma parte natural da vida, tornei-me mais paciente, mais empático, mais amistoso. Também me sinto mais responsável pelas minhas ações, tanto as negativas como as elevadas. Sei que haverá um preço a pagar. Tudo aquilo que acontece terá sempre o seu reflexo.

Ainda escrevo artigos científicos, dou conferências em encontros profissionais e dirijo o Departamento de Psiquiatria. Mas agora domino dois mundos; o mundo fenomenológico dos cinco sentidos, representado pelos nossos corpos e necessidades físicas; e um mundo maior dos planos não físicos, representado pelas nossas almas e espíritos. Sei que os mundos se encontram interligados, que tudo é energia. E, no entanto, por vezes parecem imensamente distanciados. O meu trabalho é o de estabelecer a ligação entre esses mundos, para poder documentar cuidadosa e cientificamente a sua unidade.

A minha família desabrochou. Carole e Amy vieram a demonstrar possuírem capacidades psíquicas acima da média, e encorajamos com prazer a continuação do desenvolvimento dessas capacidades. Jordan transformou-se num adolescente vigoroso e carismático, um líder natural. Pela minha parte e gradualmente, tenho-me tornado menos circunspeto. E por vezes tenho sonhos invulgares.

Durante os meses que se seguiram à última sessão com Catherine, começou a surgir uma tendência peculiar durante o meu sono. Tinha por vezes um sonho muito nítido, durante o qual tinha a sensação de estar a assistir a uma aula ou a fazer perguntas ao professor. Nesse sonho o professor chamava-se Philo. As vezes, quando acordava, ainda conseguia recordar os assuntos discutidos e tomava notas a esse respeito. Dou a seguir alguns exemplos. O primeiro era uma conferência, e reconheci a influência das mensagens dos Mestres.

«... A sabedoria é conseguida muito lentamente. A razão é que o conhecimento intelectual, facilmente adquirido, deve ser transformado em conhecimento "emocional" ou subconsciente. Uma vez transformado, torna-se permanente. A prática comportamental é o catalisador necessário para esta reação. Sem ação o conceito irá definir para em seguida desaparecer. O conhecimento teórico sem uma aplicação prática não é suficiente.

«Presentemente o equilíbrio e a harmonia são negligenciados, e no entanto representam as bases da sabedoria. Tudo é feito em excesso. As pessoas têm peso a mais porque comem excessivamente. Os corredores negligenciam aspectos de si mesmos e dos outros porque correm exageradamente. As pessoas parecem

extraordinariamente mesquinhas. Bebem demasiado, fumam demasiado, divertem-se demasiado (ou muito pouco), falam demasiado e sem nexos, preocupam-se demasiado. Existem demasiados pensamentos do tipo preto ou branco. Tudo ou nada. Não é isto que encontramos na natureza.

«Na natureza existe o equilíbrio. Os animais destroem em pequenas quantidades. Os sistemas ecológicos não são eliminados em massa. As plantas são consumidas para voltarem a crescer. As fontes de sustento são esgotadas para voltarem a ser reabastecidas. A flor é apreciada, o fruto comido, a raiz preservada.

«A Humanidade não aprendeu o equilíbrio e muito menos o praticou. E guiada pela ganância e pela ambição, orientada pelo medo. Deste modo caminhará eventualmente para a sua destruição. Mas a natureza há-de sobreviver; pelo menos as plantas.

«A felicidade tem de fato as suas raízes na simplicidade. A tendência para excessos em pensamentos e ações reduz a felicidade. Os excessos obscurecem os valores básicos. As pessoas religiosas dizem-nos que a felicidade vem do fato de termos o coração cheio de amor, de fé e de esperança, de praticar a caridade e sermos bondosos para com os outros. De fato têm razão. A partir destas atitudes é natural que sejam subseqüentes o equilíbrio e a harmonia. Representam coletivamente um estado do ser. Nos nossos dias são um estado alterado de consciência. É como se a humanidade não se encontrasse no seu estado natural durante a sua passagem na terra. Deverá alcançar um estado alterado para se poder inundar de amor, caridade e simplicidade, para sentir a pureza, para se libertar dos seus medos crônicos.

«Como é que se atinge este estado alterado, este outro sistema de valores? E uma vez alcançado, como é que pode ser mantido? A resposta parece ser simples. Trata-se do denominador comum de todas as religiões. A humanidade é imortal, e aquilo que fazemos presentemente é aprender as nossas lições. Andamos todos na escola. É absolutamente simples desde que se acredite na imortalidade.

«Se uma parte da humanidade é eterna e existem muitas provas e história que nos levem a pensar assim, então porque é que estamos a fazer coisas tão más a nós próprios? Por que é que pisamos constantemente os outros para nosso "ganho" pessoal, quando na realidade estamos a esquecer a nossa lição? Tudo indica que o nosso destino final seja o mesmo, embora os percursos se realizem a diferentes velocidades. Ninguém é maior do que o próximo.

«Consideremos as lições. Intelectualmente as respostas estiveram sempre aí, mas essa necessidade de uma atualização pela experiência, para tornar permanente a gravação no subconsciente através de uma "emocionalização" e da prática do conceito, representa a chave de tudo. A memorização numa escola de fim-de-semana não é suficiente. Um serviço só de palavras sem a confirmação do comportamento não tem qualquer valor. É fácil ler ou falar sobre amor, caridade ou fé. Mas para o *fazer*, para o *sentir*, quase que se torna necessário um estado alterado de consciência. Não o estado transiente induzido pelas drogas, álcool, ou emoções inesperadas. O estado permanente é conseguido através do conhecimento e da compreensão. É sustentado pelo comportamento físico, por ações e heroísmos, pela prática. Adquire um sentido nitidamente místico que se transforma pela prática numa familiaridade do dia a dia, fazendo dele um hábito.

«Não nos esqueçamos de que ninguém é maior do que o seu próximo. É uma coisa que deve ser sentida. Ajudemos os outros na prática. Todos remamos no mesmo barco. Se não nos esforçarmos em conjunto, as nossas plantas irão sentir-se extremamente sós.»

Numa outra noite, num sonho diferente, fazia uma pergunta. «Como é que pode dizer que somos todos iguais quando existem contradições óbvias que saltam aos olhos: diferenças em virtudes, temperança, finanças, direitos, capacidades e talentos, inteligência, aptidão para a matemática, *ad infinitum*?»

A resposta surgiu sob a forma de metáfora. «É como se existisse um grande diamante dentro de cada pessoa. Imaginemos um diamante com uns 30 centímetros de comprimento. O diamante tem uma infinidade de facetas, mas estas estão cobertas de sujidade e alcatrão. A missão da alma é limpar cada uma das facetas até que a superfície esteja absolutamente brilhante e seja capaz de refletir um arco-íris de cores.

«Presentemente, houve alguns que limparam muitas facetas e apresentam um brilho intenso. Outros só conseguiram limpar um pequeno número de facetas; não cintilam tanto. No entanto, por baixo da sujidade, cada pessoa possui dentro do seu peito um diamante de enorme brilho com mil facetas cintilantes. O diamante é perfeito, sem uma única falha. A única diferença entre as pessoas reside no número de facetas que foram limpas. Mas os diamantes são todos iguais e cada um deles é perfeito.

«Quando todas as facetas se encontram limpas e brilhando intensamente num espectro de luzes, o diamante regressa à energia pura que havia sido originalmente. As luzes permanecem. É como se o processo de fabricar o diamante tivesse sido invertido e toda a pressão libertada. A energia pura existe no arco-íris das luzes, e as luzes possuem uma consciencialização e um conhecimento.

«E todos os diamantes são perfeitos.»

Por vezes, as perguntas são complicadas e as respostas são simples.

O que é que devo fazer?» perguntava em sonhos. «Sei que posso tratar e curar pessoas doentes. Vêm ter comigo em numero muito superior ao que sou capaz de atender. Sinto-me tão cansado! E, no entanto, como é que posso dizer que não quando a necessidade deles é tão grande e eu posso ajudá-los? Estará certo dizer "Não, já chega!"?»

«O teu papel não é o de salva-vidas» foi a resposta.

O último exemplo que vou relatar foi uma mensagem para outros psiquiatras. Despertei por volta das seis da manhã de um sonho em que estava a dar uma conferência, neste caso a uma vasta audiência de psiquiatras.

-Na corrida para a medicalização da Psiquiatria, torna-se importante que não abandonemos os ensinamentos tradicionais da nossa profissão, mesmo que estes possam às vezes ser um tanto vagos. Somos aqueles que ainda falam com os doentes, pacientemente e com compreensão. Ainda gastamos o tempo necessário para o fazer. Promovemos a noção conceptual de doença, curando com compreensão e com a descoberta induzida do autoconhecimento, em vez de nos limitarmos simplesmente aos feixes de laser. Ainda usamos a esperança na cura.

«Nos nossos tempos, outros ramos da medicina são da opinião de que estas abordagens tradicionais para uma cura são demasiado ineficientes e uma simples perda de tempo, para além de não serem substanciadas. Preferem a tecnologia à conversação, uma relação gerada por computador à relação pessoal médico-paciente, que cura o doente e dá satisfação ao médico. As abordagens da medicina idealistas, éticas e pessoalmente gratificantes estão a perder terreno para as abordagens económicas, eficientes, distanciadas e destruidoras de qualquer satisfação. Como resultado disso os nossos colegas sentem-se cada vez mais isolados e deprimidos. Os pacientes sentem-se empurrados e vazios, com a sensação de que ninguém se preocupa com eles.

«Devíamos evitar a sedução da alta tecnologia. Em vez disso deveríamos assumir um papel de modelos para os nossos colegas. Devíamos mostrar como a paciência, a compreensão e a compaixão ajudam tanto o paciente como o médico. Utilizando mais tempo para falar, para ensinar, para despertar a esperança e a expectativa de recuperação - essas qualidades semi-esquecidas do médico como curador - temos tudo aquilo que devemos usar, sendo ao mesmo tempo um exemplo para os nossos colegas médicos.

«A alta tecnologia é maravilhosa na investigação e para promover a compreensão dos males e das doenças humanas. Pode constituir um instrumento clínico de valor incalculável, mas nunca será capaz de substituir aquelas características pessoais e métodos inerentes a um verdadeiro médico. A Psiquiatria pode ser a mais dignificante das especialidades médicas. Nós somos os professores. Não devíamos abandonar este papel sendo assimilados, em especial agora.»

Ainda tenho sonhos deste gênero, embora só ocasionalmente. É freqüente, quando medito, por vezes quando vou a conduzir na auto-estrada, ou mesmo quando sonho acordado, virem-me à mente frases, pensamentos ou visualizações. Por vezes parecem ser muito diferentes do meu modo habitual de pensar ou de conceptualizar. Surgem muitas vezes em alturas certas e conseguem resolver problemas ou questões com que me estou a debater. Uso-os em terapia e na minha vida do dia a dia. Considero estes fenômenos como uma expansão das minhas capacidades intuitivas e sou influenciado por eles. Para mim constituem sinais de que continuo na direção certa, mesmo que tenha um longo caminho a percorrer.

Presto atenção aos meus sonhos e intuições. Quando o faço parece que tudo se encaixa no lugar adequado. Quando não o faço, há invariavelmente qualquer coisa que corre mal.

Ainda sinto os Mestres à minha volta. Não tenho a certeza de que os meus sonhos e intuições sejam influenciados por eles, mas julgo que sim.

Epílogo

O livro chegou ao fim, mas a história continua. Catherine continua curada, sem qualquer recaída em relação aos seus sintomas originais. Tenho tido o maior cuidado na regressão de outros pacientes. Sou guiado pelo conjunto de sintomas característico de cada paciente e pela sua aversão a outros tratamentos, pela capacidade de serem mais ou menos facilmente hipnotizáveis, pela abertura dos pacientes a esta abordagem, e por um sentimento intuitivo da minha parte de que este é o caminho certo que deve ser seguido. Depois de Catherine já fiz regressões detalhadas a múltiplas vidas passadas com cerca de uma dúzia de pacientes. Nenhum desses pacientes era psicótico, tinha alucinações ou experimentava a existência de múltiplas personalidades. Melhoraram todos de uma forma notável.

Os doze pacientes tinham passados e personalidade amplamente díspares. Uma dona de casa judia de Miami Beach recordava-se nitidamente de ter sido violada na Palestina por um grupo de soldados romanos, pouco depois da morte de Jesus. No século dezenove foi patroa de um bordel em New Orleans, viveu em França num mosteiro durante a Idade Média, e como japonesa teve uma vida angustiada. Para além de Catherine foi a única paciente que tive capaz de transmitir mensagens a partir do estado intermédio. As suas mensagens foram extremamente psíquicas. Também ela conhecia fatos e acontecimentos do meu passado. Tinha uma facilidade ainda maior de prever com exatidão acontecimentos do futuro. As suas mensagens vieram de um espírito particular e encontro-me presentemente a

catalogar cuidadosamente as suas sessões. Continuo a ser o cientista. Todo o material a respeito dela deve ser estudado cuidadosamente, analisado e validado.

Os outros não eram capazes de se lembrarem de grande coisa para além da morte, de terem abandonado os corpos e de flutuarem na luz brilhante. Nenhum deles foi capaz de transmitir mensagens ou pensamentos dirigidos a mim. Mas todos tinham recordações nítidas de vidas anteriores. Um brilhante corretor da bolsa vivera uma vida agradável, mas cheia de tédio na Inglaterra vitoriana. Um artista foi torturado durante a Inquisição espanhola. O proprietário de um restaurante, que não era capaz de conduzir sobre pontes ou em túneis recordava-se de ter sido enterrado vivo numa antiga civilização do Médio Oriente. Um jovem médico recordava o seu trauma no mar, quando era um viking. Um Diretor de televisão fora torturado em Florença seiscentos anos antes. A lista de pacientes não fica por aqui.

Estas pessoas também recordavam outras vidas. Os sintomas foram desaparecendo à medida que as vidas eram desvendadas. Presentemente cada um deles acredita firmemente que viveu antes e que voltará a viver. O seu medo da morte diminuiu.

Não é necessário que toda a gente se submeta a terapia de regressão, consulte psíquicos ou até mesmo se dedique à meditação. Todos aqueles que possuam sintomas incapacitantes ou preocupantes poderão optar por esta solução. Para os outros, manter uma mente aberta é o mais importante. Recorde-se que a vida é muito mais do que aquilo que os olhos observam. A vida vai muito além dos nossos cinco sentidos. Procurem ser receptivos a novos conhecimentos e a novas experiências. «A nossa tarefa é aprender, tornarmo-nos semelhantes a Deus através do conhecimento.»

Deixei de estar preocupado com o efeito que este livro possa ter na minha carreira. A informação que partilhei é muito mais importante, e se for considerada com atenção poderá ser muito mais benéfica para o mundo do que qualquer coisa que possa fazer no meu consultório numa base individual.

Espero que o leitor possa ter encontrado ajuda naquilo que acabou de ler, que o seu próprio medo da morte tenha diminuído, e que as mensagens que lhe apresentei sobre o verdadeiro significado da vida sejam capazes de o libertar para que possa viver a sua vida plenamente, procurando harmonia e paz interior e irradiando amor para todos os outros seres humanos.

Fim